

Revista do
Parthenon Litterario

ANO DE 1869



(Separata da Revista do
Instituto Histórico Geográfico do
Rio Grande do Sul)

N^os. 113 a 116



1951
Officinas Gráficas da Imprensa Oficial
PORTO ALEGRE

A REVISTA DO "PARTENON LITERÁRIO"

Graças à generosidade do sr. Alvaro Porto Alegre, ilustre filho daquela figura exponencial da intelectualidade rio-grandense que foi Apolinário Porto Alegre — alma e cérebro do Partenon Literário — nos é hoje possível realizar um velho sonho há muito acalentado, de reeditar o primeiro ano, que vai de março a dezembro de 1869, da famosa "Revista do Partenon Literário", já hoje tão rara, mesmo nos seus fascículos esparsos.

Os folhetos relativos a êsse primeiro ano são incontestavelmente os menos contraditórios, não sendo conhecidos outros, em coleção completa, sinão êstes que nos estão valendo para a reimpressão, ora iniciada, das várias séries que foram aparecendo no decorrer do decênio subsequente ao número inicial.

Nem por ter preferencialmente um caráter literário, menos merecida se nos afigura a reedição nesta "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul", dada a abundância de fatos que narra ou registra, dada a messe de documentos que divulga, dadas as teses de caráter histórico que, sustentadas em plenário, foram assim tornadas públicas, dada a soma de lendas, expressões e termos nitidamente regionais que ficaram, assim, resguardados para o futuro. E mesmo na poesia — que prolifera em alguns números — têm muitas das produções o caráter patriótico tão ao gosto da época, o que lhes dá sabor e expressão que bem se afeioam à indole desta nossa publicação.

Alentado trabalho crítico, abrangendo toda a coleção da "Revista do Partenon Literário", tem-no ainda inédito o aludido sr. Alvaro Porto Alegre, que o dedicou à Academia Sul-Riograndense de Letras, como contribuição ao 1.º Congresso de Escritores Gaúchos, programado em 1948 pela mesma entidade. São dêsse trabalho os apontamentos abaixo sumariamente reproduzidos, que bem discriminam as diversas séries aparecidas de tão importante órgão, símbolo, na opinião douta de João Pinto da Silva, da fase de mais intenso labor espiritual do Rio Grande do Sul.

Eis, data venia, o resumo dessas notas:

"O Partenon Literário, fundado na cidade de Porto Alegre no dia 18 de junho de 1868, teve a sua revista, que iniciou a publicação em março de 1869, prosseguindo com toda a regularidade até fim do mesmo ano. De janeiro de 1870 a junho de 1872 deixou de aparecer, tendo começo a segunda série em julho de 1872, havendo, pois, uma interrupção de dois anos e meio. Foi normal a publicação até maio de 1876, quando novamente sofreu um interregno de cerca de quinze

mêses. A terceira começou em 15 de agosto de 1877 e se estendeu até a primeira metade de 1878. Houve, depois, uma suspensão mais ou menos longa, até que em abril de 1879 surgiu a quarta série, de curta duração, uma vez que o derradeiro número parece ter sido o de setembro do mesmo ano.

E a notável associação, pelos documentos existentes, arrastava em abril de 1885 penosa existência, parecendo definitivamente interrompidas as suas atividades mais ou menos em tal época”.

N. R.

REVISTA MENSAL
DA
SOCIEDADE
PARTHENON LITTERARIO

I Anno — Março de 1869. — N.º I

—o-O-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO
PORTO ALEGRE

1869

COMMISSÃO DE REDAÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Apolinario Porto Alegre.
Lucio Porto Alegre.
Aurelio V. de Bittencourt.
Juvencio A. de Menezes Paredes.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDATOR DE MEZ

Apolinario Porto Alegre.

PROGRAMA

O dia 18 de Junho de 1868 marcou uma grande época.

Ergueu-se um monumento.

Os alicerces foram lançados sob os auspícios de horrenda tempestade... Parecia que terra e céus conspiravam contra uma idéa em sua sublime realisação.

Havia tudo a vencer, tudo a crear sem o sorriso lisonjeiro da esperança, sem as cambiantes de amena aurora, sem uma palavra de animação!

Os alvaneis do Parthenon eram apostolos d'uma crença, como o foram Cephas e Paulo; a uns e outros assistiu a mesma energia moral.

O culto ás letras constitue tambem uma religião, e, como toda a religião, não deixa de ter: um colissão de martyrio, uma corôa de espinho e uma apothéose sobre a lápida que revestil-o.

O dia 18 de Junho abriu o cyclo litterario na provincia, que até então, não podéra reunir um nucleo, onde a luz civilisadora se concentrasse nos certamens scientificos, nos pleitos da tribuna e na discussão transcendente sobre o verdadeiro, o bem e o bello.

É verdade que o pacto fundamental de nossos direitos realisára duas magesticas manifestações da liberdade e do pensamento: a imprensa e as camaras; porém, perguntamos: Essas duas formulas satisfazem as aspirações do espirito?

Não.

São realmente arenas para o desenvolvimento de intellectualidades; mas restrictas, mas de angusto ambito para os anhelitos de um povo que pensa e é livre.

O rosto popular abrange limitado numero de individuos, acrescentando que as questões ventiladas não podem affastar-se de certa e determinada esphera, como: os melhoramentos locais, a lucta e embate de idéas politicas, e em geral a jurisprudencia em suas varias irradiações.

No perimetro da imprensa quaesquer pensamentos podem ser exhibidos; porém, inda perguntamos: Nossa imprensa satisfaz essas condições?

Não.

Exuberantes causas impedem-n'a. Primo, emprezas d'essa ordem luctão com o indifferentismo e o elevado custeio que requerem; segundo, quando não frizão-se aos interesses do commercio e industria, é quasi certo morrerem em embrião, motivo por que quasi todas são mercantis, excluindo mil outros modos da vida intellectual.

Além d'isso a receita mal cobrindo o dispendio, como podem consentir gratuitamente trabalhos litterarios e scientificos?

Por tanto nem os prelos, nem os comicios provinciaes não preenchendo em toda a latitude os fins de sua criação, não podendo realisa-los na estreiteza das orbitas actuaes, não sendo mesmo de sua alçada a multiplicidade de conhecimentos, é certo que havia necessidade imperiosa d'uma nova instituição.

Esta, graças á boa vontade de alguns obreiros que medem a grandeza da obra pela extensão do sacrificio, veio felizmente a lumes.

É o Parthenon litterario.

Referir como elle nasceu, foi e é — é formar uma cadeia com a serie de acontecimentos e peripecias por que tem passado, com as phases luctuosas de sua existencia e dizer-se:

Se ha élos que recordão glórias, comprarão-n'as angustias supernas, constantes luctas contra o scepticismo social, que ameaçava abater a cupola do monumental edificio.

O Parthenon creou uma tribuna, para a pugna oratoria; uma bibliotheca, onde reunirá as obras mais importantes relativas á grandiosa trindade de seus estudos: philosophia, historia e litteratura; aulas nocturnas para os socios que quizerem dedicar-se sem difficuldades ao grangeio da sciencia; e afinal uma revista tão necessaria, como as outras creações.

Porque creou a ultima?

Na antiguidade o vôo e exhibição de ideias não tinha, como nos tempos modernos, limites emquanto ao local.

Aristoteles ensinava passeiando nas galerias do Lycêo, Zeno entre os fustes do Pecilio, Platão á sombra dos plátanos e oliveiras á margem do Cephiso, Socrates não desmerecia indo discutir com Aspazia em companhia de seus discipulos. As praças, ruas, porticos, alamedas e gymnasios servião de tribuna, de escola e de academias.

Hoje o invento de Guttemberg e Faust veio supprir esta falta.

Assim o comprehendeu o Parthenon, creando a revista mensal, que, vehiculo poderoso, irá ao longe levar os fructos de seus talentos e luctações.

Creando-a, porém, exara em seu frontespicio a celebre divisa de Rousseau:

"Vitam impendere vero."

Levitas sinceros d'um culto não podem ter outra legenda.

As auras beneficas da patria a protejão.

Deus lhe dispense terno amor, como á vestal que guarda eterna sua capella de laranja.

A geração, que encontramos ao transpor os umbraes da existencia, tenha para a planta do nosso amor ao menos um sorriso que vivifique, um vislumbre de animação, que, como o orvalho das noites, lhe inno-cule seiva e vigor, dando-lhe belleza e graças, fazendo a produzir flores balsamicas e fructos doirados.

A semente está lançada nos camalhões da litteratura.

Deem-lhe cuidados, e, em breve, gemmando a folhagem ao sol do favoneio publico, ha de ressarcil-o cabal e latamente.

Se algum espirito sceptico então surgir, como Hamleto, lançando-lhe um rizo de sarcasmo, um olhar de duvida, temos por unica resposta ao arúspice de infortunio, só duas palavras de S. Agostinho: "Tole, lege."

Erga-se e leia.

São as primicias da mocidade rio-grandense, que, arcando em extrema lucta contra a indifferença geral, tem odio para o passado, coragem para o presente e esperança para o futuro.

OS PALMARES

ROMANCE HISTORICO

POR

APOLINARIO PORTO ALEGRE

—xXx—

INVOCACAO

Manitô das noites, da americana terra, escuta.

A brisa florestal perfumada nos calices da vegetação de Santa Cruz, ao tom de harmonias eolias, indolente desliza, na umbella do arvoredor. A natureza dorme então; mas pulsa-lhe o seio virgem, onde morão castas emoções; mas seu labio em sonhos desfere melicas notas, um tremulo abemolado, como os accordes de mourisca doçaina.

Não ouves? A natureza murmura pela voz da brisa: Colombo!

Colombo! Só repercute. E esta terra no desbotoar da pubescencia, ébria da volupia do primeiro amor que lhe esfolára o coração, estremece! Oscilar de virgem, em ondas de rubor, ouvindo o nome do que ama!

O marulho do oceano trouce um gemido á ourela das praias.

O jacy, triste como os múrmures da casuarina em horas mortas, soluçou no fastigio da montanha.

Das graníticas grutas dos Andes, circundadas de igneas cráteras e frigidós avalanches, o estridulo de azas, que se desatão, ouviu-se e reboou nos valles. O condor sopezado na amplidão dos céos, á luz das estrellas, bradou em sons de bronze: Colombo!

O Atlantico bufou n'um vagalhão das ribanceiras européas: America!

Maldição! Trovejou Tupan na magestica Borborema. E o echo cavernoso e horrivel levou sua voz d'um hemispherio a outro hemispherio.

Inda ajuntou o soberano da tempestade:

— Vomita tua prole nas terras nativas de Tupan, ó estranha gente de ultramar; vomita com ella teus vícios e crimes, como o fogo destruidor de tuas armas. Cresção em numero, como o mangue dos barrancos, como as luzes do céu, como as areias do mar, cresção, e um dia o braço de Tupan tornará em pó a ambição do forasteiro.

E quaes multiplos echos de petardos que detonão, sua diapazão foi lento e lento echoando nas cordilheiras.

Ingratidão! Injustiça! Repetirão os seculos até a eternidade! Até o derradeiro dia dos dias do mundo.

Ouviste, Manitô, viste tudo isto?...

Pois bem. Corre a cortina do esquecimento sobre a tela, onde a recompensa do genio é um padrão de agonias.

Lápida pezada, como a mole das teocallis, anegue a iniquidade do

mundo, assim como os pégos dos rios sepultão nas aguas turvas e estanques o aspecto da socuriuba!

Manitô das noites, da americana terra, escuta:

— Vai, teu sceptro rompa o sello d'um moimento na fanatica Madrid; desperta á sombra dos cyprestes seculares o bispo de Chiapa.

Vai, e vem derramar-me n'alma as melodias de tua voz, e os trovões de tua colera; quero erguer-me e cinzelar na patria historia — esquecida lucta da liberdade contra a servidão e da servidão contra o senhorio.

QUADRO I

VISÃO SECULAR

Eil-o que vem nas plagas da patria!

Luminosa auréola lhe inunda as faces, reflectindo no argento da fronte!

Serena placidez se espaneja em seus labios, semelhante ao brilho da lua na tez d'um lago de berillo, na zona torrida...

Divino e augusto é o porte do santo varão. Dir-se-hia um indigite engolphado nos raios de extreme gloria.

Traja alvas roupas tálares, brancas como o collo do jaburú que passeia galhardo no debrum chrysopræzeo dos regatos, brancas como os flócos de seda que a paineira desfia ao bafejar das auras!

Porém, entre os supercilios, um vinco se desenha; ahi paira um mysterio profundo, uma lenda de intima melancolia. O temporal cava a face lisa dos mares. O corisco sulca o céu de bonanças.

Que ideia triste adeja no semblante — manancial de doçura e sympathy?

Quem o sabe?!

Caminha a passo lento, a quem de S. Francisco, envolto nos folhos d'uma nuvem esplendida, como o sacrario de seu coração. Assim vem a flôr da carnaúba, dentro do espatho, antes de aspirar o effluvio mephytico da terra.

Qual, porém, o vulto que occupa cada uma de suas pégadas, e o segue, como a sombra par do corpo?

Veste negra tunica. A ave dos cadaveres não tem mais negra aza.

Traz carregado o cenho sombrio, aninha n'alma uma noite de borascas. Em seus olhos mora a caipóra dos paues, e a luz, que instillão, queima como o cótão caustico da taturana. Seus labios, se vertem alegria, semelha á da boiquira, que magnetisa a insonte prêa.

Manitô das noites, da americana terra, tu que afugentas os maus espiritos das matas e das ondas, diz: Quem é o lugubre phantasma?

Um peito suspirou o farfalhar de mysticas melodias.

— Como podêra sabê-lo? Não pediste um? Um o tens... Talvez o carancho fareje a juryty!...

— D'onde veio?

— Desde as terras, onde o sol nasce, o vejo sinistro caminhando.

— Onde limita-se teu poder?

— Nas praias onde o mar traça seus dominios.

— E o deixas avançar impune?

— Não afugento a ignotas sombras.

E breve cicio cruzou os ares e tudo emmudeceu.

Então a lua alevantava das aguas, fresca e limpida, como a garça de nitidas plumas; e perpassando lesto seu olhar pelo dorso do plaino liquido, foi espreguiçar-se no verde avelludado dos convalles e serranias.

A nuvem rompeu a placenta e deitou na alcatifa do prado as duas sombras.

O negro espectro acercou-se do bispo de Chiapa. Este voltou-se surpreso.

Amargas lembranças traduziu lhe o rosto.

— Ainda tu, Sepulveda!

— Ainda e sempre, regougou.

Não era mais feroz o ronco da ariranha na profundidade dos peráos.

— Hoje a que vens n'estes sitios?

Sorriu fatalmente, e disse:

— Contemplar tua obra.

— Nem o gelo do tumulto extinguiu os éstos de odio que apregoavas com affã, a sêde de sangue que nada saciava?

— Julgavas que eu deixaria sobranceira tua doutrina?

— E a eternidade?!

— Eternidade! E' tarde, Las Cazas. Deixa-me prosseguir meu caminho. Aqui bifurca-se a estrada em dois ramaes, tu irás por um, eu por outro: mas antes quero rir-me aqui do véo de desgosto que ha de velar-te os traços.

— Que mau pensamento te entenebrece os olhos d'alma? Serás tão requintado monstro como me queres fazer crê-lo?

— Embora! Venci-te sempre!

— Para desgraça do genero humano! Tu, em nome de Christo, pedias a destruição e captiveiro dos miseros selvagens, eu seguia trilho opposto: em nome do mesmo Christo invoquei a proteção dos povos civilisados para elles.

— E que resultado tiveste de tantas fadigas?

— Tu o sabes! E vergou a fronte nas dobras da mais funda melancolia.

Sepulveda riu desmesuradamente. Era um rir satânico sobre as misérias de proscripta raça.

O silencio restabeleceu-se entre ambos.

Só o respiro offegante da floresta sob a pressão da aragem quebrava a magica mudez que os cercava.

Ao longe, cinco leguas talvez, lobrigava-se a columna de evaporação de Paulo Affonso, que, aos reflexos do luar, despedia em todos os sentidos espadanas de catasoes, rútilos variegados, mimosos cambiantes, e formava tão fulgidos prismas, que a imaginação inebriava-se, contemplando-os.

Era um dos painéis sublimes do solo em que nasce a ibirapitanga!

Ambos estatelavão pasmos de admiração.

A alma de Las Cazas iriava-se no fuste d'aquella columna diamantina que parecia unir céos e terra. Sepulveda cerrava os olhos, porque seu espirito repellia tanto esplendor!

O mio d'um jaguar penetrou a solidão.

Sepulveda sahiu do recolhimento, espaireceu a vista em torno, e o primeiro fallou:

— Subamos á cimeira d'aquella penha, onde as nevoas dormem.

O outro não respondeu, caminhou.

D'alli largo espaço devoravão os olhos.

— Lembras-te, Las Cazas? tornou o pallido espectro, decorridos alguns minutos. A clepsydra do tempo gota a gota sorveu dois seculos! Ha duzentos annos eramos os chefes de arraiaes contrarios. Eu vertia os sentimentos do Vaticano, o cercilho e a estamenha erão laços que me prendião . . .

— Nunca! e o mesmo aziago sorrir tingiu-lhe o beijo cardeno.

— Ante o dever não surgem laços e lianças, ha a consciencia e Deus, como fanaes na senda da vida.

— Fui um fanatico ou um hypocrita, não é?

Chispas ardentes fugião-lhe das orbitas, a voz estrebuxava na larynge e a colera crispava cada um dos seus movimentos.

— Como unica objecção, retrucou o bispo, com serena placidez, tens meu exemplo. A cegueira do fanatismo, como o fumo da caroba, não cegou-me; não velei o rosto, mentindo ao mundo e ao coração, para carear gozos temporaes.

O assecla de Cayetan enristava o corpo esguio, suas feições tomavão a expressão hedionda da iracundia.

O rosto de Las Cazas coava suave e pura luz. Era um diamante á borda do Itamarandiba, reflectindo as resteas que uma estrella lhe envia.

O manitô das noites desfraldou a rémige de ouro incrustada de esmeraldas e rubins, e interceptou o gesto feroz do medonho trasgo.

Depois o socego desceu ao seio, onde a cólera abria as azas de chammas, e o sangue bulhava, como a ebullicão da pororoca.

O manitô ergueu o vôo e pousou na ponta d'um rochedo alli perto, onde uma fonte, derramando langues suspiros em rythmo ignoto áqueles sitios, corria em fios de chrystaes.

As espheras celestes proseguirão a eterna róta, a lua ia alta e a anhupóca pouco depois que ella apontára, havia descartado por entre a franja das selvas.

Em remota distancia, nas fraldas d'um morro, scintillavão os fôgos d'uma povoação, quasi extintos. D'ahi uma legua no manto denso das brenhas, volumoso vulto serpejava na sombra, como a caninana por entre a folhagem; á revêzes, quando um raio da lua cahia sobre elle, espadanava reverberos de damasquina lámina.

Dor profunda humectava a palpebra ao veneravel ancião, aljofares sobre aljofares resvalavão-lhe pelas faces, tal o cahuchú ferido pelo bibenne do trabalhador.

Porque chorava tão nobre coração?

— A quem assistia, pois, jus e razão?

Pronunciou Sepulveda, arancando-o á effusão sincera d'alma recolhida nos ultimos reconditos. Choras!

Frio glacial derramava sua voz no ambiente fervido d'essa zona; echoava sinistro como o pio da strige na crypta, onde repousão os camucins d'uma geração que foi.

Elle proseguiu:

— Suggere-te o passado tristes reflexões a que . . . ?

O outro atalhou:

— O passado!? Que importa?! Plantei boa semente, que não vingou no futuro!

— Que importa!? O que lamentas então?

— Um erro só me punge cruelmente.

— Então erraste?! E sorriu sardonicamente.

— Sim, fallibilidade de nossa essencia . . . cahi, victima de preconceitos.

— E me accusas! bradou com vehemencia! O' venci-te, minhas doutrinas germinarão na posteridade, que succedeu-nos, e a cada exploração ao Novo Continente, eu alcançava nova victoria. Cortez, Pizarro, Almagro, Valverde e tantos outros forão meus apostolos. Venci-te, Las-Cazas!

Taes palavras comprimirão o coração do bispo de Chiapa, como o bramir da tempestade confrange a flor do cacto.

Cahiu de joelhos, exclamnado:

— Meu Deus! Ha quem regosije-se pelo mal!

A terrivel voz estrugia:

— Querendo deter a irrefragavel sorte dos indios, propuzeste a

substituição pelos filhos da Ethiopia. Que generosidade havia em semelhante acto? A sorte das armas decidira a servidão dos indios, e disseste: Deixem os vencidos e tragão aquelles que, livres vagueião nos páramos africanos! . . . Vês? Aquelles fôgos que lampeão ao longe, são de Jubupira, cidade de negros revoltosos; e n'aquella floresta caminhão brancos sequiosos de vingança. Amanhã a morte alli entrará, e com os dedos ensanguentados tocará desde a criança ao collo materno até o octogenario de debeis forças! Amanhã, inda que seja sob lagea da tumba, bradarei:

— Las-Cazas, agora venceste!

Se ambos peccamos, igual sentença nos está reservada.

— Christo! . . . Christo! Tu conheces minha innocencia!

Estrondosa gargalhada resoou . . . rir de Anhangá sob o campo da pugna, coberto de cadaveres, juncado de moribundos, banhado de sangue . . . rir medonho e cruel!

Las-Cazas ergueu o porte magestoso, destendeu a dextra para o oriente:

— O sol vai nascer junto a um lago tão negro e infecto, como tua alma, e junto ao Josaphat, onde o Senhor hã de um dia distribuir justiça . . . Até lá . . .

— Até a eternidade! repetiu ironico.

O macuco cantou.

Os primeiros alvares do dia doiravão a fimbria do horisonte.

Uma nuvem auri-rosea na asa de colibrios arrebatou a deslumbrante visão de niveas roupagens.

Sepulveda só, debatia-se como preso ao sólo.

O manitô collocou-se a seu lado.

Sua physionomia doce e terna tinha então o sello da calma precursora da tempestade.

As pennas do acangatar murmuravão sons incognitos e mysteriosos. Talvez, qual o oceano, presagiavão os pegões do vendaval.

Crusos os braços sobre o seio media da cabeça aos pes a tétrica lamia.

Dirieis um emissario de Deus ante o prescito, a quem vai descarregar tremendo castigo.

— Eras tu?! disse alfim.

E sua voz já não vertia notas doces, doces como os favos da jatý; era como os aculeos da flor da jurumbeba: esta tão bella na palma provoca a cupidez de incauta mão, e fere se a tocão. Assim sua voz magoava quem o ouvisse.

— Eras tú, a ave maldita que cantou sobre o copé dos filhos de Tupan?

Sepulveda tentou fital-o. Em vão! Os resplendores, que rescendia, o deslumbrarão.

O sol afaga a luz nas retinas do vampiro.

Eras tu! E o maracá souou com mais pujança do que quando ruge nas mãos dos moçararas ou piagas.

O penedo nutou até as visceras a súbita e estranha detonação.

— O' Deus da Galiléa, salvai-me!

Exclamou o espectro de tunica mais negra que a pluma do urubú, genuflexo, as mãos esguiadas para o céu.

— E' tarde! tua eternidade começa!

Articulou uma voz na extrema do horisonte.

O manitô tocou com o — curabi do mando a rocha, que abriju lar-go abysmo sem ralos.

Um ai se ouviu e como o choque do corpo que vai rolando nas trevas d'um despenhadeiro, rompendo aqui denso manto de arbustos, lá chocando uma protuberancia de pedra e argila.

Simultaneamente no espaço resou o estridor de azas que se desferião aos ventos do infinito.

A estrella da manhã paltejava.

Lá vai o genio tutellar das duas Americas; lá vai magestoso para a região sombria além da montanha, onde vagueião as sombras de tantos guerreiros!

Vai, descansa que o raio timido do crepusculo te ha de despertar.

Dorme então... que á noite Cururupiras dormem á sombra do arvoredó.

(Continúa)

PARECER

SOBRE A THESE PHILOSOPHICA:

Se o suicídio é ou não justificavel?

Collocado o homem n'este mundo, deveres lhe forão impostos, para, pelo cumprimento d'elles, poder chegar ao fim para que foi creado.

Este fim ninguém contestará; pois qualquer que medita sobre as obras do Creador, vê que, tudo n'este mundo devendo ter um destino, visto que a Suprema Sabedoria tudo fez intencionalmente, o homem, a obra prima da criação, não pôde ter sido excluído da intenção divina.

Conhecer e amar seu Creador, eis o destino do homem. N'este mundo é-lhe impossivel cumprir no todo esse dever; deve esperar completal-o em uma vida futura em que crê e espera por motivos de sua mesma criação; pois, dotado de intelligencia e consciencia, e — valendo a sua alma mais que a reunião de todas as creaturas — na phrase eloquente de Baguenault, não deve esperar sorte igual destinada aos outros seres. Aquelle, pois, que compenetra-se da verdade do seu destino, crê na — Immortalidade —.

Tem o homem a cumprir: deveres para com seu corpo, para com sua alma, para com seus semelhantes e para com Deus. A these em questão está incluída nos deveres do homem para com seu corpo. Estes estão debaixo das duas maximas seguintes: I — Preserva teu corpo de todo o ataque á sua conservação e a seu desenvolvimento normal. II — Serve-te de todos os meios proprios para a fortificação e perfeição de teu corpo. (Saisset.)

Claramente se deduz das duas maximas que o dever de não attentar contra a sua vida, as abraça, e que está acima de todos os deveres para com o corpo.

Commette 3 grandes crimes o suicida: contra si, contra seus semelhantes e contra Deus.

1.º Contra si. — Esquece os deveres que lhe forão impostos para com seu corpo; priva-se de um bem que lhê foi dado para chegar um dia a gosar do seu Creador, tendo sabido comprehender esse bem; prepara para si um abysmo, d'onde já-mais sahirá, pois esquece-se da vida futura e da justiça de Deus.

2.º Contra seus semelhantes. — É-lhe indifferente a obrigação imposta a esse respeito nas duas maximas: I — Não impede a teus semelhantes de irem a seu fim. II — Ajuda a teus semelhantes a conseguirem o seu fim. (Saisset.)

Pela 2.ª d'estas maximas está o homem obrigado a exercer, quanto lhe fôr possivel, todos os beneficos para com seu proximo, já ajudando-o na sua subsistencia, já acompanhando-o em seus soffrimentos, dando-lhe beneficos conselhos, já finalmente servindo-lhe de exemplo na paciencia e resignação com que encara a dôr, o despreso do mundo e as suas misérias. O suicida, pois, esquece esses deveres, e entende não causar damno algum á sociedade.

3.º Contra Deus. — Despresa a palavras da supplica que J. Christo ensinou a seus discipulos: Seja feita a vossa vontade (Saisset), sendo esta que cumpramos todos os nossos deveres; da vida que Deus lhe concedeu para usufruir, destitue-se como propria, e pensa a ninguem dar contas de seus actos, pois com o ultimo que pratica, entende acabar-se tudo.

Nem se diga que o suicida pratica um acto livre, porque não reflecte sobre elle; e para robustecer o avançado citarei um argumento de Mr. de la Luzerne em que diz: Só é livre o que é voluntario; só é voluntario o que é feito com conhecimento e reflexão. Assim nossos actos irreflectidos não são — actos livres.

Conhecimento e reflexão são predicaos que nego ao suicida.

Em eloquentes phrases descreve o conselheiro Bastos o suicidio: "Elle póde matar a esposa na acção de a beijar, o amigo na acção de o abraçar, o magistrado na acção de lhe fallar em justiça, o soberano na de lhe pedir alguma graça, e depois embeber o punhal ensanguentado em seu proprio seio."

Devemos resignar-nos com a nossa sorte, e tendo sempre em vista, como bons christãos, as palavras da Imitação de Christo, citadas por Mr. Rattier em seu tratado de philosophia: — Na cruz está a força d'alma, na cruz a alegria do espirito, a consummação da virtude, a perfeição da santidade...

Assim tudo está na cruz, e tudo consiste em morrer. Só ha um caminho que conduz á vida e á verdadeira paz do coração, é o caminho da cruz, e de uma mortificação continua.

Não: o suicidio é um crime, e os crimes d'esta ordem não se justificão; só podem commettel-o, ou o louco sobre quem as faculdades d'alma não tem poder, ou o materialismo para quem o dogma da immortalidade é uma chimera.

José Theodoro de Sousa Lobo.

Porto Alegre 20 de Junho de 1868.

1.ª SESSÃO ORDINARIA EM 10 DE JANEIRO DE 1869.

Presidência do Sr. Vasco de Araujo.

A's 8 horas da noite, reunidos 20 Srs. socios, abre-se a sessão. E' lida e sem debate approvada a acta da antecedente.

Os Srs. Aurelio de Bittencourt, José Bernardino dos Santos e Achylles Porto Alegre requererão que se agradecesse a todos os Srs. socios e mais pessoas que coadjuvarão a comissão theatral nos seus trabalhos para o espectáculo em beneficio da bibliotheca.

Foi lida a 1.ª acta da comissão de arrecadação dos livros, que foi á archivar.

Forão acceitos 3 socios effectivos.

Foi sem debate aprovado um requerimento do Sr. Aurelio, em que pedia que se exigisse do socio correspondente na cidade do Rio Grande, Sr. Alfredo Luiz de Mello, copia das melhores poesias e uma noticia circunstanciada sobre a vida de D. Delfina da Cunha, que residiu na villa de S. José do Norte, e a quem denominavão — Delfina a cega. —

Pelo Sr. 2.º orador forão cumprimentados dous novos associados. Participando o Sr. 1.º Secretario que o socio effectivo Sr. José

Theodoro de Sousa Lobo se retirára para a côrte, pelo que passava a ser considerado correspondente, procedeu-se á eleição para a vaga deixada na comissão de philosophia. A escolha recahiu no Sr. Luiz de França Almeida e Sá, que pouco depois foi sorteado para dar parecer sobre a these: — **A guerra tem sido ou não útil á humanidade?**

O Sr. Appollinario Porto Alegre requereu a demissão do presidente honorario Dr. José Antonio de Valle Caldre Fião, por não ter S. S. communicado ainda se acceitava a nomeação.

Fallarão sobre o assumpto os Srs. França, Appollinario, Barrão e outros, concluindo a discussão com a approvação de um requerimento do Sr. José Bernardino, pedindo uma sessão extraordinaria para o dia 17, afim de então tratar-se de diversas questões de transcendencia e urgencia.

Levanta-se a sessão ás 9 3/4 horas da noite.

O 2.^o secretario,
Aurelio V. de Bittencourt.

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 17 DE JANEIRO DE 1869.

Presidencia do Sr. Vasco de Araujo.

A's 11 horas da manhã, presentes 22 Srs. socios, abre-se a sessão. E' sem debate approvada a acta da antecedente.

Foi lido um officio do Sr. Manoel Corrêa da Silva Netto, pedindo demissão por achar-se enfermo, e assim não poder comparecer ás sessões.

Outro do Sr. Dr. José Antonio do Valle Caldre Fio, explicando os motivos pelos quaes deixou de responder em tempo ao officio que se lhe dirigiu, communicando-lhe ter sido eleito presidente honorario.

Outro do Sr. José Bernardino, autorisando o Sr. Appollinario Porto Alegre a votar por elle na eleição de nova directoria, á excepção de alguns cargos, visto achar-se gravemente enfermo. Consultada a casa, por maioria de votos decidiu que não fosse acceita a procuração.

Forão acceitos 5 socios effectivos.

O Sr. 1.^o orador cumprimentou a um novo associado, que tomara assento.

Apresentados pela respectiva commissão, forão discutidos e approvados, com as emendas offerecidas, os novos Estatutos. Notando a falta da parte relativa ás aulas nocturnas, o Sr. Vasco de Araujo pediu explicações á commissão, travando-se largo debate entre os Srs. Affonso, Appollinario, Vianna e Lucio Porto Alegre. Foi marcado o praso de 15 dias afim de ser apresentado o respectivo projecto, sendo nomeado para fazer parte da commissão o Sr. Aurelio, em substituição do Sr. Affonso, que pedira exoneração.

Foi sem debate approvado um requerimento assignado por dez membros da directoria, pedindo as suas exonerações dos cargos que occupavão.

Procedeu-se então á eleição de nova directoria, cujo resultado já é conhecido pela publicação das folhas diarias.

Adiantada a hora, o Sr. presidente designou o dia 24 ás 5 horas da tarde para a posse da nova directoria, e levantou a sessão ás 3 horas da tarde.

O 2.^o secretario,
Aurelio V. de Bittencourt.

2.^a SESSÃO ORDINARIA EM 24 DE JANEIRO DE 1869.

Presidencia do Sr. Vasco de Araujo.

A's 8 horas da noite, reunidos 22 Srs. socios, foi aberta a sessão. E' sem debate approvada a acta da antecedente.

Foi lida a acta da 2.^a sessão da commissão encarregada da arrecadação dos livros para a bibliotheca.

Forão acceitos 7 socios effectivos e 5 correspondentes, sendo 4 d'estes residentes em Pelotas e 1 no Rio Grande.

Foi conferido o titulo de socios honorarios aos Exmos. Srs. Dr. Antonio da Costa Pinto Silva, D. Seasbtião Dias Larangeira, Conde de Porto Alegre e coronel Filippe Betbezé de Oliveira Neri.

O Sr. Lucio requereu que quanto antes se tratasse da impressão dos Estatutos. Depois de ter fallado o Sr. Appollinario, foi approvado o requerimento.

Tendo o Sr. Victorino José dos Santos Azevedo officiado á casa, pedindo a sua exoneração de membro da commissão encarregada da confecção do regulamento para as aulas nocturnas, depois de ter orado o Sr. Menezes Paredes, foi-lhe concedida a exoneração; sendo nomeado para substitui-lo o Sr. Appollinario.

O Sr. Vasco de Araujo leu em seguida um breve relatorio sobre a marcha da associação, convidando depois o Sr. Ernesto dos Santos Paiva a tomar o seu lugar, por ter sido eleito presidente effectivo.

Este, tomando posse, n'um curto discurso agradeceu a honra que merecera, prometendo esforçar-se quanto podesse para elevar o **Parthenon** á altura que lhe compete.

Não havendo mais nada a tratar-se, por não ter sido apresentado o parecer sobre a these philosophica, levantou-se a sessão ás 9 horas.

O 2.^o secretario,
Aurelio V. de Bittencourt.

UM CONTO COMO MUITOS

PRODROMOS.

Corria o anno de 1867.

Estava-se no mez de Julho, mez de geadas hybernaes e calores de verão.

Os camponezes não sabião mesmo a estação por que passavão.

Proseguia activa a farinhada; porém, lá vinha um dia em que a massa da mandioca azedava no côcho ou fazia estalar o ordume dos tipitins nas prensas.

Era um mez maldito!

Até a propria gramma dos prados que começava a pungir viçosa e com alegria do gado magro e famulento, se crestava ás bâtegas de gelo e aos anhéritos do minuano!

Por certo o diabo andava ahi.

Andava . . . ninguém o duvida.

A prova, leitor, tereis no seguinte conto que, apesar de dar ensanchas á critica ronceira dos . . . (não diremos de quem . . .) apesar de mil defeitos, tem a boa qualidade de ser veridico. E' o que póde resarcil-os, em nossa humilde opinião.

Porém . . . ao conto!

A POSSESSA.

I. — PRELECÇÕES SCIENTIFICAS!

A sciencia de Hypocrates modernamente fez uma descoberta que vai muito d'encontro aos livros sagrados. Só por tamanho sacrilegio o Papa e seu illustre conclave de harretes rubros devia pôr no Index a todos os medicos, cirurgiões, pharmaceuticos e a uma quarta classe composta dos discipulos de Hahneman, e de doutores dentistas que especulão com a saude e com os queixos publicos, como com qualquer empresa de caminhos de ferro ou cambios. Um reparo ainda. Não eximimos os medicos europeos importados para o Brasil com diplomas extra-muros. Talvez sejam mais perigosos!

Santo Padre, Index com elles . . .

Negarem verdades da Biblia! Que audacia!

Vaticano fulmina, fulmina sem remissão.

Recorda aos herejes as torturas de Galiléo que asseverava a fixidade do sol no centro do systema planetario; a peregrinação expiatoria de André Vesale a Jerusalém; a illustração dos padres de Salamanca discutindo com Colombo.

Isto sim, é bello, é sublime!

Ora! A medicina estabelecer que o diabo não entra no corpo de ninguém! E' heresia profunda.

Dizer que os possessos da Escriptura não são senão doentes do — nervoso! Paradoxo estúpido! Como póde crer-se semelhante cousa?

N'aquelle tempo Deus era differente do Deus de hoje. A civilisação o transformou completamente.

Esquivo e talvez tambem de casaca e luvas de pellica, não queira emparelhar connosco.

Outr'ora pastoril, com ares de mestre de escola ensinava a humanidade. Os dous testamentos que deixou depois de sua morte no Golgotha, constituem sua sciencia e seu ensino.

Ella falla em corpos que recebem o diabo, e faz com que os povos apedrejem-nos. Como pois ha quem vá d'encontro a tão santas verdades?

Santo Padre, Index com elles . . .

Vamos a uma atafona na encosta do morro de Sant'Anna. E' noite. Faz-se farinha. As rodas das machinas rangem, movem-se e gritão no seio da noite. As pás do forno batem furiosa. E' o ruido do trabalho. E' a voz da vida.

Viajor, no paiz, onde encontrares machinas funcccionando, a agitação de mós, e o borborinho de gentes, conclui logo que esse paiz marcha, progride.

Este era o interior.

Por fóra o céu era negro e tremenda borrasca ribombava. Trevas, cahos!

Relampagos, trovões e coriscos succedião-se continuamente; quase sem interrupção! Uma chuva de pedras de todas as dimensões zurzia o telhado e a frente da casa. Era uma tempestade como poucas. A geração que trabalhava n'aquella atafona, não recordava-se de cousa igual. E a propria tradição talvez só tivesse para cotejo as scenas e peripecias do diluvio.

Em torno ao monte de mandioca estão mais de trinta pessoas. As facas lestras esfolião as raizes, porém, os pensamentos e a palestra versão sobre o tempo que berra e estraga fóra. As luzes das candeias pou-são pallidas e versateis em cada semblante. A raspagem da mandioca que é o serviço mais alegre e animado, ora é triste e cheia de máos presagios. — Os — **capotes** — são dados sem gracejos, os namorados não trocão galanteios.

— Máo tempo! nunca vi cousa igual desde que a este mundo vim! Exclamou tia Brigida.

— Máo tempo! máo tempo! repetirão alguns acompanhando mãe Brigida.

Um rapaz de mangas arregaçadas até os cotovellos, ajuntou:

— Má cara traz Sant'Anna! Hoje nem viola, nem tyrannas e chimarritas. Que o diabo supporte um tempo assim!

— Cala-te, estúpido. Ouves como troveja, e não contens essa lingua maldita, se lhe dirigiu outro, cujo medo pelos raios era proverbial.

— Estúpido! Eu podia... e mostrou-lhe uma enorme raiz de cananea; porém... mil raios te partão!

Cavernosa e profunda detonação abalou céos e terra.

Todos olharão para o moço.

— João, accrescentou Brigida, mais respeito!

O silencio restabeleceu-se.

III

N'um quarto contiguo á atafona estava uma negra doente.

A pathologia acharia sérios embaraços em determinar os caracteres da enfermidade.

Ella não gemia, mugia. Não admittia roupas sobre si. Em vão lucrava-se para tæl-a coberta. Em vão! Cobertores e lenções, os arrojava longe de si; camisas e vestidos, despedaçava-os. Em quatro pés e nua, queria atirar-se no soalho e retouçar como os brutos. O grande Nabuchodonosor, dizem, acabou assim. Triste desvario o em que uma creatura humana, dotada de sentimentos elevados, de uma intelligencia su-

perior aos outros entes do globo, vê-se n'um instante esbulhada de taes predicados, buscando descer á condição do quadrupede e do reptil!

Que enfermidade é esta?

Que nome dá-lhe a sciencia?

Nenhum. E' mais que a alienação mental e menos que a excentricidade de Albion.

Se fosse o desejo de ser passaro, inda ia bem; porque era uma aspiração a voo. Voar, sondar os céos seria admiravel; porém, rastejar?!

E' uma degradação.

Antes ser pó que pedra.

O vento póde altear aquelle ao dorso das nuvens; e esta não sahe da terra. O pó a rodêa, a cobre, a domina.

A negra assaltada de mal tão incomprehensivel chamava-se Luiza. Nasceu em terras de Africa. E' mina de nação, segundo o sello do rosto. Alta e volumosa, feia e meio fula então; como effeito de febres e insomnias.

Dorme quasi sempre durante o dia; de noite berra e preenche perfeitamente as funções de quadrupede, de que incumbiu-se.

Tambem não come menos.

Tornou-se gastronomia como um padre ou como uma avestruz.

IV

— Máo tempo! Repetião os raspadores em côro.

— Eu só o que digo é que o diabo anda com este mez, insistiu João.

— Mais respeito, rapaz, o céu está feio! Tornava tia Brigida.

— Tia Brigida, cada um sabe de si e Deu de todos. Eu sei porque fallo... e vós mesmo tendes o exemplo em casa. Porque a negra Luiza grita d'um modo tão estranho? não é gemer de gente aquelle! O' diabo! Os gritos da negra são bem distinctos aos ouvidos de todos.

Os trabalhadores pararão os braços. Acharão alguma razão no dito de João.

Houve silencio profundo por instantes. Só o boi do cevadouro ruminava n'um canto, a negra mugia no quarto proximo, e a tempestade detonava fora!

Um interrompeu este estado de expectação.

— Dizes, João, que sabes por que fallas... o que é que sabes?

— Eu vi... retrucou o outro com um gesto de intima convicção.

— Viste! Exclamarão. O que? Conta-nos isso...

João foi o alvo da attenção geral.

Elle estava pallido, merencorio e tremulo. As mulheres mais que os homens tinham **friagem no seio**, não esta da atmospheria, a do susto sempre mais poderosa e energica, sempre produzindo oscillação irregular do coração e regelo da medulla dos ossos.

— Ante hontem, começou elle, vinha eu da montanha com a fouce e o machado ao hombro. Ao passar pela casa de Anacleto o porqueiro, entrei. Conversando e tomando mate a noite desceu. Depois improvisamos uma dança, vierão mais rapazes da visinhança e eu esqueci-me de casa.

Era natural. A estrella da meia-noite apontou, quando eu sahia o ultimo. A noite estava escura como um carvão.

Ao passar junto a uma coivára foi que vi... ó inda se me arrepião os cabellos! Vinha montado n'um touro negro...

N'um touro! bradarão.

— Sim, o juro por minha alma.

Era um touro ligeiro aquelle! Corria mais que uma cotia... E elle vinha montado guapamente, trazendo um ponche encarnado e chile-

nas que fazião um barulho de atordoar... Seus cabellos e seus olhos parecião de fogo.

— Porém, quem?

— O diabo, respondeu João grave e solemne.

N'este momento tres pancadas na porta da atafona, sobrepujando a tempestade, resoarão cavernosas e mortuarias.

— Quem bate? Perguntou um que ia apertar as prensas.

— Uma pousada... o temporal apanhou-me em viagem.

— Que diz, tia Brigida, abro a porta?

— Abre, abre, que é crueldade deixar um christo exposto ao tempo.

A porta abriu-se.

As candeias e vellas se apagarão, talvez á lufada que entrou.

Porém, a luz do forno dos beijos esclarecia a meio e destacou o vulto do hospede.

Era o original da descrição de João.

Elle chegou-se ao monte de mandioca, saudou a todos com cortezia, e voltando-se para João que sentia então calafrios por todos os membros, disse:

— Esqueceste de fallar de meu chapéo de abas largas com plumas de gallo, e d'essas botas de couro da Russia, e... além d'isso da corrida de ante-hontem á noite. Admirei-te as pernas... crão azas.

Tudo estava mudo e estatelado.

Elle mesmo accendeu as candeias, e disse:

— D. Brigida ha de consentir que raspe algumas mandioquinhas.

A pobre velha espantou-se de tratá-a pelo nome, porém, não teve animo de recusar o trabalho offerecido.

Não era das menos medrosas.

V

Eil-o activo no trabalho.

As raizes de mandioca voão das mãos ao balaio com uma rapidez indísivel.

Está sentado n'uma banquetta. A penna de gallo fluctua-lhe na cabeça como o distinctivo de sua realeza.

Ninguém fallava em torno, um ou outro olhar o buscava de vize, receiando encontrar o seu.

Era o terror soberano.

Ninguém ousava sequer pensar em abatê-lo do pedestal.

Tia Brigida ousou uma interrogação.

— O Sr. é da cidade?

— Não, minha senhora, meu reino não é d'ste mundo; apesar d'isto jacto-me de ser excellente medico, respondeu sem fixal-a.

Tambem ninguem honrou-o com um só relance d'olhos; apenas ouvirão sua voz abemolada e terna.

E no entanto era uma injustiça! O hospede tinha bella presença; era um esbelto mocetão de cabellos ruivos, barba á ingleza e olhos que derramavão um incendio, que transbordava pelos vidros de oculos de aro de ouro.

Elle continuou:

— Se a senhora quizer utilizar-se de meu prestimo, nada de ceremonias. Gosto de franqueza plena.

— Obrigado, senhor. Tenho uma negra...

— O', interrompeu elle rindo-se, a Luzia!?

Todos ficarão horrorisados.

— Sim, meu senhor, conhece-a?

— Muito. Uma pagãa, nunca foi baptisada. Nem outra é a causa

das geadas, calores d'este mez e da saraiva, raios e chuva d'esta noute.
— E não ha remedio que possa cural-a? O' eu ficaria-lhe muito agradecida se pudesse cural-a...

— Impossivel! Minha sciencia se esborôa contra os poderes do inferno que laborão n'aquela alma. Oh não foi baptisada!

— Porém, inda é tempo de baptisal-a.

— Quem diz á senhora, que ella durará até amanhã?

A tempestade cresce — mão signal!

Calarão-se.

O estranho com espantosa alacridade acabára com um carro de mandioca.

Quasi só, e conversando, pois quando entrára o serviço a pouco tinha começado, e então em torno do monte apenas restavão elle e Brigida sós. Os outros tomados de susto panico esgueirarão-se furtivamente e forão entrando pelos mais remotos esconderijos da casa.

Quando a raspagem terminou, os dous interlocutores olharão-se. Estavão a sós.

As raras falripas de Brigida entesarão-se no pericraneo como cerdas de javali.

— O' não se assuste, minha senhora, eu sou o mais pacato cidadão do mundo.

E guardou na cinta sua faca que semelhava antes uma pá de alvanel.

Aquele tolo de João, proseguiu o desconhecido impassivel e com tom firme, contava uma bem exquisita historia, quando lembrei de pedir pouso. Diga com toda a franqueza, acha o diabo tão feio como o pintão?

A misera velha tartamudeou; não se entendeu o que articulára.

— João mentiu descaradamente, continuou tomando um tição e accendendo um perfumoso charuto; os papalvos, deve confessal-o, achão poderosos recursos em sua propria imaginação para esboçarem a physionomia de outrem... Porém, que loucura a minha, roubando-lhe as horas do somno!

Vá deitar-se. Plena franqueza. Eu me estiro na boca d'esse forno, e dormirei satisfeito. O fogo é meu elemento.

Brigida respirou e perguntou tremula e pallida:

— o Sr. não quer nem um mate?

— Nada absolutamente. Agradecido. Meu systema hygienico é de nada tomar á noute, mormente bebidas frias.

VI

Que formosa manhã raiou após a noute tempestuosa!

Os primeiros albores vinhão dourando o tôpo do serros, e o canto dos passaros já saudava a festiva madrugada.

Vamos á atafona.

Em cada palpebra ha o carymbo das insomnias. Má noute, por certo, a que passarão.

O trabalho está todo em atrazo.

São poucos os tipitins nas prensas.

Ora, estas mesmas não forão apertadas, os fusos estão frouxos, as chapeletas bamboleão. A massa não enxugou.

Logo é dia em que não fornêa-se.

— Que é isto?! Grita o visinho Juanico entrando, então hoje não accende-se o forno?

O' com mil diabos! Tanta gente e tão pouco trabalho!

Temem estropear os bois e cançar o braços? Foi medo do frio?

Ninguém respondeu á explosão ruidosa da intimidade de Juanico. Brigida e João lhe fizeram um aceno.
Elle accompanhou-os a um quarto.
O sol entrava aos borbotoes por uma janella.
No chão havia um cadaver nú, hirto, nojento e com uma expressão tão medonha que arrancou um grito espontaneo do bom visinho.
Nem uma palavra trocarão.
Sahirão.
Mãi Brigida então tremula contou o que já sabemos, e... mais alguma cousa.
Era o remate da historia.
A columna necessitava de capitel.
Eil-o:
— Não imagina, como senti-me perturbada, quando levantei os olhos e vi que estava a sós com elle! Todos havião-me desamparado!...
— Porém, eu com razão, murmurou João...
— Não, não, tornou com energia; nos homens foi uma cobardia, mormente em tu, João... O' nunca hei de esquecer a vespera de Santa Anna!
— Olhe a razão... Como podia valer-lhe, mãi Brigida, contra o demonio?
— Como?! Cala-te, é melhor. Com tua presença davas-me animo. Não esquecerei, eu te juro, os bons amigos de hontem... Na occasião de apuros, se lhes conhece o quilate. A lição foi boa.
— Vamos, porém, visinho, ao resto, interpellou-a Juanico.
— Tem razão. Eu dizia?... Ah! Deixei-o estendido junto ao forno com o seu chapéo de abas largas e penna de gallo. Não vi mais.
Quando o relógio da sala deu a ultima pancada da meia-noute, a casa estremeceu a um grito feroz e horrivel da Luiza...
E a velha persignou-se.
Depois continuou:
O meu escravo Gabila cobrou animo e foi vel-a. Estava morta e o hospede havia desaparecido.
Toda a casa encheu-se de cheiro de enxofre.
Tambem o tempo estiou, e a noute limpou, como por milagre.
Junto ao fogo o hospede deixou-me um gato negro com uns olhos! Que olhos! Meu Deus!
E de novo persignou-se.
— Para enxotal-o e afugental-o, queimei alecrim... todos queimarão alecrim. O bichano desapareceu, porém, ninguém inda pregou olho.
— E' estranho! E' estranho!
Resmungava entre dentes Juanico.

* * *

Ao romper do dia, ainda no lusco-fusco, um troupeiro conta que vira subindo uma nuvem um homem de chapéo de pennacho e ponche vermelho. Cavalgava um touro preto, levando na garupa uma cousa que parecia uma mulher.

Se o tropeiro fallava a verdade, eis o que não sabemos.

EMENTARIO MENSAL

Vai alta a noite.

Eis-me pensativo em meu gabinete, reflectindo sobre a chronica da Revista que me fôra confiada, e sobre um dos mais cervaes detractores do *Parthenon*, o Sr. Monchique de Avintes Queiroga, a quem podia applicar-se a celebre pharase de Apelles: "*Ne sutor ultra crepidam*".

Queiroga é uma esphinge moral na ordem dos bipedes implumes de Platão, os quaes Diogenes comparava bem ao gallo depenado que soltou nas ruas de Athenas.

Um typo de tanta importancia, de porte tão augusto no mundo do bello horror, como hei de ter ás mãos, para apresental-o aos leitores?

Queiroga!

Não ha dia, hora, minuto que elle não appareça! E' nas salas, nas camaras, nas cosinhas de uma casa: é nas praças, nas bodegas, nas ruas, nos theatros, nos cafés, nos bailes e nos sarãos: Queiroga em toda a parte! Queiroga em tudo! por tudo!

Ubiquo, braços de zoophytos, Protéo multiforme, Lyncêo e Argos simultaneamente! Fallador eterno — que põe tudo sobre uma craveira que é só sua um leito de Procusto, vestindo a virtude e o crime com a tunica de Nesso!

Não dorme, vigila sempre; não come, não bebe e vive eterno!

Conheceil-o, leitor?

Não o vistes nunca, mas d'elle sentis sempre os ferreos acúleos que ferem, envenenão illibado nome e matão por vezes.

Como tel-o agora ás mãos para vol-o apresentar?

Eis o problema implexo que põe a tratos o acúme de minha pobre intelligencia.

Ah! está tudo resolvido.

Na estante jazem algumas obras de magia, empoeiradas por não compulsal-as ha muito.

Hombros á obra.

Como o Prospero da Ilha encantada executemos os preceltos da sciencia sobrenatural.

Traçado o circo cabalistico, pronunciei as palavras rituaes, e Ariel todo esbaforido barafustou por uma fresta da porta.

Não fiquei menos surprehendido que Aladino, pela apparicão do genio.

Tambem era minha primeira evocação.

— Que me quer, mancebo? Diz elle em tom amistoso, na mão tendo o chapéo, onde fluctuava um pugillo de plumas de gallo.

Sente-se, e conversemos, atrevi-me a dizer, um tanto serenado do susto panico que me causára ao principio.

Não foi necessario repetir-lhe o convite; sentou-se terçando as pernas com a maior sem cerimonia.

Offereci-lhe cigarros, acompanhando o offerecimento d'estas palavras:

— E' o que posso dar-lhe.

— Ora! Exclamou sorrindo. Ariel é cosmopolita a toda a prova, vive na zona frigida como na zona torrida, toma um sorvete como copo de lava.

Assemelho-me aos politicos modernos em muitas circunstancias, lavo os pulmões em qualquer athmosphera tanto que infira-se uma cornucopia de felicidades.

— Que riso lhe assoma aos labios, quando falla! Parece um riso de sarcasmo e maldade!

Quer saber como o adquirir?

— Sabe naturalmente que doze annos estive entalado no tronco de uma arvore por habilidades d'uma megéra?

— Sim, li na tempestade de Shakspeare.

— Pois bem, a maldita feiticeira, morrendo, deixou-me ao ludibrio dos ventos e dos gracejos alvares de seu filho Caliban. O' quem pôde conceber o minimo de meus soffrimentos? Quando estorcia-me em agonias, Caliban ria e alegre batia as monstruosas garras!

Foi então que impuz-me o martyrio sem demonstral-o no rosto, e mascarava-me com esta expressão terrivel que todos notão, mal me approximo.

Era a transcendencia do que em philosophia chamárão doutrina de Zeno.

— Depois de livre por Prospero, meu rosto não pôde perder as contracções grangeadas em tantos annos.

Minha imaginação sempre anciosa do maravilhoso errou por ignotos mundos ouvindo a historia do ente, sobre o qual mil fabulas mais ou menos engenhosas correm na aza da tradição.

Assim estive longo espaço, quando Ariel me interrompeu, dizendo:

— Mancebo . . . vamos, em que posso servir-o, pois me chamão?

— Lhe chamão? D'onde?

— De Manilha.

— Quem?

— Um guapo hijo d'algo . . . porém . . . vamos, o que quer?

Lembrando-me por que o evocára, perguntei-lhe:

— Conhece Monchique de Avintes Queiroga?

— Um detractor, plagiaro, libertino, ladrão, venal . . .

— Sim, sim, este mesmo.

— Não está sob minha jurisdição, mas já o mando em companhia de Asmodêo.

E sumiu-se como tenues vapores da noite a um beijo do sol.

Por instantes inda ouvi o zumbido d'um vôo que pouco e pouco ia adelgaçando.

Sentei-me junto á mesa e dei livre curso ao effervescente rio de idéas que bulhava-me no cerebro.

Aquelle dia fôra fertil em acontecimentos, por isso cobril-o com o véo do raciocinio, era irresistivel tendencia do espirito.

O homem é poeta ao menos uma vez na vida, mas philosopho elle o é todas as noites, quando o corpo afadigado procura o frouxel do leito.

Ahi antes de conciliar o somno, põe na balança da razão as accções do dia: vive da actividade intima, da vida puramente espiritual depois de ter, durante o gyro do sol, vivido apenas dos sentidos. E' a hora da consciencia assumir toda a magestade de sua realzeza.

Por isso a chronica, Queiroga e Ariel occuparão-me quinze minutos, nos quaes percorri sómente o fôro intimo e os intermundios dos céos. A creação não entrou n'essa viagem do pensamento.

Quando voltei do fundo scismar, tive vontade de fumar.

O cigarro é um companheiro inseparavel das vigílias do trabalhador das letras.

Cigarros e café, — quem é que não os ama por noites de devaneios, nos periodos de — spleen ou blue devils?

Que ha de mais perfume e sebor que o fructo da Arabia transformando em ambrosia?

Que ha de mais lindo, gracioso, ethereo e diaphano que a espira do fumo que desenlaça no ar as formas torsas e alvi-saphyreas?

E' tão doce o imaginar entre a baforada d'um cigarro e o hausto de arabico nectar, que o coração ama em arroubos de mysticismo, e pulsa sereno, puro e cheio de crenças e fé!

Fumo e café — são duas feições distintas dos tempos hodiernos. Como ia dizendo, preparava-me para fumar, quando estranho ruido que sahia d'uma botina no chão prendeu toda a minha attenção.

Era um borbórinho como de duas vozes que disputão.

Embebi, maravilhado, os olhos na botina . . . mas . . . eis que jorra uma lingua de fogo!

Dou um grito . . . e sahe de dentro, quem?

Adevinhem.

Asmodêo com Queiroga pela gola da casaca.

No é sem razo que o chamão — demonio da lascivia — Os traços, segundo a opinião de Lavater, n'elle se apresentão bem distinctos.

Fez-me reverenciosa barretada, ajuntando:

— Eis aqui o Sr. Queiroga, que, para trazê-lo, estando em todo o mundo, foi-me necessario percorrer dois hemisphérios e dois polos.

— Agradecido, Sr. Asmodêo.

Asmodêo pôz Queiroga de gatinhas e sentou-se sobre elle como se fôra sobre um throno.

— Moço, sei que vai escrever os fastos d'esses ultimos dias . . .

— E' verdade, respondi.

— Elle abriu uma carteira de notas e proseguiu:

Pois eu que diariamente percorro céos e terras, trago aqui o que lhe é necessario.

— Lembre-se, porém, que a revista é litteraria, ponderei.

— Não tenha receio, são relativos os apontamentos que trago. Escute.

E começou-me a ler o que se segue.

Morte de Rossini

"O cysne de Pezaro" nascido em 1792, acaba de cahir na valla em que Crésos e Jobs, próceres e vassallos, se nivelão.

Estupida condição de nossa natureza!

E' o author do **Barbeiro de Sevilha**, **Othelo**, **Ermione**, **Donna del Lago**, **Zelmira**, **Semiramis**, **Conde de Ory**, **Guilherme Tell**, etc.

Esta, diz Vapereau, é a ultima palavra da musica. A graça facil e fecunda do genio italiano, este rythmo tão claro e accentuado á riqueza de instrumentação e á intelligencia de harmonia dignas da Allemanha, soube adunar o poder da acção dramatica que caracteriza a musica franceza."

Retirada.

A litteratura e a politica excluem-se; ou só mantendor de uma, ou só de outra.

Mendes Leal desertára do El-dorado das letras, fôra para Laponia da politica; mas ahi o clima matava-o, a temperatura não era doce e tepida, os céos serenos e limpidos, os mares, rios e lagos não espelhavam as paisagens, os contornos da creação com essa limpidez de linhas, com essa graça e louçania que tanto agrada e deleita.

A flôr da zona viçosa e sempre revestida da chlamide das primaveras, definhava na zona, onde o sol apenas de tempos a tempos envia um olhar de vida, um sorriso de esperanza . . .

A flôr, que se expandia ao rútilo celeste, e que ora mirrava-se ás bátegas frias dos vendavaes, queria mudar-se, e de facto mudou-se.

A andorinha que, offeza a aza na tempestade, não pôde proseguir na emigração, quasi morreu envolta nas brumas bybernaes; porém, mal o tempo sanou a ferida . . . e eil-a rompendo os ares em demanda de firmamentos que não sejam de chumbo; de florestas que não mostrem em cada arvore um esqueleto, em cada fonte o vidro do gelo, em cada brisa agoite de morte; de campos nus de relva, de cantos e harmonias!

Mendes Leal deixou os arraiaes da politica! Sua antiga tenda ha tanto deserta, solitaria e triste, vai de novo estremecer de contentamento á voz do author dos **Homens de marmore** e de **Calabar**, aos accents da lyra que produziu o: **Ave, Cesar**, e mil outros canticos sublimes.

No **Diario Popular** de Lisboa encontra-se o repudio que faz o ex-ministro da marinha da vida que ha annos abraçara.

Brasileiro distincto.

Diz a **Independencia Belga**, folha de Bruxellas:

“Um auditorio numeroso assistia quarta-feira passada na sala academica da universidade á leitura d'uma these apresentada pelo Sr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello, doutor em sciencias naturaes, e professor na academia imperial de bellas artes do Rio de Janeiro, afim de obter o grau de doutor agregado da universidade.

“A these tinha por assumpto, como annunciamos ha alguns dias, a liberdade, o methodo e espirito de systhema no estado da natureza. Na exposiçãõ, como na analyse de seu trabalho, o recipiendario deu provas de talento muito notavel que lhe valerão repetidas vezes os applausos do auditorio.

“Em consequencia a faculdade de sciencias decidiu por unanimidade que o Sr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello havia passado pelas provas com a maior distincção, e conferiu-lhe o grau de doutor aggregado da universidade de Bruxellas.”

Aqui interrompi-o:

— Sr. Asmodêo, eu desejava dizer alguma coisa sobre bibliothecas; que informações dá-me?

O PARTHENON está com a sua em principio, e como o auxilio publico tem sido por emquanto quase nenhum, tenciono apresentar os dados estatisticos sobre algumas.

Uma bibliotheca, creio, é a premissa de que se pode concluir o adiantamento intellectual d'um povo.

— Tem razão, moço; não trago em notas, mas escreva que inda me lembro d'um ultimo recenseamento que fiz, escreva:

Bibliothecas.

A bibliotheca de Pariz, a maior e mais amplamente dotada, possui 1:100,000 volumes e 80:000 manuscriptos; a do arsenal, 200:000 volumes e 5:800 manuscriptos; a de Santa Genoveva, 155:000 volumes e 2:000 manuscriptos; a de Sorbonne 80:000 volumes e 900 manuscriptos: a da camara (**hotel de ville**), 65:000 volumes. O total dos volumes das bibliothecas publicas da França chega a 6:233.000.

A Grã-Bretanha só possui 1:772:000 volumes. A Italia, 4:150:000 volumes.

São em geral obras antigas, que tratão de materias religiosas e ecclesiasticas.

Conta-se poucos livros modernos.

Na Austria, 2:488:000 volumes.

Na Prussia, 852:000 volumes.

Na Russia, 852:000 volumes.

Na Baviera, 1:268:000 volumes.

Na Belgica, 450:000 volumes.

A soma d'estes volumes apresenta o algarismo maravilhoso de 20 milhões de volumes.

O Doutor Alexandre José de Mello Moraes mimoseou a bibliotheca do lycéo da provincia do Piauhy com 3:312 volumes, além de 1:366 pranchas da Flóra Brasiilienses.

Escrevi isto e, Asmodêo continuou a leitura das notas:

Memorial Patriotico.

Sob este titulo em breve se publicará na cidade do Rio Grande um volume contendo as poesias já conhecidas em relação aos dois grandes vultos do Rio Grande do Sul — Andrade Neves e Osorio.

E' inda um tributo aos invictos generaes, que comprarão os dominios da immortalidade e da gloria, com o gladio em punho, sob um céu de pelouros, sobre um chão inçado de abysmos e turbilhões de chammas.

As publicações na imprensa periodica perdem-se, sob a forma de livro perdurão.

Cantos Meridionaes.

Inda sôa sonora a harpa divina d'um filho de Guanabara!

O author das Nocturnas e das Vozes da America ainda tem inspirações, sua vóz argentina inda cõa-se no molde rhythmico dos versos, inda tem cantares para tão ingrata patria!

Inda não morreu sob o peso do indifferentismo? Sob a camada gelida dos desprezos? Inda afina o alaúde e golfa a ode pindarica, a elegia lamartiniana, o madrigal anacreontico, e a grandiosa blasphemia byronica?

Salve, mavioso sabiá das margens do Guanabara!

Inda resalta aquella fronte loira, aquelles olhos azues como os céos, scismadores como os Walkirias que tem cantado, inda não se empanaram aos ventos do desespero!?

Nicoláo Fagundes Varella, inda és maior, mais sobranceiro, mais valeroso, porque resistes! Eu te saúdo.

Obra posthuma

Publicou-se outro volume do sem rival e tão desventurado cantor dos **Tymbiras**.

Consta de dramas ineditos.

A unica recommendação que traz é um nome:

Gonçalves Dias.

Se hoje nada vale para o paiz, ao menos o futuro ha de acatal-o, como uma de suas mais mimosas e esplendentes glorias.

EM PORTO ALEGRE

Publicações

Geographia de Vasco de Araujo e Silva para o ensino primario. — Na instrução da provincia até hoje tem sido admitidas as de Freeze e

L. Burgain, a que acaba de publicar-se as sobrepuja em methodo, clareza, materia, e no que diz respeito a novas mudanças politicas; satisfaz emfim ás exigencias do ensino para que foi adaptada. Sahiu das officinas do **Jornal do Commercio**; boa impressão, nitido trabalho.

LIVRO DE ORAÇÕES, drama de Eduardo Salomé. — O que podemos dizer é que o publico applaudiu-o, quando foi á scena; applaude-se somente ao que agrada.

Sob o ponto de vista esthetico poderíamos fazer algumas considerações, mas é inutil, porquanto seu intelligente autor segue a escola de E. Sue, e nós seguimos a de G. Planche. Foi impresso no **Rio-Grande**.

ALMA E OIRO, drama. — Em breve sairá á luz.

GUIA DA CONVERSAÇÃO FRANCEZA. Consta-nos que um trabalho d'esta ordem, de Carlos Hoefer, se acha no prelo.

JORNAES LITTERARIOS, **Relampago** e **Guayba**.

Fervet opus

En avant! En avant! Mocidade estudiosa do Rio Grande!

O **Parthenon** envia um abraço de regosijo, amor e dedicação á sua irmã do Sul.

Haja firmeza, abnegação, sacrificio e trabalho assiduo da parte de seus obreiros, e o **Gremio Litterario** será uma brilhante realidade no mundo das letras.

Agora não ha que repousar.

— Eis, moço, o que eu tenho.

Ah! Diga tambem que a Suissa, a pequena Suissa vai levantar um monumento a Guilherme Tell — o creador de sua autonomia politica, enquanto que o Brasil deixa o **Ypiranga** deslizar entre sentinas, e sobre a urna cineraria de José Bonifacio lança o gabão de insultuoso esquecimento.

Diga, não faz mal.

— Repetirei a reflexão textualmente.

— Inda tenho a fazer-lhe um pedido.

— Faça que meu agradecimento não o negará.

— Pois bem, como sabe sou protector de amores... Uma senhorita apaixonada acaba de compor um recitativo que aqui trago... Publique-o... A virtude! O dever! Ás vezes são martyrios!

E Asmodêo desprende um sopro merencorio como um **de profundis**.

O recitativo é o seguinte:

Triste de mim! Que cruel vida passo,
Curtindo magoas de eternal amor,
Vendo por terra as illusões doiradas
Flaccidas todas despontando em flor!

Triste de mim! A primavera chega
Olente e tepida e me encontra em prantos,
As aves vão da companheira ao lado,
Fulgem os céos em divinaes encantos.

Triste de mim! Que não possuo risos,
Santo fervor que corresponde ao seu,
Que nenias verto de saudade infinda,
Que ousa negar-lhe o coração que é meu.

Triste de mim! A quem fatal destino,
Aponta um tumulto na idade amena,
Triste de mim! Que merencorio o vejo,
E em doces beijos não lhe affogo a pena.

Triste de mim! que a mocidade ardente,
A' morte entrego em virginal roupagem!
No entanto o seio convulsivo treme,
Ama demente seductora imagem.

Triste de mim! Quando fugir á terra
Na campa escrevão: "Pobre louca! amou,
Amor em troca recebera sempre,
Mas a virtude seu viver ceifou!"

* * *

Agora, Sr. Queiroga, que tal acha o chronista do **Parthenon**, d'essa sociedade que o Sr. desde seus principios maltratou tanto?

Queiroga não respondeu, estava mordendo-se de raiva, os olhos chispavão, as mãos contorcião-se.

Sabe o leitor quem é elle?

Advinhem-n'o.

E' a — **Opinião Publica!** —

Good byé.

Boccacio.

ELEGIA

Oh! meu pai! oh! meu pai! como a memoria,
Me reflecte alta noite a tua imagem,
Por entre um véo de involuntario pranto!

A. Herculano.

Ah! misera condição! ah! triste vida
Em que a seiva de minha juventude,
Já vejo ir-se crestando emurchecida!

E tu és meu algoz, sabia virtude
Que aos carinhos paternos me arrancando,
A duvida me apontas no ataúde.

Sim, partiste, meu pai, partiste quando
De inexperto ministro, cegamente
Ias dar cumprimento ao cego mando.

Soldado obedeceste, que altamente
Dos brios de militar sempre zeloso,
Attendias á patria diligente.

Mas ah! momento infausto! em que o só gozo
Foi esse, e foi-me o ultimo... um abraço
Tão terno, paternal e tão saudoso...

Não! ultimo não será, não que inda um traço,
Um raio de esperança inda me resta
No do céu, justiceiro, ultrice braço.

.....
Aqui silencio lugubre que cresta,
Dilacera o coração, golpeia o peito,
Tudo, tudo junto a mim duvida empresta;

E lá ao soffrimento, á dor afeito,
Talvez quantos suspiros e agonia
Lhe mostrem dura morte a seu despeito!

Então infeliz pai (lembrança impia!)
As saudades da patria e filhos caros
Serão-te escura noite á luz do dia.

Em tanto, aqui correndo tão avaros
Meus infelizes dias sem ventura,
Em duvidosa pausa sempre amaros,

Em lucta encarnçada c'o a natura,
— Hypocrita o coração, trazem fingido
Em cobrir nos sorrisos amargura!

Sim! despota cruel! teu braço, erguido
De meu pai innocente sobre o collo,
Já vejo a todo instante, suspendido!

Oh!... mas sejas a bem do infame dolo,
Impellido ao do mar abysmo fundo,
Açoutado, fugaz, de riço Eólo;

E o teu corpo de crimes tão fecundo,
Ergastulo d'essa alma vil e treda,
Sepultura aterrado negue o mundo!

.....
Mas da infancia indo, oh! pai! eu na vereda
Como vives... se vives... de tua sorte,
Sem que ao menos saber, se me conceda...

— Das duvidas inquietas a cohorte
Aos espantados olhos se me iguala,
De catadura feia a horriavel morte.

Geral a ignorancia tudo cala,
Só diz-me que viveis o pensamento,
E tanto, o coração me vara e rala.

Alguem quer mitigar meu soffrimento
E diz que contra a morte lá te escuda,
A sciencia de ao fraco dar alento.

Consolo, doce balsamo, não muda
Afflicção em prazer, o teu encanto,
Mas calmas de meu peito a dor aguda.

Que ainda orando, aos céos as mãos levanto
Na esperanza de um pai, que a piedade
Virá desafogar meu triste pranto
Em flebeis expansões — terna saudade.

Porto Alegre — Setembro — 1867.

F. Antunes Ferreira da Luz.

DILIA

Desbrocha tuas azas chrystalinas,
E junta á minha fronte adeja
Anjo lindo de Deus!
Alimenta minh'alma com teu halito,
E sem que eu não expire ás tuas plantas
Não remontes aos céus!

Revive ao meu peito as flores murchas,
Resequidas ao sol do desalento,
Anjo que tanto amei;
Leva-me em tuas azas onde vives,
Aponta-me o Jordão, onde bem cedo
Meu corpo banharei.

Dá-me uma gota d'esse sangue ardente
Que as veias infla de teu niveo collo,
Anjo que tanto amei;
Derrama esse rubim n'atra cicuta,
Envolve-o n'essas fézes amargosas,
Que tudo beberei.

Dá-me um annel de teus cabellos negros
Que sopita na pyra de teus seios,
Anjo puro de Deus!
Dá-me um só riso de teus labios igneos,
Que tudo n'este mundo deixarei
Por um riso dos teus!

Esfolha tuas azás, vem dizer-me
Onde é o leito em que de noite dormes
Anjo casto do céu!
Quero sósinho ouvir teus sonhos bellos,
Ungidos de pureza, e adormecer
De encontro ao collo teu.

Porto Alegre, Julho de 1868.

Achylles Porto Alegre.

TRISTEZA

De noite, quando a lua merencoria
Sobre a face do lago a fronte inclina,
E languida, subtil perpassa a brisa
Embalando as florinhas da campina;

Eu sinto que minha alma pensativa
Procura reviver dôce lembrança.
A suspirar baixinho as horas passa,
Vivendo do que foi — de uma lembrança!

Lembranças e saudade — é doce angustia!...
Viver do que passou — que importa, é vida;
E o pranto que requeima pelas faces
E' balsamo do céu — cura a ferida!

E' balsamo do céu — bemdigo as magoas,
O pranto que de noite embebe o leito!...
Viver do que passou! — jamais se apaguem
As lembranças de ti que guarda o peito!

Se minha alma levaste, se a perdeste,
Que importa o teu sorrir — é tua ainda!
Tu tens o meu passado, o meu presente,
Terás o meu futuro, oh mulher linda!

Amei-te, amei-te muito! Que pureza
Encerrava esse amor que consagrei-te!
Era o hymno primeiro de minha alma
Esse amor que senti e que votei-te!

Amei-te, amei-te muito! Amor mais puro
Não foi o de Roméo por Julieta;
Nem sentiu mais amor por Graziella
O tristonho cantor, doce poeta!

Amei-te! era um delirio — idolatrei-te!
Minha alma virgem, pura, ao ver-te bella
De amor se estremeceu, seguiu-te tremula,
Palpitando e vivendo disse: — é ella!

Minha alma nunca amára e tu levaste
O brilho virginal que ella continha!...
Como a flôr da manhã perfuma as brisas,
Em teu seio vasou o amor que tinha!

Amei-te, amei-te muito! e como a brisa
Deixa a flor da campina, e fôge esquiva,
Fugiste ao meu amor; minha alma agora
Suspira apaixonada e pensativa.

Porto Alegre, 1868.

Hilario R. de A. e Silva.

O PROSCRIPTO

Quero dormir na patria o somno eterno.
Filinto Elizio.

Na patria adormeci rico de crenças,
D'affectos, d'illusões e de ternura;
E despertei no exilio em plaga ignota
Sem patria, sem amor e sem ventura.

O tédio que passou onde eu dormia
Varreu-me d'alma a crença e mocidade,
E despenhou meu ser em chão de bronze
Onde não chega o sol da f'licidade.

De minha vida o lenho em mar revolto,
Soffrendo do infortunio os mil baldões,
Caminha pelo impulso embravecido
Do sopro tempestuoso das paixões.

Nem sequer uma estrella de bonança
Resplandece n'um ceu pesado, escuro,
Apontando-me além um porto amigo
Do vergel nas allêas do futuro.

Que importa? seguirei proscripto, errante,
Por estranhos, incognitos palmares;
Folha solta das arvores da patria,
Que a sorte arremessou além dos mares.

Que me quer essa sombra que resurge
Nos sonhos de meu peito entristecido?
P'ra que vem recordar-me as horas idas
D'esse tempo de amor esvaecido?!

Descansarei de vez longas viagens
A' sombra, solitario, de um cypreste;
Tronco despido ao gelo do abandono,
Que a florida estação jamais reveste!

Se Archanho da morte, em manso adejo,
Em hora extrema, ao descair da sesta,
Roçar nos labios meus, roubar-me ainda
Este sopro de vida que me resta;

Não deixem os meus restos regelados
Expostos, dos estranhos, a irrisões;
Levem o meu cadaver, mudo embora,
A repousar na patria de Camões.

Nicoláo Vicente.

A REDEMPÇÃO

Luz meliflua de amor que n'alma esparges
Delicias que sopitão no teu seio,
 Bem sinto teu calor!
Nitente astro do celeste empyreo
Teus raios brandos já se quebrão leços
 Nas petalas da flôr!

Virgem formosa de madeixas loiras
Vem, com os teus sorrisos de candura
 Salvar-me dos escolhos;
Retorno aos sonhos . . . um mundo de prazeres . . .
Um céu de lindas côres já diviso!
 No azul de teus olhos!

Vem, archanjo do céu! entre teus braços
Minha fronte escaldada une a teu collo,
 Rehabilita-me á vida! . . .
Que importa a lousa fique solitaria,
E tombe ao furacão negro cypreste,
 Se tu volves, querida! . . .

Fui phantasma hediondo da taberna,
E á voz da tempestade ergui meu grito
 De descrença e de dôr!
Vivi . . . — como se vive lá no inferno, —
Divagando nas praias, como louco,
 Sem alma, sem amor!

Com pés lodosos profanei sorrindo,
Niveo sepulchro de marmorea pedra,
 Em noites de luar!
E aos braços nus, de sua cruz gelada,
Juntei a fronte procurando embalde
 Minha febre apagar!

Tive sede . . . e meus labios resequidos
Recuarão das aguas do regato
 Mais amargas que o fel!
Corri sem norte, enlouquecido . . . exangue . . .
E fui ennegrecel-os ainda mais
 Na pyra do bordel!

Mas tu ouviste da agonia o grito
Que foi tão longe de vibrar nos seios . . .
 E tremeste de dôl!
Lembranças doces te volverão n'alma,
E tu correste a mim, antes que a morte
 Me rojasse no pó!

O' vem, mulher querida! no meu peito
Derramar com teus cantos d'harmonia
 Meus amores de outr'ora!
Esquece meu passado — essa descrença
Foi porque de ti longe eu não podia
 Viver uma só hora!

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

1.º Anno. Abril de 1869. N.º 2

—o-O-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO

PORTO ALEGRE

1869

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Nicolau Vicente Pereira.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

Aurelio Virissimo de Bittencourt.

A CRUZ

I

Era noite.

Apenas uma ou outra avesinha pepitava adormecida entre a folhagem das arvores.

Nas aguas serenas do Guahyba deslizava-se mansamente o vulto lurido de uma canôa de pescador, e o timoneiro abandonando-a á mercê das brisas do norte, despertava o tacito sygillo do lago com os sons mellifluos de sua frauta.

O astro da noite plenilunava melancolico e pensativo, como a loira donzella ao acordar de seu primeiro sonho de amor, derramando um sorriso pallido e doce sobre a graciosa capital de S. Pedro.

Tudo mais era silencio e tranquillidade!

De repente a voz do bronze feriu a lêda solidão, doze badaladas pausadamente echoarão pela immensidade do espaço embalsamado pelo halito perfumado dos jasmíns.

Deu meia noite.

E' o momento em que principia um novo dia para os felizes mortaes, mas esse que acabára de despontar era dedicado aos mortos.

Era o dia de finados.

O signal foi dado, e de todos os templos os dobres funereos dos sinos se fizeram ouvir até pelos arrebaldes.

E seus habitantes, isto é, aquelles que tinham de visitar as pessoas que lhes havião sido caras sobre a terra, e que dormião o somno da bemaventurança sob a fria lage da tumba, erguião-se de seus leitos e marchavão gravemente pelo caminho do cemiterio.

Carmen e Augusto fazião parte d'essa romaria.

Havião tambem abandonado o thalamo nupcial, onde as flôres conjugaes estavam ainda enlaçadas ao véo purpureo da lua de mêl.

Amantes extremosos, excessivamente dedicados um pelo outro, casados ha quinze dias apenas, ião fazer valer sua mutua felicidade ante as lousas de seus queridos pais.

Carmen, a formosa romeira, já quatro lustros havia peregrinado sobre a terra; a côr mimosa do fructo do jambeiro cobria-lhe as faces, seu porte magestoso e flexivel como o alamo encantava seu esposo.

Augusto era trigueiro, vinte e uma primaveras de esperanças havião contornado em seu rosto as feições da virilidade.

Um dia essas esperanças entre o bafejar das auras nos salões de um baile, havião-se mostrado tres mezes antes de seu consorcio em um mimoso botão que mais tarde desbrochára, em mimosas côres entre os cortinados de seu leito na primeira noite de esposo.

II

Já as arapongas havião despertado a mudez do bosque com seus gritos; já o beija-flôr libava o nectar delicioso das flôres da urumbeba.

A aurora com seu brilhante esplendor derramava a luz matutina sobre o recinto tetrico da morte, desdobrando seus raios doirados que gradualmente ião offuscando o brilho dos cyrios esparsos sobre as sepulturas.

Carmen havia soltado sua voz dulcissima.

— Agora só nos falta visitar o tumulto de meus pais; oh! meu querido Augusto, já sinto o coração bem dolorido ante tantas lembranças que aqui tenho recordado!

Augusto respondeu á sua esposa com um pequeno aperto de mão. Durante alguns minutos caminharão silenciosos em direcção á lage que cobria os restos dos pais de Carmen.

Ambos enlevados pelo mesmo sentimento ajoelharão-se, e fervorosas orações partirão de seus labios.

Dos olhos de Carmen coavão mansamente luzentes gôtas de seiva, vertidas pelos alelis de sua alma.

De repente uma exclamação soltada mui perto, os fez estremecer. Ambos voltarão-se para a sepultura mais proxima: um homem alli acabava de se arremessar soltando sua voz rouquenha entrecortada pelos soluços.

— Minha filha, minha idolatrada filha, exclamava elle em tom doloroso, perdôa a teu pai . . .

Ai! quantos remorsos me tornão a vida um constante martyrio, um desespero sem fim! . . . Deus não se compadece do pai miseravel que roubou a vida ao homem que amavas! Mas perdôa-me . . . que mais agonias hei soffrido pelo remorso, do que soffreste no dia em que me tornei assassino!

O infame que te martyrisou já cahiu debaixo de meu braço armado. Perdôa ainda se mais sangue derramei para obter tua compaixão! Só agora me resta encontrar teus filhos . . . em vão os tenho procurado, em vão tenho peregrinado para encontral-os! O inferno parece separal-os de mim! . . . Mas tenho fé em Deus! ainda os verei, sim, que por aquelles labios de anjo eu quero ouvir o teu perdão . . . —

O homem que assim fallára, era um velho de longas barbas brancas; sua estatura era alta e magestosa; em sua physionomia sympathica estampava-se o cunho de uma dor longa e terrivel que impõe respeito e veneração.

Acompanhando aquellas palavras com estremecimento d'alma, os novos despozados se tinham insensivelmente approximado do ancião, e ouvirão commovidos aquellas supplicas envolvidas com confissões de crimes.

Carmen apertava o braço de seu esposo, atterorisada e ao mesmo tempo afflicta por tamanha dor.

O velho continuára:

— Sim, minha extremosa Leonor, não dormirei o somno eterno enquanto não descobrir teus filhos . . . O' eu os abraçarei . . . eu os amarei como se fossem meus . . . chorarei com elles a tua desventura, e elles perdoarão a minha iniqua crueldade! Meu Deus . . . meu Deus! será possível tanta felicidade?

— Minha filha! bradou por fim em delirio; perdôa . . . perdôa o desgraçado . . .

A voz perdeu-se-lhe nas fauces, seu corpo estremeceu convulsivamente na suprema dor, e iria offender o craneo na dura lage, se Augusto o não amparasse na queda.

III

Acabava de ter uma syncope.

Carmen tirou então de sua bolsinha um vidro com essencias e o fez respirar enquanto Augusto o retinha em seus braços.

Pouco a pouco entre as rugas d'aquellas faces venerandas forão desapparecendo as sombrias cores da morte e o sangue continuando seu gyro natural. A brisa fresca da manhã batendo-lhe na frente, fê-lo tornar a si apoz alguns minutos.

— Senhor, disse-lhe então Augusto, saíamos d'este lugar que nos magôa; deixemos que os mortos gozem o socego que lhes deve ser aprasível; vinde comigo á minha casa que lê descansaremos, e deixaremos nossas lagrimas correrem á vontade.

O ancião respondeu:

— Obrigado, mancebo, vós vos compadecestes do mais desgraçado dos homens; eu vos sigo, e para mostrar a minha gratidão, contar-vos-hei a história da misera que alli dorme o somno da eternidade.

Seus olhos volverão-se ainda sobre o frio leito de sua filha, onde se lia este singelo epitaphio — “Leonor, a martyr”. —

Carmen elevou suas vistas para mais longe.

O sol lançava seus raios que vinhão quebrar-se sobre o marmore da sepultura de seus pais, na qual parecião chammejar as letras douradas que formavão estas palavras:

Frederico e Luiza
esposos aventureados.
orai por elles.

— Vamos, repetiu ainda Augusto.

Pouco depois um carro rodando com estrepito pelo calçamento da rua da Igreja, parava á porta de um lindo predio.

IV

Havião decorrido algumas horas.

Os novos consortes sentados em um sofá, reclinados um para o outro em languoroso enlace, ouvião attentamente o ancião que principiára a seguinte narração:

— Pelo principio do anno de 184... um moço, filho de uma bem distincta familia d'esta cidade, encoberto pelas sombras da noite, entrou furtivamente em uma pequena casa situada no **largo da Harmonia**.

N'esse tempo esse largo não apresentava o risonho aspecto de hoje e nem era conhecido por aquelle nome; não havia alli balaustres, nem arvoredos; era uma praia nojenta e pestifera pelos despejos que fazião os moradores.

Carlos, tal era seu nome, entrou pois silenciosamente n'essa cabana de pescador, e sem hesitar ante a densa escuridão em que ella estava immersa, avançou entre as trevas e foi sahir pelo lado opposto ao que entrára.

Achou-se então em presença do rio, e mais cauteloso ainda voltou um olhar de lynce pela praia.

Depois de ter-se certificado de que ninguem o poderia descobrir, desatou uma pequena canôa atada a um salgueiro, e saltando dentro impelliu a brandamente e com pericia sobre as aguas silenciosas.

A manobra foi bem executada. O barquinho rompeu a flor das aguas com incrível velocidade, e sem ruido navegou em direcção ás ilhas fronteiras, e desapareceu entre ellas.

Algun tempo depois Carlos desembarcava na extremidade da praia do Caminho Novo, e seguia pela estrada que ficava mais proxima, co-sendo-se sempre cuidadoso com as cercas de maricá onde o negror da noite era mais espesso.

Assim com presteza e desconfiança caminhou por espaço de um quarto de hora até que finalmente parou, escondido em um profundo valle perto de uma choupana de modesta apparencia.

Um asobio semelhante ao pio da coruja partiu de seus labios.

A este signal a porta da choupana abriu-se e por ella escoou uma linda moça vestida de branco . . .

Era minha filha!

— Vossa filha! — Repetirão em côro Augusto e Carmen.

— Sim, era a malfadada Leonor!

Semelhante entrevista era repetida todas as noites; ha muito tempo que erão amantes!

Eu sem poder velar pela minha honra particular, velava comtudo pela dos republicanos que então sitiavão esta cidade, que sempre sustentou o sitio, não pelo valor dos braços que a defendião, mas porque os dissidentes, dominados pela boa vontade, buscavão fazer o menor mal possível.

Era uma perfeita guerra entre irmãos. Os inimigos da monarchia querião a cidade para si, mas não vel-a em ruínas, nem estivada de corpos mutilados.

No entanto o cerco era apertadissimo; e por essa razão Carlos não podendo atravessar pelo centro das tropas que se estendião pelos subúrbios, encontrava pelo rio, encoberto pela escuridão da noite, caminho franco para suas excursões amorosas.

Quando a claridade da lua lhe podia ser funesta, guardava sua pequena canôa nos banhados das ilhas fronteiras e atravessava o largo á nado, para no dia seguinte ir da mesma form encontral-a.

Eu era soldado. Não podia apartar-me do regimento senão na hora de refeição em que ia abraçar minha filha.

Formosa menina, apenas desbrochava na vida; tinha 17 anos. Era linda como um anjo e ligeira como a borboleta entre as flores.

Eu não amava-a, era idolatria que sentia por Leonor, n'ella cingião-se todas as minhas illusões, meu orgulho e esperanças.

Vaidoso, por ser o alvo de inveja de muitos pais, era bajulado pelos mancebos que pretendião obtel-a por esposa.

Um dia, um capitão do meu regimento entrou na minha barraca e batendo-me no hombro disse:

— “Paulo, eu quero tua filha para mulher do meu Diogo que está louco de amores.” —

A estas palavras meu coração estremeceu de raiva.

O official que me fallára era bravo e honrado, mas Diogo, além de ser cobarde, vilipendiava seu nome.

Tremi. Mas para não offender o homem que tinha diante de mim, respondi-lhe n'estes termos:

— Senhor, desde que seja da vontade de minha filha, não farei questão.

Pouco depois Leonor me abraçava.

Eu havia chegado em casa, n'aquella casa sombria e triste, onde sosinha vivia aquella moça sem os carinhos de uma mãe!

Então fiz-lhe a proposta do capitão esperando uma negativa.

Ao ouvir as minhas palavras, as lagrimas saltarão-lhe dos olhos, e os soluços interceptarão-lhe a voz.

Senti meu coração palpar de praser.

Havia comprehendido a resposta, mas não comprehendí que aquella menina amava loucamente.

VI

Era uma noite infernal!

Admirado de se terem passado quatro dias sem que o capitão viesse receber a resposta, dirigi-me á sua barraca e entrei.

Elle conversava com Diogo; ao ver-me, sorriu-se e disse-me:

— “Já sei ao que vens, meu Paulo, mas eu retiro o meu pedido” —
Um sorriso de satisfação brotou em meus lábios.

— “Retiro o, continuou elle e mtom de mofa, porque tua filha está deshonrada.” —

A estas palavras o sangue subiu-me ás faces.

— Capitão, bradei furioso, não se rouba a honra de uma moça com duas palavras.

Elle tornou:

— “Bem o sei; mas concedo-te duas horas de licença para ires á tua casa ver o que por lá se passa.” —

Nada mais disse; sahi, dirigi-me á minha barraca, tomei duas pistolas e montando a cavallo, parti.

Horível estava a noite; o vento arrojava-se impetuoso sobre a folhagem das arvores; os raios arrojavam-se no espaço, e os trovões roncavam no firmamento. Medonha tempestade estava prestes a desabar, mas a borrasca que envolvia meu coração era maior!

A cem braças de casa deixei meu cavallo, e seguindo a pé, n’ella entrei com todo o cuidado para não ser presentido.

De repente parei tremulo!... ouvira duas vozes no quarto de Leonor; engatilhei mansamente as pistolas, cheguei-me á porta e vi tudo!

Era bastante; impelli a porta com os hombros, bradando:

— Maldição!

Dois gritos resoarão após, um de espanto, outro de dor: uma bala tinha atravessado o corpo de Carlos.

Eu estava louco de desespero! Leonor levantou-se espavorida do leito abraçava meus joelhos, exclamando:

— “Perdão... perdão!...” —

Voltei ainda o cano de uma pistola para ella, mas faltarão as forças ao pai; apontei-lhe a porta e disse:

— Sahi; e a maldição de Deus estampe o sello fatal da prostituição na frente da deshonrada.

Ella havia desmaiado; passei sobre seu corpo e fui ver o outro que se estorcias nas agonias da morte. Reconheci Carlos, o filho de um antigo amigo meu.

Então sahindo d’aquelle circuito onde se tinha lavrado a minha sentença fatal, lancei fogo á casa que uma hora depois estava transformada em cinzas.

Desde então raiou para mim a estrella da desventura; o sorriso fugira-me dos lábios, abandonei a farda e peregrinei pelo mundo ao pezo da deshonra e do remorso!

Augusto e Carmen não fazião o menor movimento, estavam perplexos e mudos; só os suspiros que de vez em quando partião de seus lábios annunciavão os sentimentos de seus corações.

Paulo fizera uma longa pausa, e depois de enchugar as lagrimas que humedecião seus olhos, continuou:

— Já se tinham passado dez annos. Minha fronte encanecida, meus membros cançados pelo desgosto, tinham-me alquebrado e roubado as forças.

Caminhava lentamente pela rua de Bragança quando uma reunião de povo incitou a minha curiosidade. Cheguei-me para saber qual era o objecto que assim attrahia a attenção dos transeútes.

A reunião era grande; todos fallavão, todos rião!

— E’ uma doida! dizia um.

— E’ uma mulher embriagada, vociferava outro; acompanhando essas palavras com uma risada de escarneo.

Com difficuldade pude passar entre o povo e ver o medonho espectáculo!

Era uma mulher semi-nua que se estorcias na calçada; a principio

não pude ver-lhe as feições, o seu braço direito cobria-lhe o rosto, mas de repente fez um movimento e descobriu-se.

Um grito de agonia partiu de meu coração.

Era Leonor!

— Meu Deus! balbuciou Carmen.

VII

Ao ouvir o meu grito, a misera abriu os olhos e murmurou com voz sumida.

— “Meu pai!” —

Então arrojé-me a ella; tantos annos de dores havião já mudado meu coração. Tomei-a em meus braços e a conduzi para minha casa.

Dois dias durou a pobre Leonor entre a morte e a vida; meus cuidados poderão em fim restaurar-lhe em pouco as forças.

— “Perdão, meu pai” — foram suas primeiras palavras.

— Ha muito, lhe respondi eu, que te perdoei, minha filha; conta-me agora como me appareces viva, quando por dez annos consecutivos tenho chorado mais a tua morte do que a minha desventura!

— “O’ meu pai! Eu não morri n’aquella noite horrivel, porque fui salva por um homem que livrou-me de uma morte instantanea, para dar-me outra mais lenta, de dez annos de agonia!”

— E quem foi esse homem?

— “Diogo, o filho do capitão Florencio.” —

— Infame! bradei. Mas conta-me tudo, minha filha, que saberei vingar-te.

— “Havia muito tempo, disse ella, que eu era amante de Carlos; tinha cedido a seus desejos sob juramento de que elle me espozasse, logo que concluísse a guerra civil. Um anno antes d’aquella noite fatal tinha eu tido um filho, assim como havia trez mezes que tivera uma filha; portanto ligava um amor sincero ao homem que era meu esposo perante Deus, e não podia prestar minha attenção nem a Diogo, nem aos outros homens que buscavam agradar-me.

Carlos chegára n’aquella noite mais cedo do que era costume, afim de poder retirar-se antes que desabasse a tempestade que se armava no firmamento.

Chegára muito pallido e me dissera: Leonor, hontem um vulto viu-me sahir de tua casa, e desde esse momento uma idéa funesta me persegue a imaginação; bem sabes que eu aqui não tenho amigos, e assim, se alguma desgraça me aguarda, não quero deixar-te sem os nossos filhos. Aqui tens este bilhete, indicação segura, com que podes procural-os em qualquer tempo.

Eu recebi o bilhete, guardava-o no seio quando um sussuro estranho nos fez estremecer.

Dois minutos depois Carlos cahia moribundo em meus braços!” —

A cada pausa, Paulo desabafava um gemido, limpava uma lagrima e contorcia as mãos com desespero. Elle continuou:

— Leonor estava fraquissima, e eu temendo que ella tivesse algum novo ataque, insisti para que descançasse algumas horas; mas ella replicou-me:

— “Não, meu pai, contar-vos-hei tudo, eu presinto que não tenho duas horas de vida; essas melhoras que vedes, não são mais que o pre-nuncio de minha morte; e continuou:

— Quando tornei a mim vi-me em um quarto, mas sem saber em que logar nem em que caza me achava; a principio nada via, depois minhas vistas foram descobrindo varios objetos, finalmente vi um homem sentado sobre o leito em que eu estava deitada.

Reconheci Diogo; então lembrei-me da noite terrível e perguntei por Carlos.

— Morreu, respondeu-me elle.

— E porque não morri tambem! ponderei.

— Porque salvei-te.

— E para que me salvaste, para que não deixaste-me morrer com meu esposo, e compartilhar com elle da maldição de meu pai!?

— Porque te amo, retorquiu-me elle. Meu corpo estremeceu sobre o leito.

— E eu não vos posso amar; respondi-lhe.

— O' isso é que veremos, disse-me sorrindo, e sahiu fechando a porta do quarto pela parte de fóra.

Então principiei a pensar; vi que estava em poder de um monstro, chorei muito; e quando a dubia claridade do dia principiava a filtrar pelas fendas da porta, adormeci prostrada por uma febre ardente.

— Quando tornei a mim era outra vez noite. Pouco a pouco sentia-me com mais forças, ia melhorando. Tres dias depois achava-me completamente restabelecida; então bati á porta.

O meu algoz abriu-a e entrou.

— Acho-me boa e quero a minha liberdade, disse-lhe eu.

— Só a terás depois de me amares, respondeu-me elle, e tornou a sair.

Alguns dias se passarão assim, meu coração já não tinha mais lágrimas para chorar; começava a desesperar quando o verdugo entrou em meu quarto, com um embrulho de cordas.

Então sem nada dizer-me, agarrou-me á força, manietou-me, e estendendo-me sobre o leito á sua vontade, amarrou-me n'elle, baldados os esforços que eu fazia para obstar os seus projectos.

Emfim . . . senti a morte entrar-me no coração, quiz gritar, vi-me açamada; desmaiei.

E o infame aproveitando-se, insultou a face de Deus com o mais horrível dos crimes contra a natureza.

VIII

"Alguns mezes se passarão sem que um só dia, amarrada contra o leito de minha desesperação, não fosse victima do espectaculo nefando, da scena medonha, do castigo mais cruel que se pode supportar na terra!

Resolvi suicidar-me, e neguei-me um dia á tomar especie alguma de alimentos.

— Pois bem, disse elle, vendo-me firme n'esse intento, esperarei que a fome e a sede te obriguem a comer e beber.

No dia seguinte voltou com alimentos: mas a desgraça dá coragem. Já eu sentia a febre da sede, mas forão em vão os supplicios que soffri! Esbofeteada, açoitada, ralada de dôres pela fome que lentamente ia aumentando, fui sempre forte; prostrada, cosida com o chão recebia sem soltar um gemido os açoites que Diogo me applicava.

Emfim, elle rugindo de raiva, sahiu de minha prisão, voltando pouco depois trasendo nas mãos um vaso com agua e um ferro em braza.

A' vista d'esse novo meio de tortura, estremecei, as lagrimas saltarão-me dos olhos, arrojé-me supplicante a seus pés implorando compaixão! mas elle collando a taça em meus labios, disse-me com voz terrível!

— Bebe . . .

Em vão proferiu elle esta palavra! . . .

Soltei um grito de dor, as carnes de meu braço nu havião chiado ao contacto do ferro quente.

— Bebe . . . repetiu elle.

Parecia ser o ultimo dia de minha existencia . . . minha alma soffria ante o supplicio do corpo! Meus braços forão feridos por diversas vezes, mas tudo em vão: o miseravel não fruiu esse prazer.

Tornou a apparecer de noite afim de principiar a lucta em que eu sempre era vencida; ora perdendo os sentidos nada via, ora succumbindo ao cansaço presenciava o gozo feroz do monstro; n'esse dia não perdi os sentidos, mas a razão.

Finalmente tinha enlouquecido!

Um dia senti em meu cerebro uma dôr aguda; a cabeça pezava-me, e um somno profundo prostrou-me no leito por longo tempo; quando acordei senti ter-me voltado a razão.

Julgava ainda estar em poder do meu algoz, mas volvendo um olhar pelo meu quarto, fiquei surprehendida! não era o mesmo em que Diogo me retinha presa, estava n'um carcere! não havia alli mobilia alguma; um pouco de palha, restos de uma esteira, me servião de leito!

Uma nuvem sombria envolvia minhas idéas; scismava profundamente sem saber em que, quando um homem entrando em minha prisão, entregou-me um papel dobrado, dizendo-me:

— Estais em uso de razão; podeis sahir. E tomando-me pela mão encaminhou-me á porta da rua.

Afinal sahia da casa dos loucos!

O' quão ledo foi o meu reviver! Que formoso panorama apresentou-se então ante meus olhos!

Senti meu seio dilatar-se satisfeito, ao contemplar a bella cidade que erguia-se diante de mim! mas ai! pouco a pouco meu coração foi entristecendo, as lagrimas deslizarão-se-me pelas faces; recordava o meu passado!

De repente soltei um brado! lembrei-me de Carlos, de vós, e de meus queridos filhos. O papel que tinha nas mãos era o mesmo bilhete que meu amante me entregára na hora de sua morte!

— Meus filhos! murmurei chorando; e entranhei-me por uma rua, no fim da qual, dirigi-me a um transeunte a quem pedi para ler o bilhete, o qual depois ensinou-me a rua de Bragança, onde eu devia procurar por uma mulher chamada Dolores que habitava em uma casa coberta de madeira.

Serião dez horas da manhã quando cheguei á rua de Bragança, e até ás quatro da tarde já a havia transitado dez vezes em toda sua extensão. Entrei em todas as casas, em todas perguntei por Dolores: ninguem, ninguem conhecia semelhante mulher!

Exhaustas as forças, perdidas as esperanças, ia retirar-me d'aquella rua, quando um homem velho chegou-se a mim e interrogou-me porque chorava?

— Por meus filhos, respondi eu, e contei-lhe a minha historia.

— O' Leonor, tornou-me elle então, ha oito annos que Dolores morreu!

— Como?! pois não estamos no anno de 184...?

— Não, disse elle tristemente; mais nove annos já tem decorrido depois d'esse tempo!

— Meu Deus! Estive louca por espaço de tantos annos?!

Despedi-me do bom velho, mas apenas teria dado cincoenta passos quando senti meus membros tremerem e cahi.

Um homem tinha apparecido á meus olhos . . .

Era Diogo!

IX

Agora, meu pai, continuou ella, deveis saber o resto."

Seus labios calarão, e um suspiro profundo fugiu de seu peito!

Não me pude mais conter; arrojiei-me sobre aquelle corpo despido de carne, beijei-a com delirio, e copiosas lagrimas derramei sobre seus seios, bradando:

— Perdão . . . Perdão, minha filha! perdão para teu pai, o mo-
tôr de tanto martyrio!

Ella sorriu-se melancolica e respondeu:

— "Meu pai, sois bondoso, e a misericordia de Deus é infinita! Aqui tendes este papel, é o bilhete que contém os signaes de meus filhos, procurai-os, procurai-os e se os encontrardes, dai-lhes um abraço e um beijo por sua desditosa mãe!"

Uma hora depois a minha infeliz Leonor entregava sua alma ao Creador! —

.....

— Coitada! murmurou Carmen.

Paulo havia cahido em profundo abatimento.

Depois de alguns momentos elle ergueu a fronte e continuou:

— Dez annos já lá se vão que tenho andado errante em procura de meus netos. Todos os meus esforços tem sido em vão! todas as minhas pesquisas baldadas, e já tenho perdida a esperanza de os ver.

Um dia, haverá onze mezes, eu seguia por uma estrada com destino á **Lagôa Vermelha**; depois de um d'esses brilhantes dias de primavera, o sol descambava no horisonte derramando seus ultimos raios sobre a côma das arvores, e o crepusculo principiava a lançar seu pardo lençol sobre a estrada embalsamada pelos perfumes da goiaba silvestre, quando vi surgir distante de mim um viajante que seguia destino contrario ao meu.

Volvi os olhos agradecidos aos céus; Deus me proporcionava a hora da vingança!

Era Diogo . . .

Quando nos chegamos á distancia de dez braças, apontei-lhe uma pistola, bradando:

Alto!

— "Paulo!" — gritou elle reconhecendo-me; e desfechou-me um tiro ao tempo em que eu recompensava-o da mesma forma.

A Egide de Deus me protegêra!

O cavallo do meu adversario rolou por terra. Então saltei ligeiro do meu e correndo sobre o verdugo de minha filha, respondi-lhe:

— Sim, infame, sou o pai de Leonor: e a hora de tua punição é chegada.

Dez vezes embebi meu punhal em seu coração.

Dez gritos de agonia elle soltou antes de expirar!

.....

— Eu ajudarei a procurar vossos netos, disse Augusto.

— Oh! será um trabalho baldado, ponderou Paulo; mas aceito a vossa protecção, aceito-a porque o peso dos annos vergão-me o corpo, e o cansaço tolhe-me o movimento dos membros já lasso. Eis aqui o bilhete onde se contém os signaes caracteristicos de ambos; e tirando uma carta do bolso começou a ler o seguinte:

"Minha Leonor. — Nossos filhos forão por mim entregues a uma viuva por nome Dolores, que habitava na rua de Bragança em uma

casinha coberta de madeira afim de os depositar em casa de pessoas ricas que possam criar esses innocentes, enquanto o casamento não nos unir para sempre; se qualquer desgraça me acontecer, podes a qualquer tempo requisital-os e reconhecê-los; elles ainda não foram baptisados, mas tanto um como outro tem o signal de tua familia, um signal preto em forma de circo sobre o peito esquerdo . . .”

A estas ultimas palavras Augusto e Carmen soltarão um grito de admiração.

Augusto levantou-se do sophá, desfigurado e boquiaberto; mas ao ver que Carmen tambem tivera a mesma surpresa que elle, uma idéa terrivel veio-lhe á imaginação, e após alguns minutos lançou-se a ella e rasgou-lhe o vestido na altura dos seios, que ficarão descobertos.

Com effeito, um signal preto em forma de circo orlava o seio esquerdo da moça!

— E’ o signal de minha filha! bradou o ancião enlevado de alegria.

O mancebo tremia com os punhos cerrados sobre as dobras do peito de sua camiza; faltava-lhe a coragem, mas por fim com furioso impeto rasgou-a.

Tambem em seu peito esquerdo se estampava o mesmo signal.

— Sois os filhos que eu procurava! exclamou o velho.

— Ainda não, disse Augusto respondendo mais a si proprio do que a Paulo; resta-nos ainda uma esperanza, disse voltando-se para Carmen semi-desvairada; bem sabia que eu era filho adoptivo das pessoas que me criarão, mas tu, Carmen, porventura não és filha legitima de Frederico de . . .

— Tens razão, interrompeu Carmen.

Paulo continuou a ler:

“ . . . além d’este signal, um levou pendente ao pescoço uma medalha de oiro onde se lê a palavra — Esperança — . . .

— Eil-a aqui, disse Augusto arrebatando do pescoço a medalha que pendia de um cordão preto.

“ . . . e a outra uma cruz de prata esmaltada de azul — Teu esposo — Carlos.”

— e tens essa cruz? perguntou Augusto á sua esposa.

— Não, respondeu ella, nunca vi semelhante cruz.

— O! tornou o mancebo derramando lagrimas de prazer, minha esposa! e correu para abraçá-la.

Subito a moça recuou ante os braços de seu esposo.

— Augusto, disse ella, uma hora antes de sua morte, meu pai entregou-me uma carta dizendo estas palavras:

— “E’ para abrires um mez depois de casada.” —

— Apenas é meu marido ha quinze dias, mas vou abril-a; n’ella presinto alguma coisa que arrebatará de nossos corações qualquer indecisão.

— Vai busca-la, disse Augusto, eu confio em Deus!

X

Pouco depois Carmen appareceu com uma carta nas mãos, e depois de alguns momentos de hesitação, quebrou o lacre.

Ao abril-a, um pequeno volume cahindo de dentro tiniu no assoalho.

Ambos volverão rapidamente seus olhos para o chão.

Recuarão espavoridos! e dois brados de agonia echoarão por todos os angulos da casa.

Paulo não comprehendera o que se tinha passado; não via nem ouvia; apertando a medalha contra os labios, um turbilhão de idéas

o tnhão tornado abstracto, e só voltou a si d'aquelle torpôr aos braços de Augusto e Carmen.

Seus olhos fitarão se no pavimento, e elle viu a cruz que separava para sempre os novos conjuges!

A ella lançou-se rapidamente, bradando com phrenezí:

— Oh! meus filhos . . . meus queridos filhos! . . . fez uma pequena pausa e continuou: Abraçai-vos, viventes felizes, abraçai-vos, que sois irmãos!

A estas palavras Carmen soltou um suspiro e cahiu sobre seus proprios joelhos.

— Sois irmãos! . . . repetiu o velho enthusiasnado.

— Somos esposos! vociferou Augusto desapparecendo como um relampago.

O ancião cahiu fulminado ante tal castigo de Deus!

.....

.....

Tres dias depois d'estes acontecimentos, Paulo, com a barba e cabellos completamente encahecidos, gemia prostrado sobre um leito de dôr; uma febre ardente não o havia deixado depois que cahira fulminado.

Carmen estava sentada junto ao leito de seu avô: trajava luto.

Era noite. Uma vela ardia sobre uma cadeira, derramando sua luz grave sobre o rosto moribundo do ancião.

A moça tinha na mão a carta de seu pai adoptivo, que já lêra mais de vinte vezes.

Era concebida n'estes termos:

“Minha filha.”

“Amando-te sempre como tenho-te amado, tens sido o anjo de minha felicidade; não posso deixar de dar-te o doce nome de filha: sim, mas no entanto eu não sou teu pai. Agora posso dizer-t'o; porquanto entre os braços de teu esposo não sentirás o menor abalo ao saberes de tua historia.

Uma noite, Carmen, eu entrei em minha casa, serão onze horas, e ao fechar a porta da rua ouvi gemidos de uma criança recém-nascida, parei estupefacto! sondei a escuridão com meu olhar e descobri um volume sobre um dos degraus da escada, tomei-o, e reconheci ser uma criança envolvida em pannos!

Eras tu!

Levei-te á minha esposa, bradando:

— Amelia! aqui tens um presente que Deus nos envia! Oh! quanta felicidade para ti que inda hontem com lagrimas nos olhos pedias-lhe um filho! E elle ouviu as tuas supplicas! . . . mas não querendo quebrar o direito d'essa natureza que não consente gerar em teu ventre, mandou-te comtudo esta criancinha. —

Tu já estavas no collo de Amelia que desdobrava os pannos que envolvão te.

— E' uma menina, exclamou ella, e como é linda! —

O prazer borbulhava em nossos corações!

Guardamos-te com todo o cuidado, e dois dias depois nossos parentes julgavão que Amelia havia tido uma menina.

Era nossa vontade que todos se persuadissem que eras nossa filha legitima, e como tal te baptisamos e criamos, guardando sempre este segredo.

Nunca procurei saber quem erão teus verdadeiros pais, sem duvida ou elles morrerão, ou não sabem que existes a meu lado, pois até

esta data ainda não te procurarão; se algum dia elles apparecerem, perguntarás qual o signal que tinhas na hora em que foste engeitada, e poderás abraçar-os, se elles disserem que essa cruz esmaltada estava preza a teu pescoço por uma fita de setim verde. — **Frederico de...**"

Paulo delirava; era chegada a sua ultima hora.

Então a porta do quarto abriu-se com estrondo e Augusto, pallido, com os olhos profundamente encovados pela fome e sede, appareceu como um phantasma!

Paulo entreabriu os olhos amortecidos, murmurando:

— Meus filhos, dai-me vossos beijos de despedida.

Augusto e Carmen chegarão-se para junto do leito do moribundo, e depois de o terem beijado, seus olhares foram attrahidos pelo brilho de um objecto que scintillava sobre o peito do ancião.

A cruz esmaltada pairava sobre aquelle corpo semi-frio, separando os conjuges!

.....

No dia seguinte pelas quatro horas da tarde levantava-se uma lousa no recinto dos mortos para receber Paulo.

Os sinos da cathedral dobravão tristemente...

XI

Quem pelas dez horas da manhã, vinte dias depois dos acontecimentos que acabamos de narrar, atravessasse o largo da **Mãe do Bispo** na cidade do **Rio de Janeiro**, ouviria ranger sobre seus goncos o portão do convento d'Ajuda, e veria dois vultos entrarem.

Carmen ia lamentar suas desditas entre aquellas paredes sombrias!

Augusto acompanhava-a, mas era llegado o momento da separação, era forçoso retroceder.

Os jovens desventurados lançarão-se nos braços um do outro. Por espaço de uma hora enlaçados n'esse amplexo ingente, deixarão suas lagrimas e soluços confundir-se. Finalmente seus labios unirão-se, e um beijo echoou entre as paredes carcomidas do claustro.

Era o beijo derradeiro entre o amor e o dever!

Era o beijo supremo em que aquellas duas almas sempre unidas, recebiam o açoitado do destino que as separava eternamente!

Era o grito solemne da cruz que os apartava!

Augusto desprendendo-se precipitadamente dos braços de sua irmã, sahio do cemiterio dos vivos...

Mas parou! Um grito horrivel, um grito de demencia ferira seus ouvidos!

Alli, estatico, sem dar signaes de vida, permaneceu por mais de uma hora, e só do seu entorpecimento foi despertado pelo ranger do mesmo portão que novamente se abria.

Viu então sahir um grupo de tres pessoas. Uma d'ellas era moça e bella! Seus longos cabellos negros cahidos sobre as espaldas tornavão-n'a encantadora!

Elle reconheceu Carmen!

A infeliz havia enlouquecido!

As pessoas que a trazião, metterão-n'a rapidamente em um carro que partiu com estridor, abafando os gritos do mancebo que a seguia agarrado aos varões de seu recavem.

A carruagem chegou algum tempo depois ao **Hospício de Pedro II** onde parou.

Os guardas que conduzião Carmen, fizeram-n'a apeiar-se.

Augusto postára-se á porta do edificio como para impedir a en-

trada da louca; e esta lançando-lhe um olhar desvairado, soltou estrondosa gargalhada.

Já não o conhecia!

— Carmen!... Carmen!... vociferou elle, minha boa irmã... minha querida consorte!

Os guardas recuarão atterrados!

XII

Pelas duas horas da tarde um homem com indícios de princípios de loucura corria desabridamente pela praia de Santa Luzia.

Era Augusto.

De vez em quando nas pungentes dores que o ralavão, balbuciava:

— Louca!... louca!... Carmen... Irmã... Esposa! meu Deus! e eu vivo!

Que inferno!

Assim chegou o infeliz a uma das barcas de **Nietheroy**, e embarcou-se.

O vapor desatracára e já tinha andado meia viagem. O mancebo sentado sobre a borda, pensava: de repente uma luz infernal offuscou-lhe a razão, o sangue subiu-lhe em ondas ao rosto... fez um movimento e precipitou-se no mar!

No dia seguinte lia-se em um dos jornaes da cidade: "Hontem um passageiro de uma das barcas de **Nietheroy** cahiu ao mar, recebendo logo a morte de uma das rodas do vapor que lhe partiu o craneo."

Era meio dia. O guardião de um dos cemiterios acabando de ler essa noticia, levantou-se socegradamente para receber dois corpos que acabavão de chegar; e com aquella serenidade que lhes é propria, mandou conduzil-os para a valla da pobreza.

Os coveiros são prestes em cumprir suas obrigações, mas não sem primeiro encetar um colloquio ácerca dos mortos que os vem visitar.

Assim dizia um ao outro:

— Estes dois desgraçados erão bem pobres, coitadinhos... vem envolvidos em enchergas!

— Vamos ver, tornou o outro, se são homens ou mulheres.

— O' que linda moça! bradou um cheio de admiração.

— Que mogo bello! resmungou o outro.

— Esta, replicou o primeiro, é filha de familia nobre! não se parece com todas essas mendigas que vem para esta valla, e no entanto seu vestido está em trapos.

— E este, murmurou o outro coveiro, nem sequer tem roupa!

— Fôra bello, repetirão ambos no mesmo tom, e com aquella admiravel simplicidade do homem sem illustração, se elles revivessem, porque então vendo-se tão bellos, casar-se-hião.

Os coveiros ao mesmo tempo e com um só olhar havião envolvido os dois cadaveres.

De repente estremecerão atterrados! No seio esquerdo de cada um dos defuntos havia um signal preto perfeitamente igual.

— E' um signal de familia, murmurou um dos coveiros admirado.

— Serião irmãos?! exclamou o outro estremecendo.

.....
.....
No mesmo leito duro e frio como o gelo, Augusto e Carmen, na profunda valla, com os rostos voltados um para o outro, seus peitos união-se mutuamente!

Nada os separava!

Mas no entanto ao primeiro punhado de terra que cahiu na valla,
uma pequena joia rolando veio collocar-se entre elles.

Além da morte a cruz esmaltada os separava mesmo debaixo da
terra!

Porto Alegre.

F. de Sá Brito.

LITTERATURA

PRIMEIROS MONUMENTOS DA LITTERATURA PORTUGUEZA

A litteratura, segundo a judiciosa opinião de Jinguene, marcha sempre a par dos successos politicos.

O seu desenvolvimento não só necessita dos grandes acontecimentos a cujo influxo a patria se engrandece, como depende de um systema governativo essencialmente liberal.

E' á luz da liberdade que a mocidade se desenvolve, o estro juvenil rompendo a atmospheria do materialismo remonta em alteroso adejo a devassar novos horisontes na esphera das letras patrias.

O systema despotico dos governos, longe de ampliar as aspirações nobres e sublimes do povo; de embutir no seu espirito elementos de progresso e civilisação, não só interrompe a moralidade dos bons costumes sociaes, como com o jugo de suas calamitosas arbitrariedades entorpece, suffoca e asphyxia a imaginação ardente, que no seio da mocidade desabrocha radiante de luz e intelligencia.

Quantos talentos superiores, engenhos elevados e intelligencias legitimas, que aliás poderião concorrer com o poderoso auxiliar de agigantadas epopéas para a grande obra da civilisação, não são obrigados a retroceder os vãos para estacionar nos páramos da mediocridade, oprimidos e tyrannizados pelo jugo oppressor de torpes especulações e das conveniencias politicas?

A historia ahi está offerecendo-nos, em todos os paizes e em todos os tempos, as mais evidentes provas d'esta verdade; a Hespanha é talvez d'entre todas as nações do globo a que maior copia d'estes abominaveis exemplos nos dá.

Estude-se a litteratura hespanhola e observar-se-ha que, sendo aquelle paiz tão fecundo em talentos, não derão comtudo os seus engenhos o que promettião ou o que podião dar.

As suas obras que aliás tendião a traçar espaços luminosos no horizonte da litteratura universal, restringirão-se ao acanhado circuito que lhes impoz o terror do despotismo e o predominio clerical que áquella infeliz parte da Europa enviára o ultramontanismo do Vaticano.

Que a compressão do despotismo apavora e aniquila quasi que totalmente a liberdade individual é e será sempre para nós uma verdade incontestavel.

Sem a liberdade individual não ha litteratura de principios, doutrinaria, civilisadora.

O terror que o poder despotico infunde nas multidões, calando no animo dos homens de letras, priva-os da legitimidade de suas prerogativas — o sagrado dever de illuminar o povo, instruindo-o nos direitos que o tornão soberano.

Assim o genio predestinado a fixar uma epocha brilhante na historia das bellas letras, longe de irradiar-se nas espontaneas manifestações democraticas; de inspirar-se no ambiente vivificante da expressão popular, cobre-se de aviltamento nas artificiosas exaltações litterarias com que lisonjeia o proprio algóz de seu poder individual, de sua in-

fluencia, da liberdade de suas faculdades intellectuaes, e por consequencia de suas proprias glorias.

Poder-se-ha, porém, qualificar esses homens de letras que merca-deão com o talento uma posição official, de verdadeiros genios na litteratura? Não, porque esses homens ainda que talentosos, não são levitas de uma crença robusta, de uma fé inabalavel; não são verdadeiros e legitimos apostolos d'essas idéas a cujo influxo tudo se vivifica e aquece, tudo se alenta e regenera, d'essas idéas liberaes que por meio da diffusão da luz, hão de aperfeiçoar e promover a felicidade do genero humano, porque são fundados no sagrado direito da lei, da razão e da justiça.

A litteratura hespanhola, pois, persistimos em affirmar-o, não deu o que podia; resente-se quasi que em todas as epochas d'essa pressão que a tyrannia dos governos exerce no animo do povo.

Honra a Portugal, que vivendo, se nos permittem a familiaridade do termo, quasi no mesmo caso dos visinhos da Iberia, soube preservar-se d'esse contagio pernicioso, e sustentar com a soberania de um povo livre e independente, a sua autonomia intellectual!

Portugal, que desde os tempos primitivos acostumou os seus filhos a lutar pelas liberdades da patria; que sacudiu o jugo dos Phenicios, dos Godos, dos Carthaginezes, dos Mouros e dos Romanos; que com o gladio em punho proclamou nas côrtes de Lamego a sua independencia; Portugal que assombrou a humanidade com as suas descobertas; que aperfeiçoou a ordem das relações sociaes dobrando o promontorio das tormentas; Portugal que descobriu a mais rica e opulenta porção do novo mundo, e levou os dominios de sua nacionalidade até ao Indo e Ganges, não podia deixar de produzir um genio como Camões, que se erguesse no esplendor da sua magestosa inspiração para decantar as glorias lusitanas, na altura dos heróes que as alcançarão!

Foi n'essa felicissima idade de ouro das letras portuguezas, que tanto o autor d'essa famosa epopéa — **Os Luziadas**, — como Ferreira, Sá de Miranda, João de Barros, Caminho, Bernardes e outros distinctos escriptores, se esforçarão na ardua tarefa de fazer attingir ao ultimo gráu de perfectibilidade a lingua portugueza, que por sua transcendente e nobre genealogia grega, latina e arabica, se presta a todas as formulas litterarias, e como a italiana se amolda suavemente ao rigor da metrificacão e do rithmo.

Verdade é que apoz essa epocha feliz, em que aquelle pequeno canto da Europa levantou-se orgulhoso de suas glorias militares para mostrar ao mundo que como nas conquistas e nas descobertas tambem na litteratura occupava um logar de honra na vanguarda das nações civilisadas da Europa, forçoso é confessar que as letras principiárão a perder o sentimento do patriotismo, o verdadeiro cunho de sua nacionalidade.

Nem podia deixar de ser assim. A litteratura que acompanha os acontecimentos politicos, perdeu com a queda da independencia quasi que os ultimos vestigios do espirito nacional.

Os poetas portuguezes, em logar de seguirem a ampla vereda que tão patrioticamente fôra aberta por Camões, Ferreira e Lucena, afastarão-se do luminoso trilho para se engolpharem n'um pelago de allocuções acastelhanadas e de outros estrangeirismos de mau gosto com os quaes aniquilarão quasi que totalmente o estro da nova geração que despontava.

A decadencia das letras portuguezas principiou a manifestar-se nos trocadilhos italianos de Fernão Alves, e estendeu a sua obra de exterminio desde os alambicamentos da hyperbolica Malaca de Sá de Menezes até a campanuda Enriqueida do conde de Ericeira e de suas pretenções restauradoras.

Todas as nações, porém, tem seus eclipses; a França também os teve, e se foi mister erguerem-se n'aquella nação os Molières, os Boileaux, os Racines, os Fenelons e os Corneilles para salvarem a lingua franceza do imminente naufragio que a ameaçava, também Portugal teve sua epocha de restauração das letras nos Philintos, nos Garções, nos Tolentinos, nos Quitas, nos Elpinos e n'outros muitos ornamentos da Arcadia portugueza.

E' que o espirito nacional não tinha morrido de todo, palpitava com vehemencia em todos os corações, e á medida que se ião recobrando as liberdades politicas, resurgia a litteratura com todos os atavios e galas de seu proverbial e patriotico esplendor!

Affastamo-nos um pouco do intuito com que principiamos a escrever este artigo; vamos, porém, reparar essa falta, apresentando uma ligeira noticia que extrahimos de alguns jornaes, sobre os primeiros traços da nascente poesia portugueza.

A poesia, esse oleo sagrado com que a Providencia ungiu a fronte de seus predestinados; essa linguagem sublime que tanto se casa e harmonisa com as notas dos hymnos da liberdade, foi o genero de litteratura que os lusitanos cultivarão sempre com mais solicitude, proficiencia e caprichosa desenvoltura.

Os nossos primeiros poetas, talvez devido á docilidade do clima portuguez, ou ao archetypo das pittorescas paisagens em que se inspiravão, levarão a palma aos poetas das outras nações no genero pastoril!

Grossos volumes de incontestavel merecimento que legarão á posteridade, ahi estão para o attestar!

Os primeiros esboços, porém, da nascente poesia nacional, brilhando atravez da negridão dos tempos idos, remontão ás priscas eras da fundação da monarchia!

Cita, entre os mais antigos portuguezes que cultivarão a linguagem das musas, Egas Muniz Coelho. Compoz este illustre varão duas epistolas em linguagem cadente e harmoniosa. Não noticiamos estas produções como modelo de estylo ou prodigio de arte; mas é incontestavel que a sua — **Canção de despedida** — é um poema de amor e sentimento, repassado de dores curtidas pelas lagrimas de saudade!

Expressivo e meigo como o canto do cysne moribundo, suave e melancolico como o psalmodiar da virgem no templo do Senhor, é esse derradeiro adeus de despedida!

A canção de Gonçalo Hermingues manifesta distinctamente a decidida tendencia que já n'aquelles tempos havia para o cultivo da poesia.

As cantilenas de Guesto Ansur e os fragmentos do poema — **A perda de Hespanha**, — são verdadeiros monumentos de antiguidade!

Balbi cita o fragmento de um poema que foi escripto (ignora-se o autor) em 1112.

Todas estas produções inclusive um manuscripto intitulado — **O Cancioneiro**, — que existe na torre do Tombo em Lisboa, forão impressas em 1516 por André de Rezende.

Existe ainda, segundo a solicitude dos investigadores das reliquias litterarias da antiguidade, o fragmento de um poema que versa sobre a occupação de Hespanha pelos arabes.

Este fragmento composto em oitavas heroicas, foi encontrado no castello de Lousão, e posto estar já meio apagado e carcomido pelo tempo, offerece trechos admiraveis, e alguns rasgos luminosos de homerico alaude!

Attribue-se este poema ao ultimo rei dos Godos.

Na ligeira noticia que damos d'essas primitivas concepções do es-

pirito humano, não as apresentamos como collossos epicos de Helenica tuba.

Imperfeita como estava ainda n'aquelleos tempos a lingua portugueza, não auxiliava os nossos maiores a grandes accommettimentos litterarios; mas é certo que devemos respeitosaente acatar esses primitivos traços como preciosos monumentos de antiguidade, que na falta de outras perfeições, tem o espirito de iniciativa e a dupla virtude de attrahir as gerações que desabrochão, aos arraiaes das letras.

Abril de 1869.

Nicolau Vicente.

OS PALMARES

ROMANCE HISTORICO

POR

APPOLLINARIO PORTO ALEGRE

(Continuação.)

QUADRO II.

RAÇAS RIVAIS.

Era o tempo em que os cajueiros abrião as florês e a carahiba attrahia á sua sombra o alipede suçupára.

Subupira despertava, e, como o calumbi das brasilianas florestas, expandia-se ao primeiro beijo da luz, aos primeiros olhares do céu.

Os leques das palmeiras, que sobresahião aos tujupares de sapé, murmuravão meigamente á aura matutina, fresca e pura, um poema de liberdade, cujas estrophes erão tantos corações palpitantes de entusiasmo, tão fortes e inconcussos como as penedias da serra, cujas harmonias era a voz d'essa natureza que fallava pelo sussurro das matas seculares e o murmurio dos rios gigantes.

Subupira na paz preludiava o cantico mavioso das venturas sociaes; na guerra repetia effervescente o hymno sublime dos combates. Subupira era a Thadmor do deserto.

Corria o anno de 1678.

A ave da morte piára sobre a cumiada da gentil cidade das solidões. Foi merencoria melopéa! Estridulos de desolação que arrancavão lagrimas!

André da Rocha já passára ao longe, após elle Antonio Jacome Bezerra, e Subupira sorriera desdenhosa entre as palmas da carnaúba, entre os encantos de sua realza, aos modilhos dos guerreiros que a defendião. Sorriera desdenhosa . . . e elles passarão!

Quando o tufão açoita a sapucairana, seus ramos desprendem gritos de colera, arroção punhados de folhas como guantes de desafio, os galhos rangem, a seiva corre impetuosa pelas fibras; o cerne, o alburno e a cortiça pulsão em impetos de força, e as raizes agitam o seio da terra. A sapucairana resiste, estorrega-se luctando; mas vence. O tufão foge humilhado, e ella campeia activa sobre a selva, destacando no azul ambiente a magestade de seu porte coroado do triumpho.

Mas um dia — a arvore rainha — baquêa e os ventos do mundo caminhão sobre ella, como urubús sobre um cadaver.

Assim a capital dos Palmares.

D. Pedro de Almeida, o governador de Pernambuco, foi um horisonte escuro, Fernão Carrilho — o tufão, Subupira — a sapucairana. Subupira despertou aos sons de guerra.

Fabul abraçando a extremosa esposa, beijando a fronte innocente dos filhinhos, corria aos seus, bradando:

— Fabul hoje morre com os Palmares, ou vence os inimigos da sua patria.

Suas valentes legiões erguerão um brado unisono de approvação. Arcos e flechas, partazanas, segures e carabinas brandidas á luz do sol despedirão rubras scintilhas.

As muralhas da cidade estavam bem guarnecidas em suas tres portas, braços de azeviche, rijos como o ferro, frontes esplendentes de heroismo, defendião-n'as.

Ella demorava, como um ninho de condor, entre penhascos; á leste o terreno declinava em onduosa rampa, fenecendo em verdejantes planuras; nos outros angulos derramava-se em formosa chapada coberta de frondente e nemoroso arvored. D'este lado era inexpugnável, porquanto a subida era impervia, anfractuosa, semeiada de alcantis e escarpas que esvaíão-se em fundos despenhadeiros e algares, onde a treva nunca se esgarçara a um raio de luz, onde turva e mephytica agua escoava subterraneamente abrigando ao seio o horripilante jacaré, o itanha de canto mortuario e a boicininga de dente mortifero.

Fernão Carrilho erguera seus arraiaes na planicie oriental semi-oculto nas densas ramas dos bosques que a circundavão.

Na frente do valente sergipano, na alvorada d'esse dia, havia uma funda ruga, onde a meditação abria as azas.

Que planos lhe cruzavão a mente?

Advinhal-o, fôra impossivel.

O physico d'um terço, christão novo, outr'ora de nome Abimelech, e então Antonio acercou-se d'elle e lhe disse:

— Meu bravo coudel, que tendes?

— Penso, retorquiui-lhe.

— Pensais!

— Sim, e apontou-lhe o mocambo.

— Ah! Em Subupira? Os Palmares não merecem senão indifference de seu constante vencedor.

— Vos enganais, Sr. physico, preferira em plena campanha combater com um exercito europeu que com dois terços dos perros e bulhões de negros. . . Hade puxa! Que os conheço bem!

— Pois temeis desar no combate de hoje?

— Pensava n'isso, hoje elles me atacão, segundo corre, e até agora eu os atacava.

— A' noite saber-se-ha; porém, que é feito de Pedro Lopes?

Carrilho piscou os olhos, sorrindo maliciosamente.

— Talvez por esses contornos os Palmares não tenham mais cádimos e fidagal inimigo.

— E' um habil e valoroso companheiro que já opera para dar desfecho á lucta contra os malditos quilombolas.

— Eis porque em vão o procurava.

— Hoje o tereis triumphante. Passai algumas horas sem vel o, Sr. physico, que ora elle farisca a preá.

Um sargento-mór aproximou-se do bravo mestre de terço.

— Que temos, Roberio?

— Dois esculcas chegarão e dizem que em breve teremos o inimigo á mão.

— Bem, ha muito que os espero. As munições já forão distribuidas?

— Já.

Voltou-se para Antonio:

— Sr. physico, preparai o escalpello e as ligaduras que não tardará muito que tereis a fazer.

Tanto na praça sobranceira e bellicosa, como nas tendas dos bravos sertanejos, reinava indizivel anciedade; era igual em uns e outros a sêde de vingança.

O Zambi e seu conselho havião decidido que fossem atacar, sahindo fora das trincheiras.

Ao rufo estrugidor dos trócanos de tóros concavos de sucupira forrados de macia pelle de veado, ao som das bellicas parapandas, as tres portas do mocambo descerrarão-se ruidosas nas bizagras, e, como' represas d'um dique, deixarão livre curso ás torrentes de guerreiros.

O caudal do Amazonas e a corrente do Atlantico, quando vem o preamar, embatem, os vagalhões de um e outro erguem-se como dois cyclopes de quatro braças de altura, abração-se, enovelão se, arcão, estrebuxão offegantes, oscillão e tombão, produzindo tal ruído, que, no perimetro d'uma legua se ouve distincta e funereamente.

Mal ruem, levantão-se de novo, estendem os compridos braços, cospem salsa e espumea saliva um sobre o outro, e o combate recrudescer mais ardente, mais tumultuoso entre o Atlante dos mares e a Amazona dos rios.

Assim decorrem horas.

O movimento dos dois gladiadores é tão impetuoso que solta no espaço furacões após furacões, que vão estruindo troncos, desmoronando barrancas, rompendo as velas que pandeavão no horisonte e asphixiando bandos de aves que percorrião os ares.

E' o resfolgar do pulmão das aguas quando a fadiga o toma.

E' a pororóca.

Como ella, assim o encontro dos dois exercitos.

O chapéo de largas abas de Fernão Carrilho e o penacho purpureo e fluctuante de Fabul approximavão-se, dois ginetes nitrião de prazer respirando o ar fumoso da batalha e sob os acicates de dois grandes vultos.

Os dois chefes abalroavão de espada em punho, quando uma mó de soldados separou-os.

Muéra, o ministro dos exercitos entre os Palmares, via-se a braços com o sargento-mór Roberio de Magalhães.

A lucta proseguia quasi peito a peito, blasphemias e imprecações emmaranhavão-se com gritos de dores, vascas de morte, retintim e ribombar das armas.

De sobre as muralhas de Subupira compacta multidão de velhos, mulheres e crianças, assistia ao espectaculo medonho das pugnas, animando os seus com a voz e o gesto.

Era um triste quadro!

O centro do exercito palmarino depois de tres horas começou a fraquear, recuando.

Fabul que impavido fazia o flanco esquerdo avançar, apenas viu o desbarato, correu a seus bravos, bradou-lhes vehemente e incisivo, fazendo seu invencivel corsel lançar-se entre a hoste adversa.

— Querem os Palmares ver o sol deitar-se sobre a ruina de sua liberdade?

Só disse.

Foi bastante.

As legiões sustarão e rábidas como as vagas ao sopro da tempestade, rolorão sobre a columna portugueza. Esta retrocedeu a seu turno ante o inaudito esforço dos Palmares.

Muéra no flanco esquerdo escapára milagrosamente n'esse momento. O sargento-mór robusto como elle, porém, mais déstro no manejo das armas depois de certo tiro de pistola, que felizmente lhe resvalára pela face por um movimento ligeiro do cavallo, arancou da espada e arremetteu contra o negro, cuja pertinacia o irritava: affastadas da liça começarão renhido, infatigavel certame, onde o odio lhes dava forças, e a esperança de o saciarem, fazião-n'os sorrir. O ferro de Muéra, sahindo da linha de defeza, Magalhães com uma exclama-

ção de feroz alegria ia atravessal-o, quando uma bala feriu-lhe o punho que esgrimia, e seu adversario embebeu-lhe toda a lâmina no peito.

Fernão Carrilho afinal encontrou Fabul que ha tanto procurava, e que já perdera dois de seus mais estimados ginetes, dois fieis companheiros que seguião-n'o sempre ás lides marciaes com estranha intrepidez e rara intelligencia.

O sergipano acercou-se do Zambi, clamando furioso:

— Ha de puxar! Que te encontro perro de negro!

— Por S. Braz que te respondo, ladrão das matas! Retorquiu-lhe o outro, desfechando um tiro que arrancou-lhe o chapéo.

— Per Satanaz! Que me pagas principal e juros! E outra detonação reboou aos ouvidos de Fabul, impassivel vibrando pezado golpe, que Carrilho aparou em terça com indizível gentileza.

— Ah! Branco, não me canses que o rei dos Palmares será cruel na victoria.

— Quilombola, sabes como se mata uma cobra?

E os golpes se repetião, e as espadas faiscavão e como serpentes distendião o corpo esguio, retrahindo-o logo para novos golpes que não fazião nenhum dos batalhadores titubar.

Espesso véo de fumo os rodeiava.

Grupos de combatentes de ambos os lados, que vinhão em auxilio de seus chefes, empenhavão-se em torno d'elles em semelhante e tão arduo pelejar.

Em quanto a lucta aqui vai indeciza, no flanco opposto a columna palmarina commandada por Irapuá, afamado potyguara, que votava aos colonos o mais inveterado e fundo odio que o peito humano pode conter, carregava sobre elles, rompia-lhes as fileiras cerradas, e, semelhante a um corisco, por onde percorria, deixava um traço de morte, sangue e incendio. Seu braço não abalava só, ou trucidava ou fazia ruir por terra. Bravo, Irapuá! Vinga teus irmãos, a quem roubarão o berço que deu-lhes o senhor da tempestade, cujas tabas forão taladas, cujos filhos ou reduzirão á escravidão ou dispersarão nos desertos já sem fé, sem familia e sem patria!

As quinas te vencerão um dia, é justo teu desforço. Tambem onde apparecia Irapuá um claro se fazia na cohorte adversa; sua presença era um auguro sinistro, seus movimentos — a morte. Os colonos arri-mando-se á selva ião engolfando-se na ramagem.

No centro era um cahos.

Branços e negros envencilharão-se de tal fórma que ferião cega e indistinctamente. O machado, a hallabarda, a adaga longa e de folha larga, as ponteagudas chuças havião quasi exclusivamente substituido ao mosquete e arcabuz.

Muéra estava com uma bala nos omoplatas, outra n'uma coxa e algumas contuzões; mas antes de morrer queria vender bem cara sua vida e liberdade. O cavallo lhe morrera, o nobre consocio de tantas glorias o precedeu na eternidade; mas a pé, vergado sob as dôres dos ferimentos, era um rochedo em que a furia dos contrarios se quebrava, como as maretas sobre um parcel na soidão dos mares; mas alquebrado pela perda de sangue e pelas fadigas, ainda sopezava o gladio, pezado, longo e largo, e o descia, como antigo montante, de alto abaixo sobre a turba-multa que tentava esmagal-o. A cada vibração do ferro mortifero um inimigo cahia-lhe aos pés desfeito em duas partes, a cada esgar seu fazia-se presta e muralhosa ressaca em torno do denodado campeão, do valoroso Muéra!

Sua fronte vertia copioso suor, suas chagas precioso sangue em borbotões, sua alma scentelhas através dos olhos. Alfim sua espada se

quebra contra a rija clavicula de herculeo miliciano, e um sargento lhe brada, correndo-lhe traiçoeira e funda estocada:

— Entrega-te, quilombola!

— Ah! Emboaba! Pôde inda pronunciar erguendo-se e partindo o craneo do miseravel com os côpos que lhe havião ficado nas mãos.

Tambem foi seu ultimo esforço, cahiu trespassado de mil golpes.

Sol, porque não extinguiste tua luz n'esse dia!? E prossegues calmo e indifferente!

O Zambi chegou a tempo de ver o estrenuo ministro baquear soberano inda na quêda. Era tarde para ordenar sua gente aqui.

Fabul e Carrilho havião suspendido essa especie de justa particular em que os vimos para correrem aos lugares em que sua presença era reclamada.

Então de Subupira desprendeu-se sáfara e angustiosa pocêma, as portas do mocambo se abrirão de par em par e deixarão velhos, mulheres e crianças perseguidos por alguns terços de milicias que fazião tremular victorioso o estandarte das quinas de Portugal.

Era o effeito da estrategia do habil sergipano. Durante a noite fizera Pero Lopes, embuçado nas trevas, galgar inacessiveis despenhadeiros, apesar dos óbices que apresentava semelhante empresa, para no combate que esperava no dia seguinte cortar a retirada ao inimigo, tomar-lhe a cidade e ataca-lo pela retaguarda.

Fabul, á vista de tão inesperada eventualidade d'essa tentativa que julgava impossivel a não ser para elles que havião aberto um carreiro na serra, sobre-esteve attonito. Ia-lhe sendo fatal semelhante pasmo, uma partazana o atravessaria, se Saputy, donzel de dezeseite anos, filho de Irapuá, vendo o perigo que seu chefe corria, não se lançasse sobre a hastea da arma, fazendo-a curvar com o peso do seu corpo.

Os brancos soltavão victores de alegria, perseguindo os negros que fugião em todas as direcções.

Fabul manda tocar retirada.

O trócano e as parapandas guerreiras soarão.

O grito de: Ao caminho da montanha! echoou suave ao ouvido dos Palmares.

Foi a voz de Fernão Carrilho estatelar, pois em seus planos tambem pensou que não havia ultimo recurso para os habitantes de Subupira.

Os Palmares, que puderão reunir-se, embrenharão-se nas matas do sopé da serra da Barriga, contentes por terem salvo seu estandarte, onde em fundo branco via-se desenhada com as côres naturaes uma donosa palmeira.

Carrilho ordena Pero Lopes que immediatamente os siga com quatro terços, manda reunir sua gente, que encarniçada ia sobre os fugitivos, destaca metade para guarnecer o mocambo, e retém a outra junto a si para guardar os prisioneiros e render as ultimas honras a centenas de bravos mortos n'esse dia...

Depois o sertanejo audaz de Sergipe fitou o astro do dia.

O sol marcava quatro horas da tarde, proseguia bello em sua rota, sorrindo sobre aquelles campos e florestas, onde os cajueiros abrião as flores e a carahiba attrahia á sua sombra o alipede suçupára.

(Continua)

PARECER

SOBRE A THESE HISTORICA

A vinda dos jesuitas ao Brasil foi benefica ou perniciosa?

Folhêmos as paginas da historia e lancemos nossas vistas no solo em que Cabral plantára o symbolo do christianismo, abraçado aos padrões da realza portugueza.

Foi a epocha em que a Lusitania tocou ao auge de glorias; suas quinas tremuiavão nas terras descobertas por seus filhos, e sua armada tomava a vanguarda ás mais nações civilisadas.

Portugal n'este periodo era a aguiã possante que adquirira por seus feitos o predomínio dos mares.

Pouco mais de cinco decennios havia que Colombo aportára ás plagas americanas, onde encontrára tribus errantes, povos barbaros, alheios completamente á civilisação e aos costumes do velho continente.

Havia uma grande necessidade de lançar-se n'este terreno virgem a semente civilisadora.

Pouco tardou.

D. João III no meiado do seculo XVI sustinha o sceptro de Portugal, conhecia perfeitamente a necessidade de engrandecer sua nova colonia e por isso empregava todos os meios convenientes para que essa possessão fosse povoada, derramando n'ella a luz da civilisação européa.

Creou um regimen governativo, encarregou os discipulos de Santo Ignacio da instrução d'esses povos selvagens, que se davão inteiramente á guerra.

Thomé de Sousa foi o escolhido para dirigir essa possessão, que as mais potencias da Europa ambicionavão possuir.

Com Thomé de Sousa vierão alguns membros da companhia de Jesus, com o fim de accenderem o facho civilisador nos immensos sertões do novo-mundo.

Era ardua e espinhosa tal missão; mas á esses apostolos sobravão piedade e resignação para guiarem essas massas creadas na carnificina, e sedentas das victimas immoladas nas aras de Marte.

O unico alvo d'elles no Brasil era a regeneração do gentio.

Em pouco tempo chamarão ao gremio social milhares de selvagens dados á pilhagem e a essa vida errante.

Foi bem difficil; porém, mais glorioso foi o triumpho da intelligencia calcando ás plantas a brutalidade selvagem.

Aspicuelta aprende a lingua tupy, e da tribuna sagrada aponta-lhes a verdadeira senda em que devião trilhar.

Anchieta e Nobrega entregão-se devotadamente á causa que ambos havião entendido.

E porventura se poderá escurecer as virtudes, as privações e os sacrificios que soffrerão esses martyres?! Não.

O primeiro periodo d'elles na terra de Santa Cruz é uma gloria immorredoura para a congregação; forão elles os primeiros que lançarão n'esse terreno os germens da civilisação atravez das espessas neblinas da barbaria.

Seus successores mais tarde degenerarão e nodoarão os feitos gloriosos de seus antepassados.

Já não era a crença christã que os trazia á terra americana, e sim a sêde de ouro.

O gentio era escravizado e o seu suor usurpado, revertendo para os cofres da companhia, que pretendia predominar em todo o orbe.

As missões de nossa provincia vierão a ser mais tarde o asylo d'esses sacerdotes aventureiros, e ahi então dominavão despoticamente, erguidos nas azas da ambição.

Montoya, Matheus Sanches e outros afastarão-se do caminho que devião seguir no Brasil, tendo em mira o dominio e o ouro, não se pode contudo envolver no manto negro do esquecimento os beneficios e os sacrificios de seus antecessores, os primeiros que derramarão as luzes da civilisação no Brasil.

Apresento agora duas opiniões, a do nosso contemporaneo Macedo e a do illustre Raynal.

Eis o que diz o historiador brasileiro em referencia á primeira epocha dos jesuitas no Brasil:

"Com a affabilidade do trato, com a piedade, a paciencia e dedicação attrahirão numerosos cathecumenos entre o gentio, a quem encantavão ainda com os cantos religiosos, apparatusas solemnidades e com as procissões em que apparecião os meninos indios ou columins vestidos de acolytos."

Vamos mostrar o que elle diz tratando do ultimo periodo d'elles:

"Os padres davão o exemplo da mais escandalosa perversão dos costumes: por certo que não terião sido nem os mais instruidos nem os mais moralizados aquelles que havião conseguido trazer consigo os donatarios; e esses padres sujeitos á mesma influencia que os outros colonos, livres de toda a disciplina, entregarão-se aos maiores excessos e se forão assalvajando com os selvagens."

Agora apresentamos a opinião do illustre escriptor francez:

Jámais sonharão de appropriar-se dos productos de um territorio, que sem elles provavelmente jazeria até hoje no estado inculto e inhabitado do resto d'America: encontrando a cada passo obstaculos indiziveis, fadigas excessivas, e algumas vezes a mesma morte, que incompreensiveis trabalhos, cuidados e paciencia não lhes custaria para fazer passar selvagens de uma vida errante para o estado social! E' preciso convir que este prodigio de civilisação só podia ser desempenhado por estes religiosos, que havião adquirido um heroismo christão, e arte tão difficil de fallar aos corações e aos espiritos ferozes a um grão, em que não tem sido igualados; e se em geral semelhantes corporações são as mais proprias para taes empresas, e com as forças necessarias para desempenhal-as, já pela santidade dos motivos que sucão na sua instituição, já pelas virtudes adquiridas e sobretudo, pelo espirito de perseverança, de que participão, quanto mais completa deveria ella ser pela sociedade dos jesuitas, que sobrepujou infinitamente, e eclipsou tudo quanto fizerão as outras congregações na mesma carreira! Todavia seus successores tiverão vistas menos nobres e menos puras: lançarão o germen de dominio, e fundarão um systema de ambição e de soberania sobre a destruição de todas as bases sociaes, e buscarão um augmento de fortuna e de poder, onde não deverião ter em fito mais que a gloria do christianismo e o bem da humanidade: nada poderá disfarçar e diminuir o horroroso attentado, com que abusando, por tudo aquillo que a virtude e a probidade tem de mais sagrado, da boa fé e da confiança da côrte de Madrid, se prevalecerão da innocencia, simplicidade e do trabalho dos seus proselytos para se fazerem opulentos, para comprarem credito na Europa, e para augmentarem uma influencia já perigosa por todo o globo; para estragarem e perverterem os

principios de equidade natural com maximas depravadas; e para emfim com enthusiasmos de independencia os levarem ao fogo da rebellião a combater com fanatismo e desigualdade contra tropas regulares e disciplinadas.

Achylles Porto Alegre.

MINHA LYRA

Qual sabiá, que timido seu canto
Faz ouvir no sertão;
Occulto d'entre a côma das palmeiras
Vai alli ensaiar canções primeiras
Das flores na estação;

Ama o tetrico e lugubre silencio
Que respira nas matas;
Ama ouvir o suave borborinho
Das aguas, que se vão quebrar mansinho
Nas fraguas das cascatas;

Quando a tarde ao cahir no berço dorme
Plácido o innocente,
A sorrir-se com as palpebras cerradas;
E as brizas do norte perfumadas
Lhe embalão brandamente;

Quando as flôres da sésta se levantão
Ao sopro da lufadas;
Quando após vem a noite com seu manto
Derramar em seu seio o doce pranto;
E dormem desgrenhadas;

Quando bella no céu esparge flôres
A aurora roseada,
E o desperta em seu ninho humedecido;
Um canto entôa alli sem ser ouvido
A' sombra da ramada.

Canta quando o sol sorrindo nasce
Um cantico ao Senhor:
Timido não librou ainda os ares,
Vive ignoto no seio dos palmares
O rustico cantor.

O seu canto não tem'a melodia
Das ternas juritys;
E' como os sons discordes que desferem
As cordas, se um dedo estranho as ferem
Das harpas das hurys.

Assim minha lyra vive humilde
Em sua solidão;
As suas notas são como vagidos,
São quaes do sabiá gorgeios timidos
Soltados no sertão.

Manoel José Sueiro Junior.

A. . .

Tu foste a estrella que brilhaste unica
Na noite negra de meu céu fatal,
Da mocidade na florida estancia,
Unica rosa que brotou o rosal.

Eu era jovem . . . tinha a face pallida
De atroz martyrio supportando a cruz;
Era poeta, mas a mente lugubre
Sonhava em trevas almejando a luz.

A luz tu foste, illuminando rutila
O vacuo fundo que jazia em mim;
Vi-te, mirei-te, perguntei-te "amas-me?"
E tu tão meiga murmuraste "sim."

Então votei-me arebatado em extasi
Ao ineffavel que exprimiste alli;
Senti o que sente-se e que nunca explica-se,
Senti que vivo, e vivereei por ti.

Anjo descido dos celestes páramos,
Que pela terra peregrino vai
Passando a porta do infeliz n'angustia,
Paraste virgem p'ra escutar um — ai —.

Foste o pharol a reflectir argenteo
Que avista o nauta no revolto mar;
Balsamo doce — de minh'alma a ulcera
Só tu soubeste com tua mão curar.

Flor transplantada dos jardins de Ausonia
A' gleba esteril do Siberio frio,
Eu, pouco desmaiando as petalas
Murchava á mingua do calor do estio.

Tu foste o sol que na corolla gélida
De ardentes raios inundaste a flor!
E agora eu sinto renascer mais vivido
Ao grato brilho do nascente amor.

Bem vinda sejas — minha estrella unica
Na noite negra de meu céu fatal,
Da mocidade na florida estancia
Unica rosa que brotou o rosal.

Bem vinda sejas — occupando rutila
O vacuo fundo que jazia em mim;
Vi-te, mirei-te, perguntei-te "amas-me!"
E amor tu deste-me em teu doce "sim."

Porto Alegre.

F. A. Ferreira da Luz.

A' POETISA

JULIA MARIA DA COSTA (★)

As flores dispersas são flores do céu,
Rescendem olôres, essencias divinas,
Em beijos de anginho viçosas se abrirão
Envoltas nas folhas de brancas neblinas.

Nascerão banhadas aos raios d'aurora,
De leve nutridas d'orvalho das noites,
Que as pet'las ungindo de aromas subtis
Os ares perfumão da brisa aos açoites.

São flores mimosas de ethéreos jardins,
A' tarde colhidas na tenue penumbra,
Que a noite desata do cimo do serro,
E a face animada dos mares obumbra.

São notas suaves de eólio instrumento,
São hymnos sublimes de maga harmonia
Por dedos de anginho tangidas a medo
Em noites serenas, em hora tardia.

As flores dispersas brotarão no céu
Vasando perfumes, fragrancias divinas,
E aqui ao bafejo das auras se abrirão
Envoltas nos fólhos de brancas neblinas.

Achylles Porto Alegre.

(*) Flores dispersas é o titulo do volume de poesias.

UM MUNDO DE AMOR

E' tão meiga a expressão d'esses teus olhos,
Respira a tua voz tanta doçura:
Que ouvindo-te, enlevado, quasi esqueço,
Que em ti palpita a humana creatura.

Depois, quando se extingue o brando accento,
E os cilios velão teu olhar profundo:
Minha alma se recolhe pensativa,
Comtigo, oh meu amor, creando um mundo.

N'elle, sosinhos, habitamos ambos,
Sem que p'ra nós jámais termine o dia;
Nem póde a noite desdobrar seu manto,
Onde a luz da paixão tudo irradia!

Nossa existencia corre lá tranquila,
Como a flor que tombou sobre a corrente;
Quem sabe a flor para aonde a leva o rio,
Nem, livre no seu curso, o rio a sente.

Quando se é moço e nos opprime o peito
O doce peso de um amor immenso:
Quem pergunta ao amor se é infinito,
E não se abrasa no seu fogo intenso?

Ai, fascinados como o doudo insecto,
Que em torno á chamma volitando morre:
Quantas vezes, amando, nem sentimos,
Que a nossa vida p'ra os abysmos corre!?

Mas comtigo, alva estrella, eu não receio,
Que a desdita cruel me turve os dias;
Antes se me affigura que tu sabes
O segredo de eternas alegrias.

Solta pois do teu labio o verbo augusto,
E o nosso mundo surgirá do nada!
Depois, se a morte o arremessar ás trevas
Juntos iremos á mansão sagrada!

Rio de Janeiro 1867, Dezembro.

Manoel José Gonçalves Junior.

EMENTARIO MENSAL

Tenho acanhado espaço para encher no presente numero da revista.

A minha carteira de notas não tem uma folha em branco, e no entanto não me posso utilizar do trabalho paciente e aturado de um mez.

Ler com attenção reflectida os jornaes da côrte e da Europa; não deixar desaparecer nem mesmo as correspondencias de Portugal, Londres, Suissa, Hespanha, Austria e etc., publicadas n'essas folhas; reunir dados importantes, e não poder entretanto escrever sobre os mesmos á minha vontade! . . .

O culpado tambem fui eu.

Poderia escrever muito; encher as 32 paginas; limito-me, porém, a tres apenas, pois tenho certeza de que os meus escriptos serão inferiores aos que encontrarão os leitores nas 29 precedentes.

Assim quero dar publicidade aos artigos e poesias dos meus collegas, de preferencia ao que é meu.

Ha de forçosamente agradar o romance do Sr. Sá Brito e o artigo litterario do Sr. Nicolau Vicente. Para qualquer produção minha formigarião mil criticos, e a coitadinha, filha de uma intelligencia sem cultivo, não resistiria por certo á analyse.

E por fallar em criticos . . . A **Revista** teve bom acolhimento por parte da imprensa da provincia.

Todos disserão bem da associação que tanto se esforça pelo engrandecimento das letras da nossa terra; mas é força confessal-o, d'entre todos destacou-se o illustrado publicista que redige o **Correio do Sul**, o Sr. Felippe Neri.

Encheu-me de enthusiasmo e deu-me alento o seu artigo sobre o **Parthenon** e a **Revista**.

Deu-me alento, sim, porque, isento de pequeninas paixões, de sentimentos mal fundados, S. S., ao passo que censura o estylo de um ou outro artigo do 1.º numero, não esquece notar as bellezas de outros, dirigindo palavras de animação aos moços que trabalhão, que estudão, e que tudo envidão para depurar a intelligencia por meio das luctas litterarias.

Dóe, dóe muito, a gente vê entrar-lhe n'alma o desalento, quando apparece-lhe pela frente um critico, que sem piedade condemna a nossa obra, sem separar o malmequer das flores perfumosas, sem distinguir o vulgar do que póde haver de bello e sublime.

Quanta intelligencia brilhante de seiva não se tem embotado por effeito da critica mordaz, que vai ferir muitas vezes o individuo, sem de leve tocar a obra?

Quanta flor mimosa não tem ahi pendido sem vida, á falta de animação?

Quanto moço estudioso e de esperanças não se tem recolhido ao gabinete, sem querer expôr em publico os fructos do seu talento, receiando ou a critica estúpida e apaixonada, ou a indifferença publica?

Bem haja portanto o Sr. Neri; S. S. demonstrou-nos que leu attentamente a revista: apontou alguns senões, que os proprios autores reconhecerão, agradecendo o aviso de tão abalísado mestre; mas, fa-

zendo justiça aos esforços dos jovens socios do **Parthenon**, penhorou-nos com a confissão de que o deleitára a rapida leitura da revista, como nos honra com o facto unico de sua apreciação.

— Deixando de parte o movimento litterario que se tem operado ultimamente no Brasil e na Europa, tarefa de que incumbir-se-ha o meu collega o Sr. José Bernardino dos Santos, que entra de mez, tratarei hoje exclusivamente do d'esta cidade.

Filhos da desgraça e Sensitiva são os titulos de dois novos dramas do Sr. Appollinario Porto Alegre.

O primeiro é essencialmente popular, pelo que, posto em scena, obteria os applausos da nossa platéa; a **Sensitiva**, porém, é um drama, que, como a **Dalila**, é melhor apreciado lendo-se.

O titulo mesmo faz conhecer a linguagem apurada e fina em que está escripto o drama.

Sensitiva! planta mimosa tão cara a todo aquelle que tem coração, que ama, que está acima dos calculos materialistas da epocha.

Sensitiva! fructo de uma imaginação de fogo, de uma intelligencia tão vasta quanto esclarecida, que já nos tem dado outros tão sazoados fructos, como **Os Palmares**, **A Flor de Laranja**, **Gracina**, (romances), **Cham e Japhet**, e **Jovita** (dramas), este ultimo de collaboração com o Sr. Menezes Paredes.

Não descance o meu nobre amigo, e lhe auguro os louros do futuro.

— **A Doida** é o titulo de um romance do Sr. José Bernardino dos Santos, que deve ser em breve publicado.

O seu intelligente autor publicára-o já em folhetim no jornal que então redigia, a **Actualidade**, tendo feito uma pequena edicção que distribuiu por alguns de seus amigos.

Quando começar a hora da justiça para a pleiade que óra tenta levantar do abatimento a litteratura brsileira, José Bernardino dos Santos deverá ser dos melhores aquinhoados nas benções de seus compatriotas.

E' um dos mais estudiosos moços, e tem já o nome notavel nas luctas da imprensa periodica, onde ha muitos annos se acha envolvido.

O seu romance é escripto com gosto e merece ser lido pelos amantes da litteratura.

— O Sr. Vasco de Araujo e Silva, que não ha muito tempo publicou uma geographia para uso das aulas da provincia, compillou uma geometria applicada,, que é destinada ao mesmo fim, e que já foi adoptada pelo Conselho Director de Instrucção Publica.

E' um trabalho de muito merecimento, que revela claramente que o seu autor tem conhecimento profundo d'essa sciencia.

O Sr. Vasco presta um real serviço á mocidade da provincia, cooperando em muito para que o ensino dado nas aulas publicas seja por compendios aqui elaborados, sem necessidade de recorrer aos já antigos e incorrectos que por ahi servem.

— O Sr. Frederico Ernesto Estrella de Villeroy acaba de compor um compendio de grammatica da lingua nacional.

Tivemos occasião de ler e examinar esse trabalho, e sem medo de contestação podemos affirmar que é o melhor no seu genero; parecendo-nos, como a algumas outras pessoas que o virão, que a exposicção era muito philosophica para o fim a que o destinava seu autor, isto é, para o ensino primario.

O Sr. Villeroy então, a quem não dirige fôfa vaidade, mas o ardente desejo de melhorar n'esse ponto a instrucção da nossa mocidade, a que tem dedicado a melhor e maior parte de sua vida, sendo esse especialmente o ramo de ensino a que mais se tem dado, resolveu sujeitar o seu compendio á illustrada apreciação de um dos mais habéis e distinctos professores da capital, e, depois de ouvida tão respeitavel

opinião, retocar o seu trabalho, fazendo as alterações que fossem julgadas convenientes.

Com effeito assim procedeu, e hoje o seu livro é a todos os respeitos um bello mimo feito á mocidade.

Quando mesmo não houvesse necessidade de um compendio de grammatica, á vista da deficiencia do até agora seguido, a excellencia incontestavel do compendio do Sr. Villeroy, superior a quantos conheço, era razão sufficiente para ser elle adoptado nas nossas aulas, como em breve esperamos ver, pois por estes dias deve ser apresentado ao Conselho Diretor, que terá occasião de prestar um duplo serviço ás letras patrias, já adoptando o livro, já por esse facto animando seu intelligente autor a proseguir em outros trabalhos em que sabemos se está occupando.

— O Sr. Diogo Francisco Cardoso vai publicar uma nova arithmetica. Não conheço nem autor nem trabalho. Tenho ouvido dizer que é uma obra ligeira para uso dos meninos, e que não houve por parte do autor todo o cuidado na clareza das regras. Prefiro, porém, não dizer mais a commetter uma injustiça.

— **Risos e Lagrimas** — assim se chama um drama novo do Sr. Hilario Ribeiro de Andrade e Silva.

Terho-o em meu poder, e apenas d'elle li algumas paginas; por ellas, porém, julgo que o dramaturgo não fica áquem do poeta, tão merecidamente festejado do publico da capital.

— Duas palavras sobre theatro, e terei concluido a minha tarefa.

A companhia dramatica do Sr. Cabral foi bem acolhida pelo publico, e em verdade tem ella conseguido attrahir á si as sympathias de quantos frequentão o theatro.

Antonina Marquelou é uma grande actriz — intelligente, estudiosa e com todos os requisitos necessarios á uma 1.^a dama.

Maria, Noemia Keller, Joanna Champloux, Leonor — é sempre digna de applausos, merecedora das ovações que lhe tem dado a platéa.

Barbosa não precisa que eu lhe diga quanto vale; tem-lh'o dito o publico fluminense, os mestres d'arte, a nossa platéa, e acima de tudo a sua consciencia. Fez-nos rir em frei Felipe; fez-nos derramar lagrimas na **Filha do Lavrador**; está n'isto só o elogio do artista.

Os voluntarios do cerco do Porto, imitação de um autor francez, é uma comedia de facil enredo, mas de muito espirito, que agradou e que ha de ser applaudida sempre que fôr representada. Aperto as mãos ao autor, como applaudi phreneticamente o artista.

O Sr. Cabral Junior, que é moço, que estuda com afinco a arte que abraçou, que possui esse dom sagrado do céu — o talento — ha de ser no futuro um grande actor.

No seu genero, tenho fé que não ha de encontrar rival no palco brasileiro.

Sinto não poder fallar como desejára de cada um dos outros artistas; mas é-me grato confessar que todos trabalham bem e são dignos dos applausos que lhes tem sido tributados.

Ha na companhia uma jovem actriz que me merece muito e por quem nutro as maiores esperanças de que será mais tarde grande vulto no theator sentimental, o que mais preso, porque mais me toca ao coração: a Sra. D. Maria Augusta.

Foi para mim uma surpresa agradável: quem diria que aquella florista da **Estatua de Carne** teria força de representar o papel de Helena na **Filha do Lavrador**?

Apreeiei então o seu trabalho perfeito n'esse drama; vi-a depois no papel de Amelia na **Dalila**, e desde essa occasião nasceu-me a convicção de que, com a pratica de scena e algum tempo de estudo, a Sra. D. Maria Augusta terá jús á classificação de 1.^a dama em seu genero.

Não ha o menor vislumbre de lisonja no que levo dito sobre os artistas; tenho a honra de entreter com alguns d'elles relações de amizade; mas distingo perfeitamente o homem social do artista, e ao passo que venero aquelle, bato palmas aos triumphos d'este.

Treze tiras vão escriptas; está preenchido o espaço que me reservei; é preciso concluir.

No seguinte numero da revista darei á estampa as impressões que me causarão a representação e leitura do magnifico drama — **A Estatua de Carne**, — e então terei occasião de dizer do merito de cada um artista que n'elle toma parte.

Até lá.

Aurelio V. de Bittencourt.

BOY-TATA

Lenda rio-grandense

Todos os povos, os mais barbaros, como os mais cultos, têm as suas lendas mais ou menos verosímeis e phantasticas, ou trescalando maior porção de doçura e belleza.

O povo selvagem adóra essas imagens em sua idolatria; o povo civilisado ama e venéra essas crenças: aquelle por ser-lhe a sciencia um mysterio; este porque respeita n'essas tradições a innocente ignorancia de seus antepassados; porque vê n'essa extrema credulidade nos **mãos espíritos**, uma parte influente d'esse ingenuo fanatismo religioso dos primeiros tempos. Ou quando não por esta causa, reconhecem e acei-tão essas lendas como a fabula nacional, como as bellas imagens da poe-sia nascente.

O philosopho despreza ou condemna com seu rir de sarcasmo, aquil-lo que nas tardas horas canta o poeta de concerto com os harpejos do sonoro alaude, a beira do lago azul, em cujo plano o astro da noute traça na projecção de seus raios mil phantasmas de prata, que ao mais tenue beijo da brisa agitação-se em mil phantasticas fôrmas.

A historia não as consigna, a sciencia recusa-as, mas os poétas cantão-as; e essas crenças supersticiosas, essas lendas tão lindas, tão ungidas do bello ideal, perpassão no verbo de uma geração à outra, que as transmite á posteridade, sempre com as cores animadas e revestidas da naturalidade e belleza nacional.

No Oriente, como nos paizes do centro e norte da Europa super-abundão as lendas, e a Allemanha, a illustrada Allemanha, com espe-cialidade, fez d'essas historiêtas mysteriosas uma das mais bellas partes da sua litteratura.

Como as ruinas dos castellos gothicos, que o Rheno assoberbado pelas moles de neve que o sol da primavera começa a fundir, lambe de suas margens, e rola-as na caudal impetuosa á immensas distancias, onde as lança á praia, ou forma com esses fragmentos esculpturados um escólho, que na baixa do nivel de suas aguas descobre, mostrando-o como obra da magia e do encanto; nós temos tambem em nossa bella Provincia capões, cavernas e lagóas encançadas ou mal assombradas, que dão origem a muitas e lindissimas lendas.

Entre as mais populares, citaremos a do **Boy-tatá**.

Boy e **tatá** são duas palavras guaranys que significão, serpente e fogo, e que naturalmente forão applicadas, ou que assim devemos en-tender que o forão, designando — o **fogo-serpente**, ou o **fogo que ser-penteia**, visto tão bem adequar-se ao objecto de que nos occupamos; de definir tão tacitamente essa luz vaga, que conhecemos pela denomi-nação de **fogo ephemero**, ou **fogo fátuo**.

Bem raro será entre os leitores que tenham viajado pela Provin-cia, que não hajão visto alta noute essa chamma côr do Iris, luzir e apagar-se repentina; cruzar lentamente as vastas campinas, ou saltar veloz de eminencia em eminencia, scintillando como uma grande es-trella sobre a fronte escavada dos Tapes, corôando com rutilo diadêma a frônte alpestre do primogenito dos Andes, o altivo Botucarahy, ao mesmo tempo que igual corôa ignea laurêa a fronte verde-negra do

Itacolomy, e que outras tantas almenaras brilhantes deslumbrão nas cambiantes chispas o viajar que cruza as aureas asperezas da serra das Lavras.

Supponha pois, o leitor, que viaja na Provincia de S. Pedro do Sul.

E' Sexta-feira, começa a fechar-se a noute, mas querendo vós aproveitardes um dos bellos plenilunios de Maio, viajais acompanhado de tres camaradas, em Missões, por exemplo, entre as extinctas reduções jesuiticas.

Haverá uma hora que o astro esplendido do dia desapareceu nos seios da serra, e que a luz desmaiára agonisante as portas do alcáçar das sombras.

E' cedo ainda para que a rotunda romeira, a noctivaga viajante comece a sua passagem por sobre vós.

No entanto, a noute envolve-vos em seu véo de nankin; estais immerso em profunda escuridão.

Na estrada vermelha calcada ao attrito dos viandantes, e de immensos cordões de carretas, que diariamente transitão-a, conduzindo dos Hervaes para Itaquy, ou qualquer das outras villas que o Uruguay margêa, o matte, esse producto um dos mais importantes da industria e commercio da Provincia, resôa com som cavo e lugubre o tropel de vossos corseis fogosos a resfolegarem, espumantes as ventas, os olhos activos as orelhas trocando-se ligeiras, e rangendo os dentes no ferro do freio que mascão. Além d'este ruido surdo o silencio é pavoroso, inda que quebrado pelo bater das grandes rosetas das pesadas chilenas de vossos companheiros sobre as rodela de prata, como cadenciando o trotar das cavalgadas em monotono tinir, quando de repente sobre o dorso curvo de uma das mais elevadas **cuxilhas** proximas, a mysteriosa almenára abre o leque de fogo, e passeia da saliencia ás dobras do terreno e remonta á outra eminencia, alterando a côr de sua chamma pyramidal.

A' sua appareição vossa comitiva estatêla; o cavallo estremece entre vossos joelhos e estaca tambem.

Os tres camaradas que vos acompanharem, homens capazes de lutar braço a braço com um gigante, de acommetter o mais feroz dos tigres com sua adaga, ou simplesmente com as **ollas**, estarão estuporados e a tremer como a vergonteia do sarandy que a correnteza agita: um deslizando-se do cavallo, cahirá de joelhos com o rosto occulto entre as mãos, balbuciando uma oração, que a custo reconhecereis ser o **Crêdo**; outro riscará com o ponta da adaga um **Signo Salomão** na cabeça do lombilho, atravessando-a depois na boca, prendendo-a nos dentes com o gume para fóra e a ponta para o lado do **Boy-tatá**; e finalmente o ultimo, desapresilhando dos tentos o laço, cuja armada corre, meneia e lança para aquelle lado, até estirar a ultima rodilha das muitas em que estava elle colhido.

Ao presenciardes essa scena curiosa e estravagante aclarada por tão deslumbrante phanal, sentireis, sem duvida, algo de compaixão por vossos ignorantes companheiros de viagem, e difficilmente podereis suster o riso que vos provocão seus authomaticos movimentos, e a gravidade e recolhimento com que responsão.

Oh! mas não ride, por caridade! porque esses homens vossos amigos até a ultima gotta de sangue, tomados de horroroso susto serão capazes de immolar-vos para que a vossa ironia ou hilariedade não exacerbasse a furia do **espírito errante**, que, segundo elles crêm, — anda cumprindo o seu fadario na terra até que Deos lhe perdõe os seus peccados, ou que alguma alma bemdicta o ouça e saiba d'elle onde estão enterrados os seus thesouros, afim de os desinhumar e repartil-os com os parentes e os pobres, depois de retirada a quantia sufficiente para as missas em intenção de sua alma; ou que se encar-

regue de pagar a promessa que aquella **alma penada** deixára de cumprir; e cujo fogo, mesmo de longe, queima os de quem não gosta, cega com seu fulgor ou faz ficar vidente.

Então se vos voltardes será preciso perguntar-lhes repetidas vezes o que fazem, para ouvil-os, gelados de terror, responder a mêdo, tapando a boca com as mãos e muito custo, n'uma exclamação mysteriosa:

— E' o **Boy-tatá**!

A chamma prosegue a sua derrota, e a proporção que vai oblicando, elles vão lhe dando sempre frente receiosos de que o fogo salte sobre elles e os venha queimar de **traição**.

Extingue-se, porém, a luz que vos estava mais proxima na mesma occasião em que outra resplende lá ao longe; (o que os faz acreditar quo o **Boy-tatá** salta grandes distancias, e que só se deixa ver quando já está perto da pessoa a quem deseja fazer mal) vossos companheiros, aproveitando o enseja, não montão, saltão sobre os cavallos; os estribos não lhes são necessarios para a ascensão aos arreios; e vossos cargueiros e vós mesmo sereis forçado a seguil-os a toda brida, ou a **trote chasqueiro**, para qualquer rumo, com tanto que seja diametralmente opposto áquelle em que está o **Boy-tatá**, seja elle embora contra a direcção que pretendiéis seguir; e se os não quizerdes acompanhar, deixar-vos-hão isolado em meio da estrada.

Se ao contrario, os seguires, vel-os-eis, como por instinto, cruzar banhados e mattos, ora seguindo o estrada real, ora abandonando-a por um apagado trilho, ora cruzando campos e indo de novo encontrar a estrada além, até que d'ahi ha poucos momentos um vulto informe se apresenta em vossa frente, e o — **ó de casa** — vos vêm quebrar o timpano dos ouvidos de mistura com o alarido, que fazem uma infinidade de jaguáras e o rosnar ameaçador dos robustos e formidaveis cães de fila.

Estaes pois, a porta de uma misera chôça colmada de **santa fé**, **tiririca** ou **macêga**, de paredes de estuque mal barreadas, onde o frio, o sol e até a propria chuva coão-se sem o menor embaraco; e onde vos obrigão a pernoutar os vossos camaradas, por causa do **Boy-tatá**.

Habitão ordinariamente estas estreitas e miseras vivendas um velho **Xirú**, ou algum dos agregados do dono da fazenda, de que são elles os **posteiros**, com sua familia, que nunca é maior em idade (por causa do recrutamento), nem menor ao numero de oito filhos. E por isso quando lhes perguntardes quantos filhos têm, não vos admireis de ouvil-os responder que são — **pae de oito familias**, porque elles contão cada filho por uma familia.

Dous compartimentos dividem suas habitações, a sala e a alcôva; n'aquella recebem as visitas e os hospedes, e n'esta estão seus catres cobertos de couro, e á um lado uma trempe formada de trez pedras; do tecto, amarrado n'uma guasca pende um comprido gancho de páo, em que põem as panellas ao lume; de sorte que esta segunda peça lhes serve simultaneamente de cozinha e dormitorio.

A hospitalidade é por elles considerada um dever, não só de equidade, porém obrigatorio; e por isso imaginae sem mais preambulos estardes sentado junto a um brazeiro tomando **matte chimarrão**, que está **sevando um piá**, em quanto um venerando ancião, o dono da casa, vos conta a seguinte historia, respondendo a vossa pergunta: o que é o **Boy-tatá**?

— Graças a Deus Nosso Senhor Jesus Christo, diz elle inclinándose em signal de recolhimento religioso, eu sei rezar o **Crêdo**, e por isso o **Boy-tatá** nunca me perseguiu, e nem eu pude vê-lo bem de perto; mas meu avô, que era corregedor d'uma das reduções dos santos Padres Jesuitas e homem de verdade, disse-me muitas vezes que esse **espírito máo** era a alma d'um **Ilhéu** muito usurario, que morreo fóra

da graça de Nosso Senhor, porque nunca quiz se confessar, para não revellar onde tinha enterrado seu dinheiro, e que por isso não podia entrar no céu e tinha sido condemnada a andar errando pelo mundo até que alguém lhe quizesse fallar, afim de saber onde estava enterrado o thesouro, e com elle mandar dizer missas por sua alma e repartir o resto em esmolas.

“A historia do Ilhéu é assim:

“Quando os santos Padres Jesuitas vierão para cá, já havia um **Ilhéu** muito rico e muito máo, que dava pousada á **ninguem**, nem emprestava cavallo ao viandante que tinha cançado o seu; dormia sobre os **surrões** em que guardava as suas onças, doblas, meias doblas e patações, porém, que com a vinda dos santos Padres, principiou a dizer muitas herezias e foi n’um capão e enterrou-os, em um lugar onde cinco pinheiros fazem uma cruz, e ahi todas as noutes ia vigilar, e as vezes dormia no lugar em que os tinha enterrado.

“Foi uma Sexta-feira dè noute que isto aconteceu.

“Estava elle dormindo, quando lá as tantas da noute cahio uma tormenta que parecia querer deslocar as penhas e arrancar os pinheiros, o **Ilhéu** assustado accordou-se gelado de medo e de frio, mas em lugar de rezar, poz-se a chamar pelo **Cão sujo**, e a cada raio que reben-tava elle exclamava: Demonio! com seis mil religiões de demonios! que esta maldicta chuva vai me fazer apodrecer os **surrões** que tem dentro os meus thesouros . . . e outras heresias mais; quando as trevas se tornarão mais compactas e succedeo um silencio de morte.

“O usurario pensou que tinha passado o **pampeiro**, e em lugar de agradecer a Deus Nosso Senhor, ou a N. S. da Conceição, disse: ora graças ao Diabo; que socegou!

“E tanto chamou pelo Diabo, que este lhe appareceo, disfarçado n’um touro **osco negro** com guampas e olhos de fogo, resfolegando labaredas pelas ventas, com clinas de pôtro **bagual**, cauda de macaco, e patas de tigre, e lhe disse:

“Aqui estou meu irmão, o que me quereis vós, que me chamaste tanto?

“O Ilhéu não respondeo nem á primeira, nem a segunda pergunta do **Tinhoso**, mas á terceira disse zangado:

— Quero dinheiro! muito dinheiro!

— Terás tres vezes mais do que o que tens enterrado ali, disse o Demo, apontando para a preciosa sepultura, mas é com uma condição. Quer?

“O Ilhéu quando ouvio elle dizer “tres vezes mais do que o que tendes ali enterrado,” e apontar o lugar, sentiu um calafrio mortal coar-lhe todo o corpo, e congelar-lhe até a medula dos ossos: porém — o **terás tres vezes mais**, era-lhe muito mais agradavel, e deixando se arastar pela sêde do ouro, por sua infrene ambição disse:

— Quero o dinheiro e aceito a condição, pouco me importando qual ella seja . . . Mas antes quero o dinheiro.

— Pois bem, disse-lhe o Diabo, d’aqui a sete dias espera-me aqui, que meus irmãos t’o trarão.

“E com effeito na seguinte Sexta-feira, estava elle já desesperado de esperar, quando um tropel surdo como o ribombo longiquo do trovão se fez ouvir; o **Ilhéu** crêo ser uma tropa que **refugava** e **disparava da ronda**, e sorriu se contente, contando já que d’essa tropa muitas rezes ficarião perdidas em suas invernadas, e sahio a vêr se as podia distinguir, quando vio uma procissão de mais de mil luzes, que o vinha encontrar.

“Fizerão o pacto o Ilhéu e o Diabo ao som de festivos cantares da multidão de Demonios; mas á cada onça que contavão, um gemido pungente restringia na matta.

"O Ilhéu recebeu o dinheiro, e acabando de assignar o documento em pergaminho, todos os Demonios velhos e moços, grandes e pequenos derão uma gargalhada horrorosamente estridente e tudo desapareceu.

"Os santos Padres Jesuitas excommungarão o usurario.

"Desde essa noute todas as Sexta-feiras a meia noute em ponto, a casa do usurario ardia em lingoas de fogo da côr da chamma da caxaça, e no outro dia ia se vêr e a casa estava tal e qual. A procissão dos Demonios andava dispersa aos cazaes **parando rodeio** e atropellando o gado campo fóra toda a noute.

"Uma noute porém uns viajantes que não sabião que esse lugar era **mal assombrado**, vierão dar ahi, mas encontrarão uma porção de homens embuçados em capotes pretos, todos gemendo ao redor da casa, que estava ardendo e d'onde de repente saltou uma luz sobre cada um d'elles, e os matou a todos, queimados.

"Desde então todas essas luzes se espalharão pelo mundo, e andão por toda a parte a fazer mal.

"O Ilhéu tinha morrido e essas luzes erão os pedaços da sua alma, que os Diabos repartirão, e que andão errando sempre entre o fogo; e é isto que é o **Boy-tatá**; que ; um **espírito mão** que persegue a todos os peccadores."

— E' esta mais ou menos, senão a mais bella, uma das lindas lendas, cuja narração me foi contiada, e que o mais que pude esforcei-me em approximar de sua originalidade.

José Bernardino dos Santos.

A PROPOSITO DE UM LIVRO

Admirar o que é bello; sentir o coração abrir-se a doces emoções e a imaginação deleitar-se; sentir a alma acalentada ao som de canticos de harmonia infinda, elevar-se até Deus, é viver desprendido do mundo, respirar o halito dos anjos. — A poesia, a verdadeira poesia, aquella que nasce no coração, e fragrante e suave se desprende, faz d'isto; divinizando o poeta, abre-lhe um céu brilhante, e seduz e interna no mesmo céu áquelles que o comprehendem.

A expressão mais alta e nobre do pensamento humano é, como diz Gérusez, a poesia; ella eleva-se tanto acima de suas manifestações habituaes, que a antiguidade não a pôde definir senão pela intervenção directa da divindade.

Nos transportes poéticos o espirito do homem parece não pertencer-lhe; é como que levado pela impulsão de uma força superior e estranha.

A poesia é na alma o sentimento vivo do bello, do sublime e do ridiculo, trindade que constitue a esthética, e á qual reunindo-se a faculdade que escolhe e que combina as imagens, ou a idealisação e o movimento da alma que a leva a exprimir as suas emoções e as suas idéas sob uma fôrma sensível, têm-se todas as condições psychologicas da poesia, isto é, — o gosto e o génio.

Multipla em seu objeto, a poesia está em contacto com tres mundos diversos: a humanidade, a natureza e Deus; fontes de onde ella emana, brilhante e variada. Encontra-se a poesia nas paixões da humanidade e em seus infortúnios, no espectáculo da natureza, e na contemplação do poder infinito do Creador.

Pela combinação e escolha d'estes diversos elementos é que o poeta pôde fazer vibrar todas as fibras da alma, excitar a admiração, o temor e a sympathia, arrancar lagrimas ou provocar o riso, e produzir nos outros as emoções que experimenta. Para este fim dispõe a poesia de dous meios — o som e a materia, é ou phonetica ou plastica.

Não nos demoraremos fazendo considerações sobre estes dous meios; diremos apenas que, o primeiro por suas diversas modificações presta-se á expressão de todos os sentimentos, de todas as idéas, e mesmo á pintura de todas as fôrmas physicas, sendo por conseguinte o mais poderoso órgão da poesia, pondo em relevo, e de um modo admiravel e precioso, a alma humana, ainda que as vezes não convenha senão á expressão dos sentimentos, como a musica, que presta-lhe entretanto um poder maravilhoso, já pela melodia, pela harmonia e pelo rythmo, já pela intensidade da sua multiplicidade de sons.

Vejamos agora qual o fim da poesia em geral.

A poesia, qualquer que seja a sua fôrma e a linguagem empregada, não tem por fim a exactidão da realidade; pois em todo caso, tendo esta sempre sobre as produções d'aquella a vantagem da vida e do movimento a venceria de antemão. A poesia não pôde crear os diversos elementos de suas obras, crea um ideal, e d'este pretende sempre a realisação; ella concebe além do que vê, e tende a realisar o que tem concebido.

D'este modo é que ella tem creado esta grande familia ideal, cujas

figuras são mais verdadeiras, se assim se pôde dizer, do que a realidade, visto que mais se approximação do typo divino, do qual a sociedade humana é apenas uma imagem alterada.

Purificar as almas pelo espectáculo da belleza, eleval-as pelo sentimento da admiração, fortifical-as pela pintura das paixões, das misérias e das grandezas da humanidade, é a missão da poesia. Sem ella a humanidade, continuamente curvada para a terra, encerrada no estreito circulo das necessidades physicas e dos interesses materiaes, não seria senão o complemento do reino animal, como diz Gérusez, e nunca a intermediaria entre Deos e a natureza.

Paremos, e digamos algumas palavras com relação ao livro que nos levou a estas considerações.

Flôres dispersas — é o titulo de uma bella collecção de poesias de D. Julia Maria da Costa.

Flores tão fragrantas, tão vivas, a exhalar tão gratos perfumes, só nascidas em coração virgem, e rociadas por prantos gerados no mais intimo e justo sentir.

São o reflexo de uma alma candida, que embalada pelas brisas do norte, sentiu cedo o infortunio estremecer-lhe, entristeceu e cantou, descreda talvez do mundo, onde nublarão-se-lhe as mais doces affeições.

Sentimos não dispôr senão de limitado espaço n'esta revista, ficando-nos vedado assim o prazer de apontarmos aqui, e com vagar, os mais bellos e inspirados cantos de D. Julia da Costa; entretanto tocaremos em alguns, e dir-nos-hão depois os leitores se os tem visto mais puros e mimosos a expressar genio fecundo e coração singelo.

O primeiro canto, doce e fluente como as notas que vibrão do órgão, dedicou-o a poetisa ás suas flores; começa assim:

Sombra de um dia, que sorris á mente
N'um turbilhão de gosos embebida,
Não é a ti que os innocentes carmes
Vão buscar entre a turba fementida.

Passa, pois, socegada, que o caminho
Se para ti de gosos é ornado,
Minha lyra jámais t'irá insana
Buscar n'esse teu mundo povoado.

Depois, dirigindo-se aos que, como ella, sentem na orphandade, diz:

Nobres peitos que um dia já sentistes
A pungir-vos o espinho da orphandade,
Relei estes meus versos resentidos,
Estes versos gerados na saudade.

A naturalidade d'estes versos, a cadencia, e a tristeza que d'elles tressua, encantão e fazem-nos sentir ternas emoções, assim como a quadra final onde a poetisa pede ás suas irmãs de sorte que não despresem as suas flôres:

E as recebi, dando-lhes vida e côres,
Luz matinal e doces alvoradas!
Da jovem orphã que soluça e chora
Não despreseis as vozes magoadas.

A poesia — **Quizera** — é um mimo, é uma das mais bellas flôres que Julia cultivou, e a que deu vida e essencia. A poetisa terminou este

canto com quatro versos que lhe valem uma corôa. Dirigindo-se á imagem que vira em seus sonhos errantes diz:

E' linda, tão linda qual c'rôa mimosa
Que a fronte morena de um anjo abrilhanta;
Qual perola rica do solio sagrado
Cahida nas dobras do véo d'uma santa!

Que nobreza de idéa! Que dizer mimoso o d'esta comparação, onde a simplicidade faz realçar a belleza poetica!

Continuemos. A poesia — **Meu astro** — é um outro primor. E' lindo quando ella pede ao seu astro que lhe aclare o mundo:

Oh! brilha, meu astro, derrama teu brilho
Nas aguas sentidas do placido mar!
Minh'alma esmorece de dôr e receio,
Não posso nas trevas, sem luz caminhar!

Se a nevoa se estende, se o vento da noute
Nas ondas soluça, minh'alma estremece!
Se a noute tem trevas, se as trevas saudades,
Meu peito saudoso de dôr se entumesce.

E' sublime esta outra quadra:

O espaço que é negro cortando n'um vôo
N'um dia de gloria te irei procurar;
Oh! guarda-me os lyrios dos prados celestes
Que as rosas da vida te hei de eu levar.

Julia, a quem talvez algum resentimento fez proferir jura eterna, promette não desfolhar as suas rosas, e sim leval-as a foramr corôas no céo, entretecidas de lyrios.

Vejamos outras.

Desesperança — é uma poesia excellente; vê-se n'ella o reflexo de um coração eivado de tristeza, ainda que dos annos na flôr. A poetisa sente que lhe é negra e mesta a vida, que os astros brilhantes, os campos e os laranjaes em flôres odorantes só lhe fazem chegar aos labios threnos sombrios. Chora o passado e treme pelo futuro ignôto.

.....

Mas de meu sonho é a illusão perdida!
E geme o peito, em quanto a alma chora!

Apontemos agora uma outra poesia — **Folhas de rosa** — das mais lindas da colleção, e que certamente põe em relevo o genio de D. Julia da Costa. Citaremos alguns trechos:

Vi-te em meus sonhos scismadora imagem
Entre roupagens de rosada côr!
Dias de flôres idéei na mente,
Em ti pensando, solitaria flôr!
Cresci, minh'alma se tornou tristonha,
Porém, ainda com teu rosto sonha...

.....

Desperta... tudo se extinguiu triste,
Só via a lua a fulgurar formosa!
Corria os montes, dispersava as aves,
Feria os echos da mansão saudosa!
Mas não te via... me faltava o alento
Perdido em prantos, e no meu lamento.

N'estes versos vê-se muita riqueza de imaginação. D. Julia entrevê em sonhos sempre uma imagem a que se dirige, e avido o coração de esperança, crê n'ella até que desperta, a procura em vão, mesmo na nuvem que á tarde lhe fallava de amor.

Um dia, louca, te julguei na nuvem
Que á tarde vinha me fallar de amor.

E depois:

Amei a nuvem:... nos meus sonhos bellos
Não mais te vi a me acenar contente.

Pranteia então Julia a sua sorte, e em doces e admiraveis versos diz:

Ai! que soluços no tristonho canto
Da lyra minha desferi então!
Busquei-te em ancia soluçando hymnos
Vibrando cantos de infantil paixão!
Buscava um'alma que entendesse a minha
E busco-a ainda, e o coração definha!

Buscava um'alma que entendesse a minha
Na terra, ou céos, na immensidade ou nada;
Buscava flores de infantis perfumes,
E achava espinhos na escabrosa estrada!
Buscava harpejos de celeste enleio,
E somente ouvia o coração no seio.

Querem mais bellezas, mais suavidade e sentimento? Não serão estes versos uma vibração do coração que sente e definha? Julia preludia, e seus sublimes cantos embalão-lhe a alma como os cantos de Electra embalavão a de Oreste.

Temos citado diversos trechos de algumas poesias de D. Julia Maria da Costa, que cremos terão bastado para dizer aos leitores o que é ella em relação ás poetisas celebres da nossa terra, que, com quanto tenham merecido um logar distincto na litteratura patria, jámais excederão seus cantos ás harmonias de Julia; nos deteremos, pois, agora, e apenas pelos respectivos titulos mencionaremos algumas outras produções, que certamente importão uma corôa virente á poetisa inspirada e sentimental.

Lyrio branco — A lua — Ao lago — Minha terra — Saudades — Esperança — Desalento — e — Lembranças do baile, — são oito flores mais a ennastrar á corôa de Julia.

Ao terminar pedimos á modesta jovem que haja de perdoar-nos a má apreciação que fizemos do seu bello livro, tendo em conta, além da nossa inaptidão em materia tão difficil, a pressa com que escrevemos estas impressões nascidas de uma rapida leitura.

15 de Maio de 1869.

Araújo e Silva.

EMENTARIO MENSAL

Começão a desprender-se dos ramos as primeiras folhas; as veigas amarellecem, o céu torna-se livido e o sol morno e sem brilho; os passaros transmigração ou internão-se na espessura dos sertões, emmudecem finalmente; a natureza despoja-se de seus esplendores e mumifica-se; e a aurora envolvida em seu longo albornoz de neblina surri tristemente ao lavrador que recolhe os ultimos fructos da sazão, como a jovem noiva se despede dos folgaes de virgem, da estancia gazil, onde a sombra da guarda paterna adormecia incuidosa entre os perfumes de sua innocencia e as caricias da esperanza e dos mais castos affectos; como o seu ultimo adeos aos enfeites com que se tornava mais bella, aos bailes de que era a rainha, ás amigas e companheiras de sua vida de menina e moça.

Serão por ventura, tão tristes auspicios, um máo presagio para este numero da **Revista** que nos está confiada?

Talvez, mas não o crêmos... e desanimar seria uma covardia de que somos incapazes. A mocidade não recua nunca, quanto mais renhida fóra a luta tanto maior será o desejo de vencer. Ella como Danton bradará em seus desfalecimentos — **audacia, audacia, muita audacia!**

E depois, desanimar porque? Não é o mez de Maio tão celebrado em todos os tempos, o de que nos occupamos? Sim, e para glorifical-o ahi estão a antiguidade pagã, que o consagrara a Maia; a soberba Roma, que renovava o fogo nos altares de Vesta, na primeira kalenda d'este mez; e o christianismo que o escolheu para solemnizar a maternidade de Maria.

Não era ainda em seu primeiro dia que no interior da Allemanha, e ao meio-dia da França, costumavão nas aldêas os amantes erguer em frente a cabana de suas noivas a **arvore de Maio**, e adornarem as suas portas com festões e corôas de hera e de flores? Não é finalmente entre nós, este mez, o em que se celebra a festa do **Espirito Sancto**?

Que importa, dicesse Horacio: — os fachos do Hymineo que se accenderem em Maio se transformarão logo em cirios funerarios? Que vale esse aphorismo francez — **mariage de Mai, mariage de mort** — se a morte é a unica realidade da vida, e a vida é luta continua e terrivel? Morrer aos ultimos lampejos do sol de Maio, a hora mystica de seus crepusculos, cahir com as primeiras folhas das arvores, é continuar um sonho; é passar sobre o iris, de um mundo de miseria e torpezas á outro de almas e eternas delicias.

Não, não se pôde desanimar; porque, se com o mez que finda esfolhão-se as ultimas rosas agitadas pelo offegar das Pampas, que torna hirtos nossos cabellos, roubando-lhes com a flexibilidade o lustre e os perfumes; se a carne dóe ao perpassar trez mezes por esse horto de desolação, que se chama inverno; atravez uma natureza nua de todos os attractivos: os astros do céu de Maio derramarão seu fluido magico até o seio d'alma e as flores do coração reanimarão-se, como ao calor de seus beijos a natureza exhalara o derradeiro suspiro, e os passarinhos os ultimos cantares.

Se a materia entorpece, o espirito vigila: sobre a fria pyra de mar-more arde o fogo da Divindade: a imaginação eleva-se ás regiões supe-

riores, onde nunca chegam os mais altos cabeços das geleiras. E d'esse mundo ideologo, ha como uma doce refração que illumina o mundo real, que o apresenta bello, magestoso e grande no lar domestico, iriando o painel primoroso do sublime Artista — o quadro da familia. O amor frivolo e louco esfria ao tombar da neve, assim como se fanão as flores de venenosos perfumes apenas aspiradas; e enquanto o corpo alquebrado restabelece as forças no lethargo regenerador, o espirito se fortifica nas virtudes domesticas e se robustece no estudo.

O inverno é a estação do poeta; então elle vive na terra: entre os germens da primavera e as ruinas do outomno seu pensamento remonta ao passado e o fecunda: vive das recordações — estas são sempre bellas! O passado é um mestre sabio, suas lições são uma segurança do futuro.

E o mez de Maio é, por excellencia, o que mais numerosas e gratas recordações nos deixa: em seus dias tão lindos, as esperanças renascem com os risos de seu **veranico**; e nas festas que durante elle se celebrão, creão-se novas illuções ao mysticismo de seus plenilunios e na calma tepida e doce de sua quadra excepcional.

Este anno então, foi elle immensamente bello: os bailes, o theatro, a festa da Maternidade e do Espirito Sancto são titulos que o recommendão, e que o farão transparecer risonho e lindo durante as longas noutes da estação hibernica, como um quadro d'encantamento, como o mundo phantastico dos poetas, como um sonho de virgem, como as esperanças de um primeiro amor surrindo-se aos mysterios do porvir.

Nem é só a natureza que no inverno se despoja da pompa ou as occulta sob as vestes graves e serias, não; o homem tambem despe as louçanias, e se a lã substitue a seda de seus vestidos, tambem de seu espirito desaparecem os prazeres chimericos, e elle se recolhe em si mesmo; a gala, a loucura e o prazer cedem o logar á outra trindade mais grave, porém mais perfeita e magestosa — o lar domestico torna-se em seu templo, a familia é então uma verdade sublime que transluz no labyrintho da loucura; o fogo é, se o quizerem, a gala mesclada a necessidade physica, e o serão familiar e o estudo tornão-se os unicos objectos de prazer.

Tal é o mez de Maio, o das ultimas rosas, dos derradeiros risos, e da festa tradicional do **Espirito Santo**, tão bella na crença religiosa como nas cores originaes com que ella se desenha, a unica que ainda a civilisação não deturpou. E' elle quem deo-nos em cada um de seus dias assumpto e os diversos factos de que nos vamos occupar n'esta ligeira chronica.

Comecemos pois; para banalidades sobraão os periodos que acima ficão; e seja — **res non verba** — a nossa divisa d'óra avante.

— Acanhadissimo em extremo é o espaço concedido ao **Ementario**, para que nos espraieemos em amplas considerações sobre o que tivermos á dizer; e por isso, passaremos rapidamente sobre a litteratura estrangeira, consignando apenas a noticia de algumas publicações que maior acceitação hajão obtido; e taes são as seguintes:

A **Condessa de Monte Christo**, que é, segundo crêmos, a continuação do celebrado romance de Dumas, e talvez a refutação da **Mão do finado**, que tão rijamente carregou sobre Edemundo Dantés. Este romance desperta-nos a curiosidade. Quem será a Condessa de Monte Christo, se todos os que podião usar d'este titulo forão extintos por cruel fatalidade?

O **Christianismo e o progresso** é o titulo de uma importante obra do Sr. D. Antonio da Costa, publicada em Lisboa, e que segundo a imprensa portugueza é um livro notavel, que assim recommenda: — "Estas palavras extrahidas da conclusão podem servir como de argumento de uma obra que se recommenda debaixo de diversos aspectos:

“Vêmos de um lado o christianismo produzindo sobre os costumes e sobre as leis os progressos que dimanão das suas bases. Vêmos de outro lado a sociedade moderna forcejando por desenvolver as grandes idéas da liberdade.

“Estas duas nobres causas, cuja harmonia intentamos patentear, não deverão formar uma só causa para o caminhar da humanidade, sendo esta harmonia a bandeira onde se alistem as novs gerções?”

Não é sem certa superstição, pois bazeamo-nos em um presentimento, que crêmos este livro seja o de que déra noticia um correspondente europeu ao **Correio Mercantil**, o anno passado, sob o titulo — **Influxo do Christianismo na civilisação**, que deveria apparecer brevemente, sendo seu autor o Sr. D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo (*), e sobre o qual se fizerão, entre outros juizos, este, de competente autoridade para poder julgal-o convenientemente: “O Sr. D. Antonio da Costa Sousa de Macedo, tem concluido um livro sobre o assunto indicado n'este titulo, e brevemente o dará á estampa. Ha n'elle paginas e muitas dignas de Chateaubriand. Este juizo não é dictado por considerações de affecto: é a opinião de quantos lhe ouvirão a leitura. Os capitulos ácerca das mulheres e ácerca das crianças são de uma formosura completa. O autor é um pensador profundo, e um produtor dos mais brilhantes.”

Obra de uma rainha. — A rainha Victoria revê actualmente uma obra muito curiosa que escrevo depois das suas **Memorias**, ultimamente publicadas.

Todos os familiares da rainha em Balmoral pertencem a tribus ou familias differentes de Escocia e cada um veste o trage tradicional.

A augusta artista fez os seus retratos de corpo inteiro, e acompanhava-os uma lenda historica ácerca da familia a que pertence o personagem representado.

Esta nova obra terá dous volumes e será brevemente publicada.

Chronica das côrtes constituintes em Madrid. — O Sr. Rodriguez y Morales começou a publicar a **Chronica das côrtes constituintes em Madrid**, que conterà: as sessões na sua integra com os discursos pronunciados pelos representantes da nação; as leis e decretos promulgados pelos poderes publicos; a resenha de todos os grandes successos politicos em Hespanha, que tenham logar na época constituinte; e a d'aquelles que mais ou menos directamente influirão na marcha da revolução hespanhola.

E' uma obra da actualidade que, sem duvida, encontrará a acceitação de todos os que desejarem estudar a historia dos ultimos annos, deste paiz, onde houve logar uma revolução sem precedentes em todo o mundo, e para o qual se dirigem actualmente as vistas de todas as outras nações.

Medico a força. — E' o **Medecin malgré lui**, comedia famosa de Voltaire, que o Dr. A. Feliciano de Castilho, corrigindo, verteo em portuguez, e a que deo o titulo acima.

Este Sr. Castilho, não precisa mais das nossas recommendações.

Historia Argentina. — Com este titulo annuncia a imprensa platinica um notavel trabalho do ex-presidente da Republica Argentina, General D. Bartholomeo Mitre, ex-commandante dos exercitos alliados na guerra do Paraguay, ao qual, além de sua notavel intelligencia, só os cargos que ha exercido e sua laboriosidade garantirião a importancia historica de seu trabalho de longos annos.

A **Historia da guerra do Paraguay** é ainda outra obra que promete brevemente publicar o mesmo festejado escriptor argentino. As revelações e documentos com que será ella enriquecida, o juizo impar-

(*) Neto do distincto classico portuguez D. Antonio da Costa.

cial do seu autor sobre alguns episodios ainda ignorados d'esta campanha, chamará, sem duvida, para ella não só a attenção da America como a de toda a Europa.

Já consta que um editor offereceu ao General Mitre quatrocentos mil duros pela propriedade do livro.

O homem que ri. — E' o titulo dado por Victor Hugo ao seu ultimo romance, do qual conhecemos as vinte primeiras paginas, transcriptas em folhetim no **Diario de S. Paulo**. Innumeras são as traducções que d'esta obra se têm feito para todas as linguas, inclusive a grega e tcheque.

— No Brasil a litteratura parece actualmente estar sob a influencia de benigno genio. Como na Europa, vasto seria o cathalogo das obras originaes brasileiras que hão visto a luz da publicidade, se o quizeramos formar. Entre as muitas produções em todos os generos de litteratura tornão-se dignas de menção as seguintes:

Obras posthumas. — O finado Arcipreste da Provincia de Santa Catharina, Padre Joaquim Gomes de Oliveira Paes, de santa e saudosa recordação, entre outras disposições testamentarias, fez as seguintes declarações sobre os seus escriptos, recommendando que: o seu **Compendio de Philosophia** (ainda por terminar), bem como as suas poesias sagradas, e profanas, algumas das quaes (profanas) deverião ser queimadas, fossem entregues ao seu cunhado, o Sr. Paulicéa Marques, afim de as completar, colligir e dal-as ao prêlo; e que o manuscrito do seu **Diccionario Topographico, Historico, e Estatistico** d'aquella Provincia, fosse entregue ao seu amigo, o Sr. Bernardino Varella, para que o fizesse publicar no Rio de Janeiro, por meio de acções ou assignaturas.

A tribuna sagrada rio-grandense contou triumphos todas as vezes que este virtuoso sacerdote e eloquente orador a occupára.

O padre Paiva falleceo em Santa Catharina, de paralyisia e infiltração suosa, no dia 29 de Janeiro ultimo, com 47½ annos e 17 dias. Foi uma perda sensivel á Igreja e sociedade brasileira.

Praxe Brasileira. — O Sr. Conselheiro Joaquim Ignacio Ramalho, publicou com este titulo uma importante obra sobre o processo civil. A obra é dividida em cinco partes.

O **Diario de S. Paulo** faz sobre ella os maiores encomios, e termina assim um de seus artigos a respeito: "O nome do Sr. Conselheiro Joaquim Ignacio Ramalho, um dos lentes mais sabios da nossa Faculdade, e homem versadissimo em todos os ramos de direito positivo, é sufficiente recommendação da sua obra. Mas independente d'esta circumstancia, os entendidos verão que a **Praxe Brasileira**, fructo de aturado trabalho, e de grande saber, moldado pelas fontes de nosso direito, é o livro mais completo e de maior valia que temos sobre o processo civil brasileiro."

Publicações scientificas. — O Sr. Dr. Hilario Soares de Gouvêa, distincto oculista brasileiro, que ha annos se acha na Europa, onde tem occupado o importante e honroso cargo de chefe da clinica ophtalmologica da Universidade de Heidelberg, acaba de publicar, em allemão, dous excellentes trabalhos sobre molestias de olhos. O primeiro sobre o **deslocamento do corpo vitreo consecutivo ás perdas do mesmo**, em que apresenta idéas novas sobre o deslocamento das membranas do globo ocular. Este trabalho vem transcripto nos **Archivos de Ophthalmologia** do professor Graefe. O segundo é uma monographia sobre as **alterações pathologicas das queimaduras da cornea pela cal viva**. Tão importante é este trabalho que foi traduzido para o inglez e publicado em um jornal ophtalmologico da America do Norte, fundado recentemente pelo professor Knapp, em Nova-York.

Lopes e o Brazil. — "Fomos obzequiados, diz o **D. Rio de Janeiro**,

pelo Sr. Antonio Lopes Cardoso, residente na Bahia, com um exemplar do poemêto, que ahi acaba de publicar, sob o titulo acima.

"Agradecendo a offerta, temos como dever louvar o jovem e illustre poeta pela exhibição de mais esse documento de valor, no qual prova o seu cuidadoso progredir pela senda litteraria.

"O Sr. Lopes Cardoso publicando o seu bello poemêto, teve em vista satisfazer dous nobres compromissos: o reconhecimento de gratidão ao paiz em que reside, e o tributo de homenagem á memoria do distincto e popularissimo poeta bahiano o Francisco Moniz Barreto. A tão nobre empenho deve ser prestada a coadjuvação que o Sr. Cardoso solicita, afim de ser construido um mausoléo. onde repousem as cinzas de Moniz Barreto."

Almanak de Laemmert. — Das officinas dos Srs. E. & H. Laemmert, acaba de sahir o **Almanak administrativo, mercantil e industrial da Côte e Provincia do Rio de Janeiro, para o anno de 1869**, redigido pelo Sr. Carlos Guilherme Haring.

Esta interessante publicação, que se acha no 26.^o anno de existencia, continúa a recommendar-se pela grande copia de informações uteis que fornece e pela exactidão, tanta quanta é possível, d'estas informações. Além da parte, que é propriamente almanak, contém o livro, como de costume, um extenso supplemento, antes verdadeiro repositório de documentos officiaes, e uma chronica da vida da cidade do Rio de Janeiro durante o anno findo.

Noticias sobre a Provincia de Matto-Grosso. — Com este titulo publicou na Côte o Snr. Joaquim Ferreira Moutinho um livro de merito litterario e historico, no qual o autor descreve nas mais brilhantes côres os usos e costumes d'aquella Provincia e dos indios que povoão seus espessos sertões; juntando-lhe mais um roteiro da viagem de sua capital á de S. Paulo.

Os heróes brasileiros na campanha do Sul em 1865. — Appareceo o n. XVII d'esta interessante publicação, comprehendendo a biographia e o retrato do 1.^o Tenente Americo Brazilio Silvado, commandante do encouraçado **Rio de Janeiro**.

Physiologia das paixões e affecções. — Appareceo a primeira caderneta d'esta obra encetada pelo illustrado Dr. Alexandre José de Mello Moraes, contendo uma gravura representando a creação e outra o retrato do autor.

A imprensa recebeu com encomios a obra do Sr. Dr. Mello Moraes, que nas seguintes palavras expõe o seu plano: — "Um livro faltava na litteratura medica e principalmente na bibliotheca da lingua portugueza que exclusivamente tratasse do homem e da mulher, em relação ás suas paixões. Eil-o vertido á brasileiro, tal qual o podemos escrever, collegindo dos numerosos escriptores que nos são familiares, e do melhor que nos agradou. Dividimol-o em tres partes: na primeira, fallamos da mulher, sob todos os pontos de vista em que pôde ser considerada; na segunda, do homem; e na terceira, das paixões e affecções."

Contos da Roça. — Com este titulo publicou na Côte, o festejado Sr. Augusto Emilio Zaluar o 2.^o tomo de sua interessante collecção de leituras fugitivas, contendo o seguinte: — **Sessenta legoas em dez horas**, que é uma descripção da inauguração da estação de Entre-Rios, da estrada de ferro de Pedro II; a **Historia de um fazendeiro**, **A sombra e a luz**, **Um casamento na roça**, **A' beira do mar**, e o **Colibri**.

Vingança por vingança. — Na época em que o theatro se transforma de templo d'arte e da litteratura, em mercado; em que declina do fastigio de sua realleza de seculos, e divina a um eterno baile masqué, onde o cancan indecente sobrepuja o sublime da concepção, o immoral ao nobre, e a palhaçada ao bello; é por certo um santelmo para a litteratura dramatica, que naufragava sob a brutal tormenta

alcazarina e o máo gosto da parodia, o drama em 4 actos do autor da **Filha do Salineiro**, o distincto litterato Dr. C. Gomes de Sousa, intitulado **Vingança por vingança**.

Sobre este trabalho do Dr. C. Gomes, escreveu o illustrado Dr. Mello Moraes Filho, um monumental parecer, que faz honra áquem o deo como áquem o merecera. Este parecer acha-se transcripto no **Rio-Grandense** n. 107 de 13 do corrente; e nós o recommendamos.

Martyres do coração. — Assim denominarão o seu ultimo drama, que se representou ultimamente no theatro de S. Paulo, com grande applauso, os dous distinctos dramaturgos rio-grandenses Carlos Augusto Ferreira e José Felizardo Junior.

Basta o nome dos seus jovens e talentosos autores para justificar o titulo verdadeiramente bello e sympathico que derão ao seu drama em 4 actos e um epilogo.

Manfrêdo. — O Mercantil de Santa Catharina, começou a publicar em folhetim, vertido em portuguez, o poêma-dramatico **Manfrêdo**, de Lord Byron.

Modestia excessiva aconselhou seu traductor a occultar, seu nome, e a nem servir se de qualquer pseudonymo.

Consignamos apenas a noticia, deixando de omittir qualquer consideração sobre seu interessante trabalho, por não termos mais que as doze primeiras paginas, nas quaes porém já se revelão bellezas originaes.

— Na cidade do Rio Grande installou-se em principios d'este mez a associação **Gremio Litterario Rio-Grandense**, da qual deo-nos noticia o **Correio do Sul** nas seguintes, inda que poucas, brilhantes palavras:

"Installára-se a 4 o **Gremio Litterario Rio-Grandense**, recente, porém, auspiciosa sociedade, que se destina á cultura das lettras e da sciencia com o mesmo zelo de que d'aqui lhe dá exemplo o **Parthenon** d'esta cidade.

"A installação foi menos concorrida, mas não menos brilhante do que era de esperar-se.

"A bella instituição do benemerito e mal lembrado Zalloni, a sociedade **Instrucção e Recreio**, emprestou á nova associação o seu edificio.

Na installação orarão os Srs. Dr. Bier, presidente, Thibaut, 1.º secretario, Bouliech, Dias e outros socios."

— **Escola Normal.** — Segunda-feira, 12 do mez proximo findo, foi inaugurada e installada n'esta capital, no Lycêo D. Affonso, a **Escola Normal da Provincia**, creada pela nova reforma da Instrucção Publica.

— O **Parthenon Litterario** enriquece de dia a dia sua bibliotheca com preciosos volumes, já dos mais famosos escriptores, como tambem com obras originaes dos seus mais intelligentes e talentosos socios.

Entre outros os Srs. Appollinario e Achylles Porto Alegre, Hilario Ribeiro, Aurelio de Bittencourt, Eduardo Salomé, Nicoláo Vicente e Sá Brito têm, no genero dramatico, o mais difficil da litteratura, produzido, não diremos fructos perfeitamente sazoados, não; porém já maduros alguns, e saborosos todos.

N'este numero devemos incluir o nome do Sr. Nicoláo Engelsdorff, de quem temos sob as vistas sua interessante traducção de uma comedia-drama allemã, intitulada — **O sobrinho pelo tio**.

E como no genero dramatico, em todos os outros, a litteratura patria tem de que orgulhar-se com o **Parthenon**, que conta quasi que em cada um de seus socios, senão genios, ou talentos transcendentos, porque são raros estes, muitos talentos superiores, muita esperança e muita intelligencia applicada e estudiosa.

Por occasião de solemnizar o seu primeiro anniversario, em sessão solemne installará o **Parthenon** as aulas nocturnas, onde serão ensinadas algumas das principaes materias do curso superior, de bellas lettras e sciencias.

Selecta brasileira — intitula-se o livro de poesias, compiladas dos melhores autores nacionaes pelos Srs. Ignacio de Vasconcellos Ferreira e Antonio de Azevedo Lima, que sendo approvedo pelo Conselho Director da Instrução Publica, foi adoptado para uso das escolas da provincia.

Poucas palavras fazem o elogio d'este livro: — E' trabalho consciencioso de dous distinctos, bem que modestos litteratos; e que sem mêdo de incorrer em erro affiançamos ser o melhor dos que temos visto e estão publicados em seu genero. Este livro está se imprimindo na typographia do **Rio-Grandense**.

— A morte inexoravel em sua missão tem ultimamente ceifado as mais bellas glorias do exercito e da armada imperial.

Após centenaes de bravos mais um repousa sobre seus louros e sangue no inhospito Paraguay. O General Jacintho Machado de Bittencourt, era um d'esses valentes de que se ennobrece o exercito, e que como Gurjão, Netto, Sampaio, Lopo, Andrade Neves e outras victimas illustres foi sacrificado em holocausto a sua patria.

Dando a noticia de seu passamento traz o **Correio do Sul** n.º 77 um artigo, onde se notão alguns rasgos do valor e nobreza de caracter do extinto General Bittencourt.

Na côrte falleceo o Exm. Marechal de Exercito Barão de Suruhy, um dos mais sabios, se não o primeiro legislador militar brasileiro. Infelizmente, é por demais estreito espaço da **Revista** para podermos registrar alguns dos muitos titulos que tornarão credor da consideração, respeito e admiração geraes, e a especial da classe militar, que n'elle respeitava e amava o typo do verdadeiro soldado. A sua fé de officio é um monumento de gloria erguido á sua memoria. O **Rio-Grandense** de ns. 91 e 92 publicou a sua biographia, e a **Actualidade** a sua fé de officio.

Em feudo á memoria do heroico General Gurjão, morto em desaffronta dos brios da nação, resolveo a edilidade da Capital de sua Provincia natal mudar a denominação da rua do Arsenal em que nasceo o illustre General, pela de **rua do General Gurjão**, e bem assim fazer acquisição do seu busto que será collocado na sala em que celebra suas sessões. Para tal fim abrio uma subscrição popular.

Falleceo em Liverpool, com 69 annos de idade o almirante John Pascoe Greenfell, que tantos e tão importantes serviços prestou ao Brazil desde a Independencia até 1852, época da guerra contra Rozas. Em seu testamento determinou o Almirante que seu corpo descanse no mesmo jazigo de sua esposa (Cemiterio do **Père la Chaise**), onde já se acha o seu braço direito perdido no Rio da Prata, nas guerras que ali sustentou a pról do Imperio.

Por occasião de dar-se sepultura a seu cadaver o Sr. Barão de Pennedo pronunciou um tocante discurso, que lêmos transcripto na **Opinião Publica**, do Rio Grande n.º 87.

Como o Brazil a França tem a chorar perdas immensas: Em La-martine perdeu um de seus maiores poetas, a quem acompanhou logo Mr. Troplong, Presidente do Senado, e do Supremo Tribunal de Justiça, e membro do conselho privado de Napoleão III Mr. Troplong, como La-martine quiz repousar no meio dos seus; assim, pois, foi aquelle transportado á Plombiérs, e esté á St. Point.

Logo em seguida abrio-se a campa para receber Berlioz, compositor, cujas exequias tiverão lugar na igreja da Trindade. A' sua cerimonia reunira-se tudo o que havia de mais distincto no mundo musical em Paris; e foi executada a lacrimosa de seu **Requiem**, assim como um de seus quartetos ineditos.

Mal terminavão-se estas exequias, registrava-se mais um fallecimento notavel, o de Merimée. Depois do musico o poeta, Merimée fez-se

celebre do momento em que escreveu seu primeiro volume **O Theatro de Clara Gazul**, que no entretanto, não trazia o seu nome. Mas o anonymo foi logo descoberto, e desde então, a mais singela pagina traçada por sua penna era um novo triumpho, como **A Familia Carvajal**, **A chronica do novo reinado de Carlos IX**, **Tamango**, a **Tomada do reducto**, **A Venus de Ille**, **As almas do Purgatorio**, o **Vaso etrusco**, a **Partida de Trictrac**, **Matteo Falcone**, **Arsène Guillot**, **Carmen**, etc. Não podemos citar todos, mas o que devemos collocar em primeira linha é o romance **Colombo**, do qual quarenta edicções não diminuirão a influencia com que era procurado.

— As bellas artes, como a litteratura florescem, e ao Sr. Pietro de Brognoli, deve o mundo artistico uma obra de real merito — **As gale-rias do Vaticano**, que é a reproducção pela gravura, ao buril, em aço, dos magnificos frescos de Raphael, e de outros primores de pintura devidos ao genio dos melhores pintores da Italia, formando duas collecções, uma de 38 e outra de 150 estampas. As estampas já publicadas representam: — **A apparição da Cruz á Constantino**, **O Baptismo do mesmo**, **Heliodoro**, **Attila**, **O milagre de Bolsena** — **S. Pedro no carcere**, **A coroação de Carlos Magno**, **A derrota dos Serracenos**.

— Assim tambem a musica progressa: O assobio do vapor não sufoca de todo as melodias do genio.

Força do destino. — Esta nova opera do celebrado Verdi, cantada ultimamente no theatro Scala (Milão), proporcionou mais um triumpho ao abalisado maestro, que foi chamado dezesete vezes ao proscenio, e coberto de corôas e de applausos.

Mais feliz do que Bellini e Donizetti, o insigne compositor adianta-se em annos grangeando fama e proveito. E' senhor de uma fortuna consideravel, e tem recebido condecorações, bem que merecidas, de quasi todos os soberanos da Europa.

Q Guarany. — Lê-se no **Diário do Rio de Janeiro**:

"Já tínhamos noticiado a nossos leitores que C. Gomes, nosso distincto compatriota, devia apresentar na presente estação uma nova composição sua, para cujo fim se havia inscripto no theatro Carcano.

"**Bella luna** é o titulo da nova opera apresentada por Carlos Gomes, e sobre a qual tecerão encomios o **Pungola**, **Il Secolo**, **Il Trovatore**, **Il Mondo Artistico**.

"Temos á vista a **Illustrazione Universale** e a ella pediremos a opinião emittida sobre a operêta de Carlos Gomes. Para este vaudeville o maestro Gomes escreveu oito pedaços magnificos, dos quaes dous ou tres são bellissimos, elegantes e originalissimos. O côro de **banbini lattanti**, por exemplo, agradou tanto que todas as noutes é repetido tres vezes.

"E' a segunda vez que C. Gomes apresenta producções musicas suas em Italia, e de ambas as vezes obteve completo triumpho.

"Sabemos que um vaudeville não é uma opera: mas o **Facile ad ago**, **La moda**, **bambini lattanti** bastão para revelar no jovem maestro brasileiro um compositor de muito futuro.

"Os monarchas raras vezes são felizes na escolha dos artistas a quem prodigalisão a graça de os animar na sua carreira; porém d'esta vez, é necessario confessar que D. Pedro II não despendeo inutilmente o dinheiro de seu erario, mandando Gomes, que já tinha feito representar na sua patria duas operas de sua composição, estudar musica em Italia. Ha tres annos que Gomes bate ás portas inexoraveis do theatro de Scala, em Milão, apresentando uma opera séria em 4 actos intitulada **Guarany**. O argumento do libretto é tirado de um romance de Alencar, que é celebre no Brasil; é um quadro da luta entre os colonos europeos, e as tribus indigenas da America meridional.

"Gomes foi maravilhosamente inspirado pelas memorias do seu

paiz. Vertendo na sua composição musical, as chammias insupportaveis e as moles blandicias d'aquelle sólo, exprimio com raro vigor as côres das paixões effervescentes d'aquelle povo; gritos de guerra, suspiros de amor, orações e imprecações, arrancos de morte e alegres canções se alternão no seu poëma.

"Um jornal já annunciou que a empreza do theatro de Scala se resolveo finalmente este anno á pôr em scena **Il Guarany**, e nós fazemos votos para que assim aconteça, apesar de não termos muita esperança. Se a direcção do theatro de Scala só consultasse os interesses da arte, é provavel que o maestro Gomes seria chamado á ardua tarefa; mas... Ah! as reticencias! que odiosa figura de rhetorica!"

Orrego. — E' o nome de um outro grande genio musical, americano, de quem os jornaes do Chile fallão com o maior enthusiasmo. O novo portento é o jovem Orrego, de Valparaizo, que conta apenas 15 a 16 annos de idade. Ha 4 annos, tendo manifestado brilhantes disposições para a musica, recebeu de um professor allemão d'aquella cidade algumas licções de composição e harmonia; ensino que actualmente começa a generalizar-se no Chile. Orrego retirou-se em seguida para o campo, onde permaneceu até ha um mez, quando foi surprehender a seu proprio mestre e a quantos o ouvirão, com algumas composições suas, tão originaes como bellas. Dizem que seu estylo é semelhante ao de Schubert e Beethoven, e segundo a opinião de alguns professores chilenos, suas obras pôdem collocar-se á par das dos melhores classicos.

A Rio-Grandense. — E' o titulo de uma brilhante walsa do distincto academico, nosso comprovinciano, Fernando Luiz Ozorio, ultimamente publicada com geral acceitação, em S. Paulo.

Recordações de um baile; é o titulo da bella walsa que entre os mais fervidos e merecidos applausos ouvimos executar-se n'um sarão do **Recreio Commercial**, a cuja sociedade foi offerecida por sua intelligente autora, a Exma. Sra. D. Patrícia, jovem e formosa filha de nosso amigo o Sr. Eloy José Fernandes Lima.

Morêna Travessa. — Com este titulo foi impressa na Imperial Lytographia dos Srs. Wiedemann & Sequeira, uma polka composta pelo nosso jovem inspirado pianista o Sr. Domingos Porto. A **Morêna Travessa** é uma feliz composição musical, que se surri ao futuro de nosso talentoso amigo.

Auras da Primavera. — E' ainda outra producção sua, de subido merecimento e belleza. Esta walsa-concerto foi composta e offerecida ao **Parthenon**; e que segundo nos consta, esta Associação vae mandar dar á estampa.

Ouvimol-a executar por seu proprio autor, e escusado é dizer que nos arrebatá a alma a um mundo todo harmonia e encantamento.

Matinas da Maternidade. — E' uma das mais bellas composições de musica religiosa que temos ouvido n'esta capital, e que composição do Mestre de Capellas da cathedral de Lisboa, Miguel Freire, foi professionalmente executada em nossa Cathedral pela eximia orchestra Mendanha, na vespera da festa de N. S. Madre de Deos, nossa gloriosa padroeira.

As melodias as mais suaves, harmonias arrebatadoras, instrumentação feita com todas as regras da arte, produzindo o mais bello effeito, tudo enfim quanto exige um trabalho d'essa ordem, tornão essa composição obra prima em seu genero. Os entendedores fazem-lhe os maiores elogios; e no maestro Mendanha e seus discipulos teve o distincto compositor, auxiliares poderosos que fizeram realçar o merito do trabalho em que a cada passo se notão bellezas admiraveis.

Miguel Freire é um dos poucos compositores de musica religiosa que hoje existem, mas em compensação comprehende a sua missão, e

o trabalho de que acabamos de fallar é uma prova do seu talento e bom gosto.

— **Bill-Aberdeen.** — O Governo de S. M. Britânica acaba de fazer um acto de reparação e justiça que extremamente o honra e penhoramos; encetando assim sobre risonho auspicio o gabinete Gladstone os trabalhos politicos internacionaes.

Por proposta do illustre Conde de Clarendon, ministro de estrangeiros, foi authorisada na Camara dos Lords a leitura de um **bill** revocatorio ao de 1845, que infelizmente conhecemos por **Acto de Lord Aberdeen**, cuja adopção foi um dos mais notaveis e lastimosos incidentes da luta de cincoenta annos sustentada pela Inglaterra para abolir a escravatura. Tendo passado em 3.^a discussão na Camara, hoje so se espera a sanção regia, para que esse padrão vergonhoso haja desaparecido.

A rainha Victoria é assaz illustre para que se não felicite da oportunidade que dá-lhe a Camara de revogar esse **bill** inconveniente, que era uma vergonha para o Brazil, porém sempre menor que para a Inglaterra.

A imprensa ingleza se tem manifestado em unanimidade pela revogação, e é tempo de que o gabinete de S. James dê satisfação ao Brazil de ter, abusando de sua força, calcado aos pés o sagrado direito das gentes, oprimido-o em sua fraqueza.

Associação Abolicionista. — Lê-se no **Correio do Sul**: — “A veneravel loja **Acacia Rio-Grandense** deliberára outra criação mais benemerita ainda, mais digna de futuro, e de maior alcance, fundando uma sociedade abolicionista, filial da Loja e dirigida pelas cinco luzes d'esta. Assignação esse bello programma os Srs. Dr. João Landell, presidente, João Frick e Domingos José Rodrigues Dias, 1.^o e 2.^o secretarios, Luiz Palazio, thesoureiro, e José Hallawell, archivista.

“São socios natos todos os membros da respeitavel Loja, e mais todos aquelles que estes angariarem. Cada socio dará 6\$000réis annuaes de esportula; e com essas esportulas e as beneficencias que lhe forem feitas, a sociedade resgatará todas as escravas que puder, entre os 8 e 25 annos de idade, por composição amigavel com os proprietarios. Os estatutos são laconicos, e serão sufficientissimos, se não tivessem esquecido que no **livre** Brazil o cidadão não tem liberdade para associarse sem licença do Governo, e nem para dar esmolos e curar do que a elle lhe compete e elle descuida.

“Como quer que seja, a idéa está lançada; e quanto ás vexatorias formulas a que se acha entre nos adstricto o direito de associação frustem o empenho de seus iniciadores, fica lhes a estes um merecimento incontestavel no exemplo que nos derão.”

O illustre publicista nada nos deixou a dizer, senão que o **Parthenon**, associação composta de uma centena de jovens entusiastas do nobre, do bello e do bom, ergue em uma só voz o mais entusiastico — bravo — a **Sociedade Abolicionista Rio-Grandense**.

Queira a nossa Assembléa animar e proteger esta santa instituição a favor da liberdade d'esses entes infortunados a quem a ambição de nossos avós roubou á patria e á familia para legar-nos como um corrosivo lethal.

E a nobre Provincia do Rio Grande deve seguir o exemplo de sua irmã do Norte, já que não foi a primeira em dal-o. Faça-o hoje, e as glorias serão partilhadas entre ambas com as benções do céu e da posteridade.

A escravidão nas colonias. — Lê-se no **Jornal do Commercio** de Lisboa: “Acabou finalmente a escravidão nas nossas colonias. Foi hoje (23 de Fevereiro) assignado o decreto que manda terminar desde já e em todas as nossas possessões ultramarinas a escravidão. Passão a ser considerados como libertos, sem excepção, todos os actuaes escla-

vos, os quaes gosarão de todas as vantagens concedidas aos libertos e ficão tambem sujeitos aos mesmos deveres impostos a estes pelo decreto do mez de Dezembro de 1854.

"No dia 29 de Abril de 1878, em que devia acabar a escravidão, acabará tambem a obrigação dos serviços impostos aos libertos, e esses serviços, até então, ficão pertencendo as pessoas a quem os escravos, agora libertos, pertencem hoje.

"Estão satisfeitos completamente os desejos do Sr. Marquez de Sá, que trabalhou sempre com a melhor vontade para conseguir este resultado, e acabou para sempre um estado de cousas que desmentia a civilização do nosso seculo."

Sim Portugal já havias riscado de teu codigo á pena de morte, apaga tambem d'elle essa nódoa negra da escravidão, e dá teu exemplo generoso a teu irmão da America; já que elle seguiu teus erros ensina-o a reparal-os.

Monumento no Ypiranga. — Em sessão ordinaria da Camara Municipal de S. Paulo foi lido um officio do Sr. Commendador Jeronymo José de Mesquita, aventando a patriotica idéa de erigir-se um monumento no Ypiranga, em memoração ao grandioso acontecimento da Independencia. S. Ex. pôz a disposição da Camara a quantia de 5 000 rs., offerecendo quantia igual pelo Exm. Sr. Conde do Bom-Fim, para a sua realização. A Camara acolheu gostosa a offerta, e deliberou que fosse dirigido um officio de agradecimento ao Sr. Commendador Mesquita, nomeando uma comissão composta dos Srs. Vereadores Dr. Dutra Rodrigues, Luiz de Castro Carneiro Leão e Tenente-Coronel Antonio Proost Rodovalho, para comprimental-o em seu nome.

— **Archeologia.** — O rei de Italia acaba de determinar que do seu bolsinho particular se facilite a quantia de 30.000 francos, para attender ás despesas que occasionarem as investigações archeologicas de Herculanium, que estão interrompidas ha vinte annos.

Pelos soldados brasileiros foi encontrado, enterrado, nas circumvizinhanças d'Assumpção, uma grande lapida de granito, contendo um **baixo relevo** representando Santo Ignacio de Loyola depondo as armas de guerra para receber o habito clerical. Suppõe-se, e é logico, que seja esse trabalho devido ao cinzel mestre de algum d'aquelles habeis e pacientes Jesuitas, que outr'ora povoarão as Missões do Paraguay.

Apesar das grandes offertas feitas por elle consta-nos que será enviado esse precioso pedaço de granito para o Rio de Janeiro.

Tribuna sagrada. — Durante as solemnidades religiosas que têm tido lugar, occuparão a tribuna sacra dois oradores. Um eloquente, que subjuga e eleva o auditorio que o cerca, que n'uma dicção clara e correctá, na palavra fluente, e na phrase elegante, como na belleza das imagens, que as vezes ousa crear para suas grandiosas comparações, faz possuir-se quem o escuta d'aquillo que lhe é assumpto; e que escusamos dizer ser o Revd. Padre J. Augusto de Araujo Vianna. — O outro, é um Revd. Padre estrangeiro, que pregou ou praticou durante todo o mez de Maria. Não nos queira mal S. Revd. e acceite na humilde evangelica que o deve caracterisar, o dizermos-lhe com toda a franqueza que S. Revd. fallou muito, todas as noutes durante um mez; fallou muito, mas nada disse que valesse a pena; em seus longos discursos não houve nem o vislumbre de uma these; S. Revd.^a não definiu uma unica idéa, mas em compensação passou ao auditorio serenissimas sarabandas, e ha de nos perdoar, em palavras pouco proprias nos lábios de um sacerdote, e menos dignas de proferirem-se no recinto da igreja, e como predica, onde a moral, a limpeza das palavras e a nobreza dos alemães devem ser o principal cuidado do orador.

— **A Alfandega da capital** rendeo no mez de Abril 157:372,799 rs., isto é mais do que em Março 59:965,633 rs., e que este mez 72:765,235 rs.

— **A Mesa de Rendas** rendeo no mez de Abril 22:837,422 rs., e em Maio 16:938,539 rs.

— **Theatro.** — Tendo nos alongado extremamente para as poucas paginas da **Revista** concedidas ao **Ementario**, e havendo acceitado gostosamente uma collaboraçã sobre o assumpto, da inspirada penna do Sr. Aurelio de Bittencourt, só nos cabe recommendar as suas impressões sobre o magnifico drama a **Estatua de Carne** e prometter para o proximo numero uma **Revista theatral**.

— **Templo de S. José.** — Os catholicos allemães residentes n'esta capital, congregarão se e correm uma subscripção para edificarem um novo templo dedicado á São José.

— **Banco da Provincia.** — Para dar uma idéa d'este importante estabelecimento basta o seguinte que se lê no **Rio-Grandense** n.º 101: — "As 15 acções do Banco, pertencentes ao espolio da finada D. Anna Pacy d'Aveline, e que tinham em entradas realizadas 120\$000 rs. chegarão no leilão que hontem teve logar, a 210\$000 rs. e assim tambem mais 30, que na occasião apparecerão, alcançarão o mesmo preço. Tal é o estado lisongeiro a que chegou o **Banco da Provincia**, e, tanta a confiança que n'elle depositão."

— No intento de ser agradavel aos Srs. assignantes da **Revista**, extendemos talvez demais, e seriamos insupportavelmente massantes se nos quizessemos occupar ainda com a secca, esse terrivel flagello que desola as Provincias do norte do Imperio reduzindo suas povoações a miseria e ao horroroso supplicio da fome; ou se nos entretivessemos com a imprudente retirada do General Web, plenipotenciario dos Estados Unidos junto a córte do Brazil, originando a ruptura das relações amigaveis entre as duas primeiras potencias americanas; e por isso vamos terminar, e o fazemos pedindo a alguns dos nossos collegas que nos offerecerão poezias para serem publicadas n'este numero da **Revista**, não as ter dado a estampa, visto ter com a **revista litteraria**, preenchido numero maior de paginas do que haviamos contado.

P. Alegre 31 de Maio de 1869.

José Bernardino dos Santos.

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. JUNHO DE 1869. N.º 4.

—o-O-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO

PORTO ALEGRE

1869

COMISSÃO DE REDACÇÃO.

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Nicolau Vicente Pereira.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

Hilario Ribeiro de A. e Silva.

tar a grandeza de sua alma... ainda havia ali um lugar para o amor e ella encontrou um amante.

Este homem, porém, não soube mostrar-se digno de sua paixão, e depois de alguns mezes abandona de novo á perdição, aquella peccadora constricta.

Agua altívola que n'um momento de colera recolhera as azas na amplidão dos ares, se deixando tombar nos paues da terra, para depois se erguer mais soberba ainda a topetar as nuvens, Jovita, não alcançando a gloria ao lado de seus irmãos, na peleja, vai no punhal suicida que a traspassa, encontra-a mais sólida, nas aras do amor.

Jovita é uma heroína!

Não forão sómente aquelles cujos altos feitos se exercerão em deramar o sangue de seus semelhantes, os que merecerão a honra d'este nome.

Heroicas forão as Sabinas arremecendo-se no furor da lucta entre os combatentes seus pais e seus esposos, pedindo-lhes, porém, termo a tantos horrores.

Foi heroica Clelia atravessando a nado o Tibre á frente das virgens romanas, por entre as guardas dos inimigos.

Heroína foi Veturia, affrontando a tempera inflexivel de seu filho, para fazel-o desistir do espectaculo das ruínas do seu paiz.

Foi heroica a duqueza de Wurtemberg, que interpretando a permissão de Conrado III, de retirarem-se as mulheres com o que tinham de mais precioso, sahe da cidade conduzindo nos hombros seu muito amado esposo!

Jovita como estas não tira a vida a um inimigo de sua patria; — mas dá a morte a seu proprio corpo, torpe inimigo de sua alma grande, alcançando mais insigne victoria sobre si mesmo. Lucrecia perdida a pudicia tem ainda a bem triste e indecorosa coragem de chamar seu marido á sua presença, para ouvir de seus proprios labios a deshonor de sua familia, antes de reivindical-a com o punhal que embebe em seu seio!

Jovita é mais nobre, senão mais heroica.

Tendo tido já uma vez a fronte cingida da capella de virgem. — desfolhando-a depois nos vortices da devassidão, — para mais tarde choral-a no santuario de um amor casto. Jovita vendo fugir-lhe a ultima illusão da vida, procura nas vascas da morte affastar de seus olhos para não vel-a mais um instante, a esqualida imagem da miseria que de novo ameaça lança-a ao abysmo da perdição!

Ah! quem lhe poderá conservar a vida... a existencia tranquillá que a embalára no remanso da paz domestica que unico consolo que ultima esperança da velhice de um pai extremoso!

Ah! que não podesse a voz mysteriosa de um anjo — mostrar-lhe o vacuo das pretensões humanas, desterrando de sua imaginação de jovem, a gloria que antevia atravez do fumo dos combates!

Insensata! sonhava poder em vida ouvir seu nome nas trombetas da fama, por entre a orchestra dissona do mundo, e accordou subitamente ao som do lúgubre sino vendo cahir com estrondo seu corpo inanimado na noite do sepulchro!

Porto Alegre, 5 de Setembro de 1868.

F. A. Ferreira da Luz.

E' TARDE

Disse-te com amor: Eu, Selia, te amo;
Minha alma n'essa phrase transbordei,
Meu coração prendeu-se no teu labio,
Eu a teus pés submitto quiz a lei.

Esperava um luzeiro que aclarasse
Os abysmos que incauto deparei,
Eras puro fanal em meu futuro
Que ancioso de longe desejei.

Eras um lyrio, candido, formoso,
Em cujo calice — aguas d'um baptismo
Pensei alegre um dia vir achar...
Eras a arca em medonho cataclysmo.

Eras um céu nos ermos da existencia,
Quando n'elles sosinha me guiava,
Eras benigna estrella que sorria,
Quando pizei por terra de urze brava.

Eras balsamo a tanto desespero,
Que o seio me affogava em dissabores,
Era no teu olhar que doce allivio
Hontem e hoje busquei por entre dores.

Eu disse palpitante — o labio tremulo:
Selia, te amo, a teus pés espero a lei...
Oh! quantas ancias, que tremor nos membros!
O que então senti — nem mesmo eu sei!

Tua palavra era um divino verbo,
Como de Deus creando, erguendo um mundo,
Descerrava-me o portico de venturas,
Templos de amor sob céu auri-jucundo.

Esperando esse aresto de teus labios,
A palavra que alenta e dá-nos vida
Misurei em instantes lustres mil
De agonia e esperança mal soffrida.

Como se morre então, vive-se, espera-se
A um grão tão só da areia d'ampulheta!
Só no momento que de um globo tomba!
Só n'uma prolação que o labio inceta!

Meu Deus! morri. vivi em crua espera!
Era meu coração insano mar,
Volcão o craneo, a cutis toda neve,
Meu ser todo no olvido foi pairar!

Tu sorriste, mulher, e então disseste:
"Minha alma nos amores mais não arde;
Que queres, caminheiro? — sou culpado?...
O mundo enregelou-me, foge — é tarde!

E' tarde?! murmurei em odio acceso
Como os de um louco derramei-lhe olhares,
Tateei o espaço, quiz fallar, não pude,
Estatua augusta ergui-me dos pezares.

Uma blasphemia pela mente alou-se
Contra o Senhor, contra ella, contra a terra.
Que dôr immensa aquella, e que delirio!...
E' tarde — foi um raio... a mente encerra.

Matou-me alli as crenças e o futuro,
Foi tumba de robusta mocidade...
E' tarde! ousaste tu dizel-o a mim?!...
Sim — é tarde — odalisca sem piedade.

Depois achei-me em uma praia gelida...
Como fui — não o sei... o sabe Deus!
Acervos de caligem vi nos ares,
Nas aguas vi acervos d'escarcéos!

Meus cabellos senti mercê dos ventos,
Que me passavão frios pelo rosto;
Acordei... vi um vacuo fundo, immenso,
--- A's raias de sol nado e de sol posto.

No mundo das idéias — no eu sublime,
No mundo da memoria — noite em tudo...
Reflecti — por um fio demandava,
E alma, céos e terras... tudo mudo!

Que tempo assim estive? Perguntei-me
Não soube onde parára o meu passado,
Apenas o presente começando,
Vi sob a foice de cruento fado.

Era nova existencia que se abria,
A familia fizera a pura crença...
E' tarde — produzira o scepticismo,
Vida que se alimenta em treva intensa.

Porto Alegre, Fevereiro de 1869.

Appollinario Porto Alegre.

DUAS VIRGENS

São dois typos desiguaes,
Nem um d'elles tem rivaes,
Tão lindos não vi, não ha!
São dois anjos sobre a terra,
Deus-n'este mundo as encerra
P'ra mostrar o que é de lá!

Uma — é morena e louçã,
E' corada qual romã,
Travessa qual colibri;
Seus olhos negros, Senhor,
Oh! revelão tanto amor
Que por elle me perdi!

Quando em seus labios diviso
Esse innocente sorriso
Que somente os anjos têm;
Quando um olhar seu traquino,
Qual borboleta sem tino
Nos meus olhos pousar vem:

Fico, — o pensamento
Desvaira n'esse momento,
Sonhando tanta magia!...
No sonho — murmuro — é bella!
O seu olhar tem da estrella
Divo brilho que inebria!

A outra, a outra, meu Deus,
E' vossa filha, é dos ceus,
Nem sonhal-a, menos vel-a!
Mas agora — já perdi-me,
Soffrer por ella é sublime,
Viverei tambem por ella!

Que linda! N'aquella face
Pallida e triste — fugace
Brilha o raio da esperanza!...
Que lyrio, que sensitiva!...
Não sei por que pensativa
Traz a fronte essa criança!

Uma — é a flôr pura e meiga
Lá na penumbra da veiga
Mil perfumes reçumando;
A outra — é flôr orgulhosa,
E' mais altiva que a rosa
Nos jardins sempre imperando.

Uma — é o lago dormente,
E' como a brisa indolente
Que na folhagem murmura;
A outra — não, é o regato,
Què na esmeralda do matto
Endechas d'amor sussurra!...

Uma — é a lua fagueira,
Em noite bella, faceira
N'oceano se mirando;
A outra — é o sol fulgurante,
Com seu brilhar dardejante
A meiga lua offuscando.

Uma — é a malva-maçã!
E' como a casta aldeã,
E' como o niveo jasmim;
A outra — altiva e ufana,
E' a orgulhosa sultana
Reclinada no coxim.

Ambas são bellas, meu Deus,
Ambas são filhas dos céus,
Eu por ellas me perdi!
São dois typos desiguaes,
São dois anjos sem rivaes,
Tão lindos não ha, não vi!

Porto Alegre, 1869.

H. R. A. e S.

A' MEMORIA DO BARÃO DO TRIUMPHO

Silencio!... o anjo da morte alli campêa...
Uma humana hecatombe alli cahida,
Vê se ao ferro cruel do fraticida,
Do assassino feróz de uma nação!
E' um povo inteiro rastejando em sangue,
Hirtos cadaveres que a planicie alastrão,
Desoladas familias que se affastão,
E um exercito que entra em Assumpção!

Silencio!... o anjo da morte alli perpassa...
Féro socio do archanjo da victoria,
Solidario em suas lides, em sua gloria,
Não dá tregoa ao soldado em plena paz.
Eil-o... véla de um bravo a cabeceira,
Lugubre traz a face descarnada,
Mas temendo empunhar a lança, a espada,
A perfidia por arma occulta traz.

Silencio!... o anjo da morte alli se afana...
Aquelle que entre o fumo das metralhas,
Ao horrisono som de mil batalhas,
Costumava sempre incolume vencer.
Andrade Neves! a temivel lança
Que o Rio Grande do Sul na pugna alçava,
Apeou do ginete que montava
Para ao leito da dôr feral descer!

Já a noite — galgando o throno d'ebano,
A' expandir-se no azul, docel dos ares,
Medonha sobre a terra, além nos mares,
O seu sceptro de chumbô então baixou.
Da cidade vencida nas ameias,
— Satisfeito leão que agita a juba —
Soberbo o vencedor embóra a tuba,
Brada silencio! e o signal sôou.

Silencio! escuridão! oh! paz solemne!
Filhos augustos da enluctada noite,
Do Pampeiro que fôge ao frio açoite
Nem balouça uma folha o devezal;
A natureza inteira em paz dormita,
Pausa faz do universo o movimento,
Prophetico repouso! atróz momento!
Negra imagem da morte! ocio fatal!

Ao ouvir da trombeta o som agudo,
Esse som que elle á frente de seus guardas,
Ao sibilo infernal de mil bombardas,
Sempre foi o terror do indio feróz,
— O heróe sentiu calar-lhe o imo d'alma,
Não ao echo fugaz que o bronze vibra,
Mas qual se a retinir de fibra em fibra,
Do archanjo do juizo ouvisse a vóz.

Este signal parece então dizer-lhe:
Que é preciso deixar esta existencia,
Erguer-se, ir partilhar de uma outra essencia,
No Empyreo perennal de immensos céos;
E da margem estreita d'esta vida,
O guerreiro olha além — lê no futuro—
Um horizonte azul, limpido e puro,
A eternidade vê — contempla um Deus!

Do seu leito — ao redor — duros soldados
Que mil vezes sorrindo a morte olharão,
Seus amigos fieis, então chorarão
Ao ver dos olhos á fugir-lhe a luz!
E elle inclinou a fronte magestosa!...
Ai!... se lhe extingue a vóz... fôge a penumbra...
E' um brilhante clarão que se deslumbra,
Christão que a ultima vez abraça a cruz.

Silencio!... o anjo da morte alli sorriu-se...
Foi um corpo que terra á terra volta,
Livre uma alma sublime n'elle envolta,
Sopro que é do Senhor ido ao Senhor!
E' que a vida deixou Andrade Neves!
Morreu um lidador, nobre, guerreiro,
Heróe libertador de um povo inteiro,
Epopeia dos seus, — luz do valor.

Morreu!... assim tambem esse gigante
Que hapouco assombra a Europa com seus feitos,
Esse audaz redemptor de reis desfeitos
Que thronos prostra ao acenar da mão,
Colosso immenso — no Oceano erguido
Que subito abateu — do leito fundo,
Como elle cahiu — pasmando o mundo,
Como elle baqueou — Napoleão!

Oh! morte! — á ti rainha soberana
De tudo que é da terra, — (altos mysterios)
Compete aniquilar nações, imperios
Da vida, a propria luz riscar do roll!
Morreste — astro de um século — mas um dia
No cahos, na tréva sepultado, immerso,
Esse brilhante archote do universo
Tambem ha de morrer, sumir-se o sol!

Tromba marinha topetanda as nuvens,
E que sorvendo o mar que em ondas lasca,
Cahê de repente ao sopro da borrasca
Nos abysmos do Oceano á se sumir;
Elle que tinha ha muito já transposto
Os limites mortaes da humana sorte,
Cahiu aos golpes da terrena morte
C'o a eternidade o ser — á confundir.

Ah! que a morte é lição — cheia de vida,
(Vã palavra onde existe felicidade?)
Que é d'aquella imponente magestade
D'esse braço invencível que hontem foi?
— Morreu!... quebrou-se, envolucro de barro —
Desvaneceu-se uma illusão mundana,
Cinza perdida na hecatombe humana,
Sombra lembrada no chamar-se heróe!...

Morreu!... mas como o sol que em seu occaso
Espalhando no espaço a humilde sombra,
Os campos escurece e o valle alfombra
De rorido rocio — de almo verdor,
Ao passo que nas grimpas de altas torres,
Pelo cimo dos montes que transvia,
A noite assoberba — a luz do dia
Espadana fulgente de esplendor;

Tal o heróe impavido e tranquillo,
No derradeiro instante de sua vida,
Por entre o extremo adeus da despedida,
Como o final lampejo do astro rei,
Ergue a fronte serena além da morte
E parece dizer: "é cedo ainda
"Nos céos irei gozar de vida infinda
No mundo a gloria sou — não morrerei!!!

Porto Alegre 16 de Junho de 1869.

Francisco Antunes Ferreira da Luz.

chilhas não serve á tyrannia; entregal-a seria nodoal-a nas mãos de miseraíveis.

E com a champa do ferro flagellou a face de Varena.

— Jacinio !murmurou uma voz espedaçada, e ouviu-se o baque d'um corpo. Era Amelia.

Depois... o retintim de golpes, algumas imprecações, o silvo de duas balas e outro corpo que media a terra. Era Jacinio.

(Continúa.)

—o-O-o—

EMENTARIO MENSAL

Bom tempo, bom tempo este! Tudo corre ás mil maravilhas, parece que vivemos agora!

Frio,
Chuva,
Sol,
Bailes,
Theatros,
Litteratos,
Critiqueiros,
Folhetinistas

e o Parthenon que veste-se de galas, como uma noiva, para abrir de par em par as portas e dizer aos materialistas e scepticos de 68: — vinde, entrae, assisti ao banquete da mocidade crente, saudae este primeiro anniversario, que é por certo um grande triumpho para vós tambem! . . .

Bom tempo, bom tempo, sim!

Até o proprio inverno nos agrada, amamos a natureza envolvida em seus nevoeiros humidos, pallida e triste, scismadora e languida como a virgem após o delirio da walsa, n'esse cansaço que a torna mais bella, n'esse instante em que de seu collo offegante escôa mystico perfume.

Será talvez uma excentricidade, porém, confessamos, temos mais predilecção pelo inverno que pelo verão.

Este tempo sombrio casa-se mais com o nosso humor; quando o vento zumbe pelas frestas da porta, e resmunga semelhando um velho importuno que tudo espreita, quando a chuva estala monotona na calçada, escorrendo vagarosa nos telhados, não sei porque sentimos impressões indefiniveis, a imaginação inspira-se, a alma vôa, paira além creando um ideal sublime, e, em quanto a natureza dorme, nós velamos folheando as paginas perfumosas do livro do passado.

Mas deixemos o inverno que faz tanto nariz pingar e vejamos os nossos apontamentos.

Temos material de sobra para esta gigantesca obra litteraria que chamou-se um dia **chronica** e hoje por variante cognomina-se — **Ementario**.

* * *

O theatro S. Pedro attrahe a população inteira de Porto Alegre; a companhia conquista novos e mais viçosos louros em cada noute, e, quer brilhem as estrellas sobre as aguas azuladas do Guahyba, ou jorem as cataractas do céu, a enchente no theatro é completa sempre, o enthusiasmo recrudesce.

A companhia estreado na **Estatua de Carne**, para nossa pinião, o mais primoroso drama do repertorio exhibido, teve tal exito, tão feliz successo, que mudou inteiramente o paladar estragado d'esta nossa platêa, que, salvo honrosas excepções, apreciava mais gostosa um salto mortal, ou uma pelotica, que um drama intimo, ou a cavatina da melhor opera.

Nó entanto o milagre operou-se d'esta vez, porque o gosto apurase á olhos vistos.

Em boa hora veio o Sr. Cabral!

O nosso theatro tão em decadencia ha annos para cá, resurge como a phenix, recordando-nos o bello tempo em que Furtado Coelho e Gabriella tocáráo com sublime engenho o fastigio da arte.

Se na companhia não temos um Furtado Coelho, ha no entanto um galã intelligente e estudioso, um moço cheio de vontade e aptidão, que promette elevar-se á altura em que soube collocar-se aquelle.

Fallamos do Sr. Cabral Junior que tem captado a sympathia das platéas do Rio Grande.

Antonina Marquelou, que ha nove annos fizera a sua primeira aventura na senda difficil e espinhosa do artista, no palco em que hoje fascina e arrebatá, é sem contestação rival poderosa de Gabriella e Adelaide do Amaral.

Conhecemol-a do Rio tambem, ahi no Gymnasio assistimos á sua brilhante estréa, na filha mimosa de Octavio Feuillet — **Dalila**.

Mas a Dalila do Gymnasio esteve tão longe da Dalila do nosso S. Pedro, como os **critiqueiros** dos criticos!

Não que Marquelou não merecesse os freneticos applausos e tantas ovações que lá tivera com merecida justiça, mas os collegas de cá não andáráo bem.

O sympathico Cabralsinho meio que falseou, e Motta, no papel de Carnioli teria perdido o equilibrio se não fosse o penultimo quadro.

Assim passou quasi friamente a filha de Octavio Feuillet, a sua mimosa perola litteraria, o seu precioso trabalho dramatico!

Quod facere?

Dalila não é um drama para todas as platéas.

Aqui forçosamente devia cahir; falta-lhe polvora, o retintim de duas laminas a resvalarem-se herculeas, os lances fortes e excitantes, essa algazarra e frouleira da **Torre em Concurso** e **Phantasma Branco**.

Barbosa — não é mister que lhe digamos — é um artista de grande merito. Tem louros de sobra e muitos louros a colher ainda.

Araújo — eis ahi um typo sympathico e expressivo!

Seu engenho artistico fal-o moldar-se a qualquer genero, e, se decórasse melhor os papeis, o talento que possui realçaria mais.

Magalhães em todos os papeis que tem exhibido é digno de louvores.

Suas **scenas-comicas** são de merito, e, segundo os jornaes da capital, breve teremos occasião de o apreciar como dramaturgo. Seu trabalho tem por titulo — **O Anjo da Resignação**.

Alfredo, Luiz Mayrink e Virissimo são noveis ainda nos segredos da arte.

Alfredo, porém, já faz muito; vê-se n'elle uma vocação real e uma dedicação séria pela arte.

Luiz Mayrink, nos **Cancros Sociaes**, foi bem, na **Graça de Deus** melhor.

Maria Augusta e Maria Lima tão diversas em seus generos, rivalisam-se.

Maria Augusta — no **Anjo da meia noute** teve momentos felizes, no papel de Helena, na **Filha do Lavrador** e Amelia na **Dalila** deu mostras de um talento superior.

Maria Lima na **Estatua de Carne** faz diabruras, e é inimitavel. No entanto desapareceu da scena, e o logar que occupava na companhia difficilmente será preenchido.

A **signora Candiani** é ainda uma celebridade musical. O povo fluminense que não tinha ovações para outra cantora que não fosse ella,

conserva feliz recordação da voz sublime e arebatadora que tanto lá como aqui ainda hoje faz-se admirada.

Como artista dramatica basta o difficil papel de Clara, nas **Orphãs da Caridade**, para attestar a sublimidade do seu engenho. No ultimo acto, n'esse momento de desespero em que a mãe culpada tem de um lado a filha que traça ainda o cilicio da orphã da caridade, do outro o esposo que vae ouvir uma confissão terrivel e em face o algoz do seu passado, o seductor desnaturado, ahi n'esse lance difficil, Candiani arrebatava!

Ha tanto sentir na sua expressão, nos seus gestos, no seu olhar mareado, na sua voz cortada pelos soluços, que o coração de quem a escuta commove-se, sente deveras!

Motta, o nosso estimado e talentoso comprovinciano, não desmente que foi discipulo de João Caetano.

De uma grande vocação, a sua escola no entanto é quasi outra, tanto assim, que ás vezes contrasta com a de seus irmãos.

No papel de Conde Paulo de Santa Rosa cremos firmemente que o nosso festejado comprovinciano não encontrará quem lhe offusque de leve a gloria.

Sabemos que deixou o theatro, não de vez, porque seria luctar quem sabe se contra o destino, mas afasta-se d'elle agora.

Deixa-nos saudades, a sua auzencia será tão sentida, como a lembrança d'ella viva em nosso coração.

Apertando-lhe as mãos n'este momento, temos convicção de que o nosso publico aspira ancioso pela sua volta.

*
* *
*

Parbleu! Mlle. Argeline faz proezas e conquistas, sobrenada n'um oceano de flores e perfumes, em quanto o Sr. empresario sorri de contente!

Mlle. Argeline, segundo dizem, é — franceza, ingleza, belga, suissa, irlandeza e japoneza simultaneamente!

Mlle. Argeline está no galarim da fama, é discutida em todos os circulos, nos salões e cafés, de dia e de noute, em toda a parte e a todas as horas finalmente.

Mlle. Argeline, segredou-nos ao ouvido um animalejo que assistia boquiaberto á sua estréa:

— **Voilà une belle étoile alcassarine!** Admire aquella par de olhos, admiravel estampa! aquella voz argentina vale bem um dithyrambo, uma ecloga de Virgilio, uma ode pindarica!...

Outro animalejo, que falla em Euripedes e Mephistopheles, como um critiqueiro genuino, resmunga entre dentes:

— Veja como pisa mal, que falta de mimica e graça, que pés e que boca!... Mlle. não passará de uma pessima alcázarina!...

N'este solemne momento Mlle. Argeline solta com tal furor uma pernada, que parecia ter-se deslocado! A platéa rompe em estrepitosas palmas, os adoradores do bom gosto e da arte estrebuxão de entusiasmo e Mlle. Argeline agradecida mostra que estudou gymnastica no pathetico e surprehendente quadro final!

Se nos perguntassem agora o que pensamos de Mlle. Argeline responderíamos: N'outra parte a applaudiríamos; em S. Pedro — não.

*
* *
*

Y Juca Pirama — é um drama lyrico em 2 quadros, segundo denominou o seu autor Sr. José Bernardino dos Santos.

Não foi por certo um triumpho litterario o novo trabalho do nosso amigo e collega. N'esse commettimento de medir-se com o primeiro poeta brasileiro, talvez, o Sr. Bernardino dos Santos não calculou o perigo imminente que o ameaçava.

No entanto é preciso confessar que ha imaginação nos seus versos, pensamentos de quilate, porém, nem sempre esse rythmo, essa cadencia divina a escoar-se de todos os cantos de Gonçalves Dias. Notamos ainda falta de enredo na sua composição. O amor, que é sempre um assumpto inexgotavel, foi esquecido; a mulher, a companheira do homem, porque não havia de encontrar o pobre Y Juca Pirama, n'aquellas suas horas de tanto infortunio e desalento?

Repetimos, não obteve um triumpho litterario o nosso distincto collega, mas deu-nos mais uma prova do vigoroso talento que possui e da bella imaginação que o laurêa.

Dizem-nos que acaba de compôr um drama, e não leve a mal a reflexão de quem precisa mais de um censor do que o collega, e os procura sem o menor escrúpulo.

Se tenciona publicar o novo fructo de suas locubrações, não faça com a mesma precipitação que tem tido.

Estudar e não desvanecer deve ser a nossa legenda: estude o collega com perseverança e fé como até agora, mas aceite sempre os conselhos de quem lh'os póde dar e ria como eu dos critiqueiros, d'essa nuvem de mosquitos que zumbe por ahi, na phrase de C. C. Branco.

* * *

O nosso amigo Sr. Aurelio de Bittencourt, no seu Ementario, annunciou com esse jubilo de que possui-se sempre e lhe é tão louvavel e natural quando falla nos trabalhos de seus collegas, o proximo apparecimento de um novo drama do Sr. Appollinario Porto Alegre, que tem por titulo — **Filhos da Desgraça**.

Appollinario Porto Alegre se não é já uma reputação feita, é sem duvida uma das maiores esperanças da provincia, uma intelligencia superior, e uma illustração de quilate.

Sem revestir-se d'essa modestia apparente, ou orgulho excessivo que enverniza os charlatães, elle traz na fronte larga o sello das vigílias, e a ruga de quem se afana no labor da sciencia, interrogando a si proprio por que tanta sêde, tanto calor a requeimar-lhe dentro, se tão mal compensão aqui as letras!...

No entanto Appollinario prossegue incessante, elle anima seus collegas, seus conselhos são ouvidos e seu corpo ás vezes parece dobrar-se á falta de seiva, o seu espirito redobra de entusiasmo, e a sua imaginação inexaurivel desenha-nos — **A Flôr de Laranja, Gracina, Os Palmares, Cham e Japhet, Sensitiva e Filhos da Desgraça!**

E tudo isto, além de um volume de poesias inéditas, e um drama escripto de collaboração com o Sr. Menezes Paredes, tem o Sr. Appollinario feito em curto espaço de tempo, sem alarde, mas com a nobre modestia que o caracteriza.

Porém, o nosso fim não é discutir o vigoroso talento do nosso amigo, nem tecer-lhe aqui laudatorios, que não os precisa de nós; mas trazer á tela acanhada de uma **Chronica** um facto que causou-nos verdadeira surpresa.

Filhos da Desgraça, que é a sua ultima composição dramatica, teria ido á scena se a approvação official a tivesse honrado, como fizera com **Cham e Japhet**.

E porque a policia tão indulgente com outros dramas que se tem representado agora em nosso theatro, onde palavras por demais licen-

ciosas são ouvidas, negou — o seu beneplacito á produção do Sr. Porto Alegre?...

Porque a policia consentindo na desenvoltura e despejo de uma **grisette**, que applaudiríamos n'outro palco e não sob o proscenio do S. Pedro, recusára o seu **visto**?

Se o theatro é uma escola, se elle tende a moralisar o povo, como o dramaturgo a descarnar os cancores da sociedade, **Filhos da Desgraça** prima pela these, cujo ponto primordial é mostrar o contacto pernicioso e tão abusado entre nós dos escravos com pessoas de uma familia.

Condemnar assim um trabalho ao ostracismo, que deveria ter um feliz successo, deve ser doloroso ao autor, como foi surprehendente á todos aquelles que lerão o drama, o acto da policia.

Houve despotismo ou falta de reflexão?...

* * *

A provincia do Rio Grande acaba de perder dois filhos dilectos; o paiz uma realeza na pessoa do Dr. João Jacintho de Mendonça, e uma grande esperanza nas 20 primaveras de João Baptista Blingini... Parece que uma fatalidade pesa sobre nós!... Em poucos annos vimos cahir um a um Pedro Chaves, João Vespucio, Dr. Amaro, Felix da Cunha, Macedo e Barcellos, e quasi ao mesmo tempo Canabarro, Netto, Valença, Tristão Pinto, Andrade Neves e tantos outros predestinados vultos heroicos!...

O Dr. João Jacintho de Mendonça falleceu na côrte — mas Blingini, nem ao menos sob o céu de seu paiz!... Savona foi o seu tumulo, ahi descança perto do berço de seu pae.

Na sua ultima carta assim exprimia-se elle: "não é só a molestia, é a saudade da patria!

"A patria e a familia é o que me falta!"

A congregação dos lentes honrou a sua memoria erigindo-lhe um tumulo, resta agora á provincia não esquecer nunca o seu nome, como o Brasil não pôde olvidar o patriotico e eloquente tribuno Dr. Mendonça.

* * *

Mulher e mãe é o titulo de um drama em 5 actos do Sr. Eudoro Berlink.

Com quanto nada conheçamos d'este trabalho, dizem-nos pessoas habilitadas que é primoroso e de um grande effeito theatral. O Sr. Eudoro Berlink, que, como litterato tem uma bella reputação, n'estes ultimos tempos desapparecêra da senda da litteratura, não porque sua imaginação se exaurisse, porém, a penna do litterato trocára-se pela do jornalista e n'esse campo duplamente espinhoso e cheio de contrariedades, elle soube collocar-se á par dos primeiros vultos da imprensa diaria.

Certos de que seu novo trabalho terá um grande successo, nós o saudamos mais uma vez, deixando a apreciação d'elle ao redactor do seguinte mez Sr. Vasco de Araujo e Silva.

* * *

Um novo órgão do partido liberal acaba de apparecer com o titulo — **Reforma.**

Tendo á sua frente distinctos collaboradores, intelligencias firma-

das, elle propõe-se a seguir os passos brilhantes que a **Reforma** da côrte tem dado, para o engrandecimento do paiz, como tem feito o **Correio do Sul**.

Muito promette a **Reforma**; não ha ahi essa leitura que amenisa, mas um estudo sério em cada pagina, lições edificantes de uma doutrina legitima e verdadeira.

Saudando com enthusiasmo o seu apparecimento, desejamos ao novo órgão do partido liberal uma marcha progressiva e aos seus collabores — as palmas do futuro, e muito animo e coragem no presente.

*
* *
*

Antes de fallarmos na festa do Parthenon, que será o fecho d'este Ementario, não podemos furtar-nos á tentação de estamparmos aqui o fructo de uma bella intelligencia, a feliz inspiração que revelão as 5 estrophes seguintes:

Porque és triste?

Diz-me tu oh! casta pomba,
Porque sendo moça e bella;
Teu olhar todo meiguices
A tristeza só revela?...

Tu não vês nos labios d'outras
Adejar constante o riso?
D'onde vem pois a amargura
Que eu em ti sempre diviso?

No prado em que a rosa nasce,
O lyrio nasce tambem;
Diz: porque não tem o lyrio
As côres que a rosa tem?...

Ambas tendo a mesma seiva,
Ambas tendo um só calor...
Quem o lyrio assim faz triste,
Dando á rosa a rubra côr?

Se outras são sempre a alegria,
Eu serei sempre a tristeza;
Sou o lyrio — ellas a rosa...
Ambas tem sua belleza.

Versos simples, mas exuberando delicioso perfume.

Sabe agora o leitor de quem são elles?... Releu e gostou forçosamente d'aquelle **Mundo de amor**; pois saiba que este é o mesmo poeta, o Sr. Manoel Gonçalves Junior, que não temos o prazer de conhecer pessoalmente, mas que apreciamos muito e festejaremos sempre como inspirado cantor.

*
* *
*

Fallemos agora do Parthenon.

Quando uma idéa domina um povo, boa ou má ella vinga, cedo ou tarde ella apparece: a revolução agita-se, recrudescce, avulta dia por dia,

e quando menos se espera — a luz espanca as trevas ou vice-versa; a harmonia torna-se um cahos.

Eis porque o Parthenon Litterario existe.

18 de junho de 68 foi uma data symbolica!

N'esse dia raiou a aurora brilhante, que, illuminando o modesto templo consagrado ás letras e á sciencia, queimava tambem as frentes da mocidade crente, dos iniciadores de uma grande idéa!

18 de Junho foi uma phase brilhante para aquelles que sonhando o bello em suas formas multiplices, sentião no entanto a fronte ensombrada pelo véo do desanimo, porque a mão do indifferentismo manietava-lhes o impulso, o gelo do sarcasmo sopeava-lhes os vãos projectados.

Mas não ha barreiras que se anteponhão á mocidade, quando ella quer, porquanto ella póde sempre!

Travada a lucta — a idéa triumphou — a mocidade não receia!... Não ha jungil-a aos ferros; alastre-se embora de victimas o estadio, novos arautos surgirão, cairão os primeiros, mas os ultimos ficarão de pé, saudando a victoria!

Assim foi, o cansaço era demais, o esforço quasi superior ás nossas forças, porém, a acção operou-se segundo nossa vontade.

Hoje — a idéa é um acontecimento, o mytho uma realidade!

O Parthenon festejando o seu primeiro anniversario, que teve lugar no vasto salão da Soirée Porto Alegrense, no dia 19 do corrente, sentia-se ufano e com razão.

A mocidade de 68 lá estava, porém mais forte em numero e intelligencias.

As duas alas de cadeiras que se estendião ao longo do salão, eram duas fileiras de bravos.

As intelligencias amadurecidas sorrião de contentamento ao ver a pleiade brilhante no rosto de honra e com a palavra ungida de fé nos labios.

Numeroso era o concurso; distinctas Sras. e cavalheiros esperavão anciosos a abertura da sessão.

As 8 ½ horas estrugirão os foguetes annunciando a presença de S. Ex. o Sr. Dr. presidente da provincia e sua Exm.^a familia, e ás 9 o Sr. Dr. Caldre e Fião, presidente honorario, inaugurou a sessão pronunciando um breve discurso.

Orarão em seguida os oradores da sociedade Srs. Affonso Marques e Carlos Barrão, mostrando em eloquentes palavras o desenvolvimento da mesma durante o anno que findava.

Seguirão-se os discursos pronunciados pelos Srs. socios: José Bernardino dos Santos, Aurelio Virissimo de Bittencourt, Vasco de Araujo e Silva, Victorino J. dos Santos Azevedo, Arthur de Lara Ulrich, Appollinario Porto Alegre e Manoel Ribeiro de Andrade e Silva.

*Recitarão poesias os Srs.: Achylles Porto Alegre, Antunes da Luz, Nicolau Vicente Pereira e Hilario Ribeiro de A. e Silva.

As 11 horas concluida a sessão, começou o baile, que prolongou-se até as 4 da manhã.

Caminhe o Parthenon Litterario; para chegar ao seu fim precisa andar muito ainda. O anno de luctas que passou foi uma promessa, os annos vindouros attestarão um futuro brilhante, se os obreiros incansaveis até hoje, não recuarem ante a magestade da empreza.

Creemos firmemente que assim não acontecerá, porquanto a mocidade não estaciona nunca; trabalhando — quer; querendo — vence!

Consideremos sempre como Aristoteles: — Que a sciencia tem raizes amargas, porém, doces fructos.

Hilario Ribeiro A. e Silva.

REVISTA MENSAL
DA
SOCIEDADE
PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. — JULHO DE 1869. — N.º 5.

—o-O-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO
PORTO ALEGRE

1869

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Nicolau Vicente Pereira.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

•
Vasco de Araujo e Silva.

OS PALMARES

ROMANCE HISTORICO

POR

APPOLLINARIO PORTO ALEGRE

III. QUADRO.

Ultimos acontecimentos.

(Continuação)

— E' verdade, a pura verdade! ajuntava Rolando, para dizer alguma coisa, apezar de ser contra si mesmo.

Carrilho sorriu e foi vizitar seus companheiros d'armas no leito de dôr.

N'esse comenos o jesuita sentia-se dominado por grande emoção. Seus olhos ordinariamente baços, mortos e inexprimiveis scintilavão ardentes na penumbra da sala, seus labios murmuravão sons incompreensiveis, suas faces pallidas e macilentas tingião-se de reflexos purpureos, seu corpo tiritava, como se o medo ou o frio o tomasse.

O que havia?

Que folheto é o que estreita nas mãos com delirio, com febre, com amor?

— Misser Antonio, disse elle, tocando no braço do physico.

— Que quer V. Reverencia?

— O céu o quiz, respeitemos sua vontade. **Fortuna est quod dii volunt.**

— Me parecendo está que V. Reverencia não quer ser comprehendido.

— Chiton! E levou o index á boca.

— Mas . . .

O jesuita apenas mostrou-lhe o folheto, no alto de cuja capa lia-se em letras garrafaes, que hoje cauzariam terror á calligraphia:

EL-DORADO.

E mais abaixo em bastardinho miudo:

"Como o póde deparar o que fôr seguindo com fidelidade o caminho dos sertões que hi vai n'este itinerario, e o como foi descoberto e em que tempos."

Antonio sobresaltou-se, a mesma metarphose por que passou Andrezzi operava-se n'elle.

E' que desde o seculo XVI corria na tradiçãõ a existencia do El-Dorado, paiz de inconcebiveis riquezas e maravilhas, á procura das quaes aventureiros europeus constantemente descião á plaga americana.

Os inglezes Philippe Hutten e Walter Raleigh, os hespanhões Orellhana e Antonio dos Santos tinham com seu assentimento e descrições consolidado a crença geral a este respeito.

Uns fazião-n'o existir entre o lago Parimo e o Orinoco, outros affiançavão que seus dominios demoravão no centro do Brasil, tendo em torno invia e vastissima extensão coberta de florestas.

Sua capital era a cidade de Manoah, que continha templos cujas cupulas erão de ouro massiço, cujas columnas incrustadas de finas gemmas reverberavão na treva, como a luz solar. O rei d'este paiz andava semi-nú, referião, e quotidianamente, banhava-se em oleos fragrantés, polvilhando depois o corpo com ouro em pó.

Era tão arreigada a crença, que a Europa e a America erguião-n'a á altura d'uma convicção, quando punhão em circulação cartas e mappas geographicas do El-Dorado.

No correr d'esta historia o leitor verificará se havia ou não razão no que hoje uns suppõem pinturas da imaginação e outros pensão ter sido a California de nossos dias.

Reatemós, porém, a narração interrompida.

Antonio, passado o abalo da surpresa, perguntou:

— D'onde o obteve V. Reverendissima?

— Cahiu do gibão de Magalhães.

— E ninguém mais o viu?

— Ninguém. *Oculos habent et non videbunt, aures habent et non audient* . . .

— Ha de, todavia, reclamar.

— Deus o não quer.

— Como?!

— Vós, misser Antonio, Pero Lopes e este humilde servo de Jesus somos trez, não é?

— Sim, redarguiu com o olhar pasmo na difficuldade de comprehender a illação que seu interlocutor tiraria.

— Roberio é um?

— E' manifesto.

— Ha algúem de mais sobre a terra; fazel-o desaparecer torna-se para nós de extrema necessidade.

— De extrema necessidade, diz V. Reverencia.

— O duvida? Não vê que se sabe onde pára o itinerario, com justo motivo procurará rehavel-o sem arreceiar-se dos meios? Depois: mal que evita mal maior é um bem, misser Antonio; é principio de ethica. Se o não fizermos, elle o fará; e negocios com um homem de capa e espada não se assemelha ao com villões; ergo E parou intencionalmente.

Antonio estremeceu e murmurou mansinho e mysterioso:

— Ergo? . . .

— *Interficiat eum,*

— *Quomodo hoc scelus admittere?* Perguntou em tom baixo e ao ouvido de Andrezzi, mas tão pallido e demudado, que, quem o visse n'aquelle instante havia de desconhecê-lo.

— Jeovah disse a Josué que procurava terras para seu povo habitar, e, temendo os possuidores de juro e herdade, esmorecia:

"Ne timeas eos, ite et tua erit victoria."

E o bom discipulo de Loyola e Escobar estendia a mão mirrada e mostrava a Antonio um anel accrescentando:

— Aqui no castão ha um liquido de effeito terrivel; deitado sobre uma ferida a morte é subita.

Foi uma feliz descoberta que angariei, quando cathechisava no Maranhão. Misser Antonio, que diz?

O physico vacilava.

O jesuita continuou:

— Lembre-se da sentença do velho Horario: A fortuna é dos audazes.

QUANDO?!

Moi, l'espérance amie est bien loin de mon coeur.
Tout se couvre à mes yeux d'un voile de langueur;
Des jours amers, des nuits plus amères encore.

(A. CHÉNIER.)

I

O sol doirando da montanha o apice,
O mar, a veiga n'amplidão desmaia;
E mansas ondas n'um dorido murmuro
Vão lentamente se quebrar na praia.

Que doce brisa, que perfume magico
Do valle as flores s'inclinando exhalão;
Quantos segredos, que harmonia mystica
A' natureza os passarinhos fallão!...

Hora bendita! No arvoredado, languida
A meiga rôla solitaria geme;
E triste, á beira da lagôa, pallida
O lyrio ao sopro dos favonios treme!

Hora bemdita! No meu peito túmido
Doce tristeza se derrama agora;
E de saudades d'essa imagem candida
Minh'alma geme, desespera, chora!

Vem oh! meu anjo, vem ouvir o cantico,
Que suspiroso o sabiá desprende;
Vem dar alento á minha fronte pallida...
— Na longa insomnia desfallece, pende!

Vem, casta virgem, teu sorriso angelico
As magoas fundas do meu peito acalma;
Vem, n'estas sombras que segredos intimos,
Que amores, anjo, te dirá minh'alma.

II

Em vão chamei por ella... A tarde langue
Expirando levou além meu canto!...
Oh! volta, anjo, ideal que me sorriste,
Sem ti a vida é triste e tardas tanto!...

Oh! vem, minh'alma morre, se definha,
Esperando por ti, loira criança!...
Se me dêste um sorriso de venturas,
Porque tardas? — Bem vês! se esvae a esp'rança!

III

Oh! vem, minh'alma adoece,
Minha fronte empallidece,
Perdidas horas velando;
Em cada dia que corre,
Vae-se um sonho, um riso morre...
Ai! criança, voltas — quando?!...

Talvez meu nome esqueceste,
Distrahida adormeceste
Sob um docel de mais flôres;
Mais flôres? — louca! Meus cantos
Tinhão perfumes mais santos,
Erão poemas de amores!...

Meu Deus! Em quanto lá sonhas,
Minhas noutes são tristonhas,
Meus dias paixão sem luz;
Partiste, virgem, partiste,
E mudo carrego triste
Do soffrer a negra cruz!

Partiste, oh! santa, partiste,
E de meus labios despiste
O sorriso que só deras;
Meu pensamento levaste,
E sem pena tu murchaste
De minh'alma as primaveras!

Não tardes, vem, n'esta sombra,
Aqui do valle na sombra
Não mais terei, anjo meu,
As alegrias de outr'ora,
N'um teu sorriso uma aurora,
E nas tuas fallas o céu!

E não virão mais esp'ranças
Nos olôres de tuas tranças
A minha fronte embalar;
E nos teus olhos, donzella,
Jámais verei diva estrella
No meu futuro a brilhar!

.....

Oh! vem, minh'alma adoece,
Minha fronte empallidece
Perdidas horas velando;
Em cada dia que corre,
Vae-se um sonho, o riso morre —
E tu não voltas! — Ai! quando?!

Porto Alegre 1867.

R. A. H. e Silva.

FOLHA DO PASSADO

Ao meu amigo N. A. Vasques

A morte emmudeceu o teu piano,
Aonde outr'ora á noite horas inteiras
Ao teu lado jazia... Eramos sós
E as horas em silencio ião ligeiras.

Teus dedos resvallavão sobre as teclas
E meu olhar te dava a inspiração;
Tinhas as faces mórbidas e tristes,
E em ancia te fallava o coração.

O' quantas noites ao luar sereno
Em teu collo, mulher, adormeci
Ebrio d'amores, farto de esperança,
Aos sublimes arroubos de Verdi.

O' quantas noites?... Lembras-te, Marina,
Como perto de ti tudo esquecia!
Meu louco amor matava-me em teus beijos
E em teus labios mil néctares bebia.

Às vezes uma gotta de teus olhos
Sobre o rosto enregellada me cahia...
Teu piano era mudo... silencioso
E a luz no candelabro esmorecia:

Sómente a lua frouxa penetrava
Atravéz as cortinas de teu quarto,
E uma réstea de luz reverberáva
Na parede onde tinheis meu retrato.

Estavamos sósinhos, ninguém vinha
Perturbar nossa paz, nossa ventura:
Quadra feliz, Marina, que não volta,
O prazer como tudo pouco dura.

Tu me fallavas tremula, Marina,
E tremula em meus braços te apertava,
Teus cabellos cahião em desalinho
Sobre as roupagens brancas que eu amava.

Tua frente, teus gestos erão tristes,
Tua voz era um canto de amargura
Repassado de fel e de cicuta,
Como um canto dorido em sepultura.

A febre lenta te roubava os dias,
Tu morrias de febre e de paixão;
Cedo te quiz deixar, fugir de ti,
Mas a ti me prendia o coração...

Tua existencia consumi em beijos,
Como a abelha sedenta, que na flôr
Não conserva uma só gotta de seiva,
E a vê morrer ao sol abrasador.

Tu morreste, me diz o teu piano,
Meu retrato na alcôva empoeirado.
Que outr'ora teu lencinho de cambráia
O limpava de leve, com cuidado.

Tornei-te Magdalena com meus beijos,
E aos meus beijos te abri a sepultura;
Meus braços forão tua cruz pezada,
Meu amor teu calvario de amargura.

20 de Março.

Achylles Porto Alegre.

—o-o-o—

ELLE

Sou sempre o mesmo! no calor da festa
Subito a testa se franzindo vai,
E eu ouço um grito, que do imo d'alma
Me rouba a calma, suspirando um ai!

Sou sempre o mesmo, mas fingindo o rosto
Todo composto de doçura e fél;
Trago nos labios alegria ás vezes
E sorvo as fezes de um soffrer cruel.

Sou sempre o mesmo, dos festins nas salas
Desdenho as fallas que se diz então,
E se me assento taciturno e mudo,
Respondo a tudo por um — sim, por — não.

Se agrado mostra-me orgulhosa bella,
Sorrio á ella... na expressão — menti;
E se um seu riso me tributa incenso,
“Então eu penso que de mim se ri!”

Mas se eu festivo lhe mostrei na face
O que fugace o coração não quiz,
Eu ouço um grito, que do imo d'alma
Me rouba a calma, me suffoca, e diz:

“Fragil mancebo que te ris, emquanto
Que espinhos — pranto — pelos olhos vão,
Guarda da sorte de teu pai lembrança,
Chora criança, não te rias, não!

“Vê que elle arde n'um braseiro vivo,
Pobre captivo de um tyranno á fé,
Põe á teus olhos seu fiel retrato
No roto fato que o d'escravo é.

“Olha, quem sabe lhe serão tormentos
Esses momentos em que aqui folgaes;
Pensa nas dôres que teu pai lá sente,
Chora innocente, não sorrias mais!”

E eu sempre mesmo, taciturno e mudo
Procuro em tudo da esperanza o céo,
Caminho, fujo, do praser, do chiste,
Rasgando triste da alegria o véo.

E ao pai, saudades, languidez e pranto,
Dorido um canto o coração traduz;
E eu vou prostrar-me na deserta ermida,
Pedir sua vida pelo Deus da Cruz!

Se busco hypocrita encobrir no rosto
Este composto de doçura e fél,
Mostro nos labios alegria ás vezes
Mas sorvo as fezes de um soffrer cruel!

Então do mundo, no fervor da festa
Subito a testa se franzindo vai,
E eu ouço um grito, que me rouba a calma,
Do imo d'alma suspirar — Meu Pai!

Porto Alegre — Fevereiro — 1868.

F. Antunes Ferreira da Luz.

—o-O-o—

VISÃO

E' noite... e o silencio profundo a deshoras
Me inspira tristura, dilata-me o seio;
E o ar perfumoso mui brando correndo
Me pousa na fronte, me traz doce enleio.

E' noite... e a virgem dormita em seu leito
De bello, anilado, macio setim;
O peito lhe offega, e o rir se lh'espalha
Nos labios mimosos de fino carmim.

Negrejão-lhe os cilios, e a côr s'esvaece
Das faces mimosas no somno innocente;
Dos louros esparsos, urdosos cabellos
Retrahe os olôres o ar ambiente.

De Deus os archanjos a cercão alegres,
Embalão-lhe o doce tranquillo dormir;
E eu triste lhe offreço nas azas da noite
Meu canto sentido, meu longo carpir.

Adoro-lhe a imagem, contemplo-lhe as graças
Mil preces envio do peito ao Senhor;
E immerso em mil scismas, ardente em almejos
Um beijo na fronte lhe imprimo de amor.

Então doces cantos dos anjos do céu
Se espalhão de leve ferindo a soidão;
E a virgem dormida que a fronte eu beijára
Sumiu-se p'ra sempre... foi tudo visão.

E' noite... e o silencio profundo a deshoras
Me inspira tristura, dilata-me o seio;
E o ar perfumoso mui brando correndo
Me pousa na fronte, me traz doce enleio.

Janeiro de 64.

A. e S.

O ESCRAVO BRASILEIRO

Quando é que eu disse que não era livre,
Que a patria minha defender não qu'ria,
Quando neguei-me nas cruentas guerras
Em que um Henrique sua espada erguia!?

Negão-me tudo, meus irmãos na patria,
Té mesmo o fôro dos civis direitos,
A honra, os brios, sentimentos nobres
Qu'altivos morão nos brasileiros peitos!!

Mas sêde injustos — muito embora, eu tenho
Por paga a dar-vos este peito irmão;
Na industria e artes, no commum progresso,
Serei comvosco na mais santa união.

Dr. Valle Caldre e Fião.

PARTHENON LITTERARIO

Festa no dia 7 de Setembro.

Quando um pensamento nasce e não é mais ou menos desenvolvido, seja pela fragilidade do cerebro em que se originou, seja porque não encontrou auras benignas que o bafejassem, morre sem ter sido util ao pensador, e sem proveito para ninguem; mas quando no seu primeiro germinar encontra seiva bastante á fortifical-o e mil adeptos a desenvolvê-lo, sóbe de ponto, e a idéa se traduz em facto.

Referimo-nos á festa humanitaria que pretende fazer a sociedade de que é fraco órgão esta revista, no maior dia da nação — aquelle que nos recorda o grito immenso e forte do Ypiranga, que de um jacto quebrando os ferros que nos roxeavão os pulsos, fez-nos nação independente.

A idéa nasceu, a associação abraçou-a, e conscia de que a liberdade de um povo não é completa emquanto sôa o nome terrivel e infamante — escravo, — prosegue na realisação d'essa idéa grandiosa, cujo fim é libertar o maior numero possivel de crianças — d'essas que tiveram o infortunio de desprender o seu primeiro vagido sob o jugo do captiveiro.

Para este fim tão nobre e elevado vai o **Parthenon Litterario** exhibir uma recita no theatro S. Pedro em a noite de 10 de Setembro, commemorando assim, não só a nossa emancipação politica, mas ainda patenteando aos olhos do mundo a sua adhesão á causa santa da liberdade domestica.

Alexandre Herculano, esse grande vulto da velha Europa, quando na sua Harpa do crente disse: "Creio que Deus é Deus, e os homens livres", como que anathematisou os povos que alimentão em seu seio o cancro horrendo e contaminador chamado — escravidão — que vai corroendo a sociedade que não tem força para estirpal-o, ou antes, que adormecida ao som dos canticos tristes d'esses infelizes que respirão oprimidos, não se lhe dá que mil baldões lhe sejam lançados por aquelles que não ouvem o estalar do azorrague do senhor a retalhar as carnes do misero que tem o nome de — captivo.

E porque não ha de o **Parthenon Litterario**, como muitas outras associações, concorrer para a extincção de tão grande mal, unico obstaculo ao maior desenvolvimento da civilisação do seu paiz?

Fôra sem duvida preciso, que, de um lado moresse no coração o sentimento de fraternidade, e do outro que o desamor á felicidade da patria brotasse impetuoso.

Assim é que o **Parthenon Litterario**, comprehendendo bem o que ha de mal n'esse estado de escravidão do homem, n'esse estado triste e contrario á natureza, em que ser, a personalidade, são negados a individuos dotados de razão, vai pedir o auxilio do publico, certo de que o encontrará.

Não é certamente uma idéa nova esta que o **Parthenon** vai pôr em pratica; é antes a imitação de factos que constantemente se dão, em todas as provincias, e que attestão o fervoroso desejo de um povo, que educado á sombra da religião do Calvario, e bafejado pelas auras da liberdade, almeja a extincção da escravidão como infallivel meio de melhor progresso.

O **Parthenon Litterario** se robustece na fé, e espera.

A. e S.

PARECER

SOBRE A THESE SEGUINTE:

A influencia da mulher sobre a civilisação, desde os primeiros seculos até nossos dias, tem sido benefica ou perniciosa?

Quando Deus formou a mulher, essa mais sublime metade do genero humano, destinando-a para companheira e conselheira do homem, dotou-a de pureza, honestidade e bondade, para com a doçura de seus costumes, não só influenciar nas acções dos homens, modificando-lhes as iras, como para illuminar-lhes a rudeza do espirito com exemplos de piedade e brandura.

Sendo pois a mulher um prototypo de bondade, um ser delicado que a Providencia escolhera para depositaria da preciosidade de seu divino amor, longe de exercer uma influencia perniciosa na civilisação, é antes o symbolo da regeneração social, que com a irradiação sublime de seu espirito e com a luz divina que o Omnipotente lhe collocou nos olhos, illumina as trevas da humanidade que caminha, porque a mulher lhe diz: Ide, obreiros do futuro, caminhai para o progresso das sciencias, das letras e das artes, que eu vos illuminarei n'essa cruzada santa de civilisação!

Effectivamente á mulher se deve uma parte consideravel nas glórias d'esse aperfeçoamento da vida civil, d'essa actividade organisadora das relações sociaes, a que se chama civilisação.

A civilisação é um d'esses factos complexos que, resumindo em si a sorte commum da humanidade, tem uma historia particular que abrange as outras historias.

Se o desenvolvimento da actividade social constitue o progresso da civilisação, não é comtudo na rigorosa accepção da palavra o seu verdadeiro caracteristico.

Ha Estados, que considerados em relação ao aperfeçoamento, ao bem estar social, se podem julgar perfeitos, e que todavia não levam a dianteira em civilisação a outros onde, inda que imperfeitos em referencia á organização social, se desenvolve o grande principio da actividade individual.

Assim é que em toda a parte onde a condição interior do homem, e desenvolvimento de suas faculdades moraes se manifesta com prodigiosa magnificencia, tambem apparece a civilisação em seu maior esplendor.

E' que do espirito individual saem as grandes idéas que, intellectualizando as sociedades, civilisam os povos.

E quem poderá racionalmente fallando, contestar a influencia decidida que a mulher exerce n'essas idéas luminosas, que filhas da actividade individual, vão reflectir na sociedade, traçando novos e espaçosos horisontes na marcha progressiva da humanidade?!

As sciencias, as artes e a litteratura reclamão a parte activa que lhes toca no progresso da civilisação; mas quem é que a tudo isso nos

impelle senão a mulher que nos diz: Ide, alcançai a gloria, que tereis em recompensa o meu amor?

Antes do homem atirar-se ao conhecimento das sciencias, é mister desenvolver-se-lhe a alma, que, inda que pela lei de sua propria natureza esteja obrigado a abraçar o bem repellindo o mal, é de absoluta necessidade exercital-o na pratica das virtudes.

E' essa a missão sublime que Deus julgou por bem confiar á mulher sobre a terra.

A mulher mãe! O que ha por ahi mais elevado, mais magestoso, que essa creatura sublime, em cujos olhares angelicos a criança aprende a soletrar essa palavra divina, que resume em si todas as sciencias do Universo, a palavra — Deus?

Oh! a mulher mãe é o santuario da luz, o typo sublime da felicidade no bem, é o talisman da criação que o Ser Eterno escolheu para Mãe de seu Filho, que no Golgotha lavou com seu sangue precioso a mancha do peccado original, espalhando leis que irão remontando de geração em geração até aos confins dos seculos!

Christo foi o regenerador da humanidade, o civilizador do mundo, e Maria, esse archetypo de santa resignação, foi Mãe de Christo.

Diz o philosopho Kant que, antes de votar-se ao tirocinio de seu desenvolvimento intellectual, já possuia os sentimentos de humanidade, sagrados principios que sua mãe soube embutir-lhe n'alma.

Cuvier affirma que a fortuna de seus estudos e as glorias de suas descobertas, deve exclusivamente á sua mãe.

Se lançarmos um rapido olhar sobre a historia romana, alli encontraremos a mulher em sua dignidade, exercendo uma influencia benefica na educação d'esse grande povo. A mãe dos Gracchos póde servir de modelo a todas as mulheres que-se votão a educação de seus filhos.

Ha na historia d'esse povo um grande acontecimento que deve ser commentado como um triumpho de humanidade. Roma está perdida! Coriolano a fecha n'um circulo de ferro: o espirito indomavel d'esse implacavel guerreiro, o seu coração empedernido que o senado e os sacerdotes não poderão embrandecer, commoverão-n'o as lagrimas de mãe! A illustre Velúria salva Roma, perdendo seu filho para sempre.

Este facto prova até á evidencia, o poder, a influencia, que a mulher exerce no animo do filho.

Se os governos em suas reformas politicas tivessem em consideração a educação da mulher, ella pela seducção e docilidade de que é dotada, pelo santo sacerdocio a que está destinada, seria um instrumento activo no progresso da civilisação.

Diz Sheridan que é da cultura do espirito da mulher que depende a sabedoria dos homens.

Se, porém, nos afastarmos dos principios da educação, com os quaes a mulher mãe concorre prodigiosamente para o aperfeiçoamento moral dos filhos, e considerarmos na parte activa que ella tem na formação dos genios, ali encontraremos a mulher como principal motora das grandes obras das epopéas colossaes.

Nas acções gloriosas, nos rasgos de heroicidade e nos grandes acommettimentos litterarios, ha sempre uma mulher!

Assim é que vimos Camões sedento de glorias, afastar-se das praias luzitanas, e voltar mais tarde com o colosso da litteratura — os Luziadas, para arrojal-os aos pés de Catharina de Athayde.

Pelo amor de Beatriz, Laura e Leonor, resplandecem no céu da litteratura universal tres luzeiros de civilisação, que a voragem do tempo não sumiu em seus abysmos, Bernardino, Petrarca e Tasso!

O primeiro poeta da actualidade — Lamartine — que tanto tem concorrido para a civilisação do mundo, declara nas suas ultimas revelações, que Julia e Graziella partilhão da gloria de seu nome.

Diz a distincta escriptora chinesa Pan-Hoci-Pan, no seu famoso tratado de educação, que a mulher substituiu á rudeza feroz dos primeiros seculos, o doce imperio do amor!

O amor da mulher é pois um facho de civilisação, que clareando as trevas da ignorancia, suspende o curso da paixões tenebrosas, levanta os desgraçados do charco das torpezas, e os regenera, lavando-lhes os salpicos da perversidade.

Diz Victor Hugo, que é mais facil a ortiga aferrar suas raizes no gelo, que medar o vicio no coração do homem, illuminado pelo amor da mulher.

Por consequencia a mulher tem exercido em todos os tempos uma influencia benefica, na civilisação dos povos.

Terminarei o meu parecer com a seguinte observação de um escriptor moderno:

“A primeira obra do Creador foi separar a luz das trevas. Essa luz collocou-a nos olhos da mulher. Querer offuscal-a é uma pretensão louca, negal-a é ser inimigo de Deus e dos homens.”

Porto Alegre 3 de Agosto de 1868.

Nicolau Vicente.

—o-O-o—

A ARCADIA

Não cansa Antonio Joaquim Dias.

Infatigavel lidador na liça litteraria, ha quatro annos lucha, lucha e não se o viu inda recuar e tremer ante os obstaculos e obices que se lhe antolhavam medonhos e quasi insuperaveis.

E' um bravo o nosso amigo, um distincto batalhador!

Sahiu a 4.^a serie da *Arcadia*. Foi um novo triumpho sobre as manifestações da epocha, foi mais uma geira que a republica das letras juntou a seus territorios, mais uma conquista do espirito reaccionario contra o avito estado do pensamento atado ao Caucaso do materialismo.

Vejão-n'a, seu porte cresceu, hoje é um Antão que sahio da terra e sobranceiro destaca-se nos azues horisontes do Rio Grande.

Leião-n'a, e encontrarão as flôres mimosas da poesia cingindo o pomo fecundo da sciencia.

... — *Utile dulci miscere* — é hoje seu programma.

Como outr'ora excluiu a politica de seus dominios.

Louvamol-a por essa idéa, por essa firmeza que repelle as fascinações e os encantos da sereia.

Louvamol-a porque a politica é a litteratura em seu desenvolvimento, em sua marcha, devem andar juntas, mas nunca cosorciadas em seus designios e fins.

Uma vive entre bulções d'um céu constantemente de bronze, caminha sobre um chão de cardos que ensanguentam as plantas dos que por alli passam; a outra ao contrario ama o silencio, procura a temperatura suave e amena das primaveras. Uma alimenta-se do tumulto, a outra da solidão.

Prosiga a *Arcadia* com a mesma bandeira, com os mesmos sentimentos e aspirações de seu passado e sempre tremos um abraço para recebê-la, e a voz do entusiasmo para saudal-a.

Appollinario Porto Alegre.

EMENTARIO MENSAL

Realmente não ha cousa que mais mortifique o espirito do que seja uma creatura impôr-se o dever de escrever uma chronica, e esta litteraria, e sentir-se depois falho de idéas e de paciencia.

E' horrivel!...

Ainda se houvesse possibilidade de encontrar-se inspiração n'um trago ardente de cognac, ou nas espiraes de um charuto, mas nem ahi; a cabeça resfriada pelo minuano é incapaz de ceder, e o cerebro como que contrahe-se a produzir nada.

E ha quem ame o inverno; quem ame ver a natureza envolvida em seus nevoeiros humidos, pallida e triste, scismadora e languida como a virgem após o delirio da walsa; quem ame o zumbir do vento pelas frestas da porta, e o estalar monotono da chuva na calçada!

Que cousa, e que gosto!

Ver estragos na natureza, e locupletar-se mirando-lhe os despojos!

Felizmente eu amo o verão. Oh! como é bello ver-se n'esse tempo as campinas — matizadas, o céu — limpido, as aguas — brilhantes, e o sol ardente dardejar seus raios dourando os pincaros das serranias!

E á noite, quando a brisa remoreja mansa e mansa nos florestaes immensos, e frouxo a lua o seu clarão derrama, prateando a lympha que marulhosa serpêa! Que scismas!, que canticos suaves não desprende o coração que ancêa de saudade, d'esse sentir acre-doce, que tão bem pintão estes versos de um poeta, que já não é do mundo:

"Saudade é santo sentimento justo,

"Que as almas nutrem no viver ausente,

"Saudade é riso que descerrão labios,

"E dôr amarga que meu peito sente!

Mas deixemos o verão, e tratemos da chronica, que, graças ao minuano, vai ser friamente confeccionada.

* * *

Sus! mocidade, que o estadio a percorrer é longo; ergue a fronte sobranceira, e fito o olhar no horisonte da sciencia, mostra pela illustração do espirito que és grande e forte a querer conquistar um posto de honra na vanguarda da civilisação. Não retrocedas: a victoria é certa, e a patria te contempla!

Não vá alguém pensar que fazemos n'este momento uma proclamação de guerra, não; dirigimo-nos apenas ao Athenêo Academico de Marinha, associação que acaba de ser fundada no Rio de Janeiro, e cujo fim é, por meio de discussões relativas a todas as materias que possam interessar ao official de marinha de guerra, promover o desenvolvimento intellectual.

E' pois a essa mocidade que se levanta, e avida de saber e de glorias concentra-se no estudo das sciencias, que nós, pequenos obreiros da grande obra do futuro, fazemos uma saudação.

Ainda uma vez: Avante!

Mais dous livros, e de summa importancia, acabão de ser impressos no Rio:

Roteiro da costa do Brasil desde o rio Mossoró até o rio S. Francisco pelo capitão de fragata Manoel Antonio Vital de Oliveira, e **Melhoramentos dos portos do Brasil**, pelo conselheiro Manoel da Cunha Galvão.

São mais duas obras á attestar o aperfeiçoamento das sciencias devassadas pelo espirito investigador do homem, e um grande serviço prestado ao paiz pelos dous distinctos escriptores.

*
*
*

Consta-nos que o Sr. conego José de Noronha Napoles Massa, director do collegio Gymnasio Porto-Alegrense, compoz uma grammatica philosophica da lingua portugueza, e vai publical-a.

Não temos conhecimento do trabalho do Sr. conego Massa, mas pensamos que é de muito merecimento, já pelo que temos ouvido dizer, já porque reconhecemos a illustração do seu autor.

Fazemos votos para que o mesmo Sr. se apresse em dar á luz a sua grammatica, certos de que com ella aproveitará a instrucção.

*
*
*

Passemos ao theatro.

A companhia Cabral continúa em seu mar de rosas; sempre espectaculos, e sempre boas casas!

Verdade é que o Sr. Cabral esforça-se por agradar, sendo acompanhado sempre n'esse desejo por todos os actores.

Quatro dramas novos forão representados durante o mez: **Mulher e mãe**, do Sr. Eudoro Berlink, **Mineiros da desgraça**, do Sr. Quintino Bocayuva, **Maria Joanna ou a pobre mãe**, drama francez, e o **Anjo da resignação**, do actor Sr. Bartholomeu Magalhães.

O segundo e o terceiro tendo sido representados agora no nosso theatro, já o forão em outros, por isso nada diremos sobre elles, e antes passaremos a occupar-nos ainda que ligeiramente com os outros dous.

O primeiro é o do Sr. Eudoro Berlink.

Não fazemos uma analyse do drama **Mulher e mãe**; faltão-nos habitações principalmente relativas a esse genero de litteratura, e o espaço que comporta o Ementario é curto; diremos apenas algumas palavras que exprimirão a nossa fraca opinião.

A regeneração da mulher pelo amor maternal é um thema, sem duvida, sublime, e que toca o coração; foi pois feliz o distincto escriptor na sua escolha, cujo fim é incontestavelmente moral.

O Sr. Berlink desenvolveu mais ou menos com bom exito a these sobre que se propoz escrever, e ainda que tenha sido por demais extenso em alguns dialogos, não deixão comtudo estes de agradar, já pela belleza do estylo, já pela naturalidade.

Digamos alguma cousa com relação ao principal typo — o de Georgina.

O drama ainda que deva ser uma exposição fiel das scenas da vida real, entendemos todavia que certos factos que n'ella se dão, podendo ser considerados por sua natureza uma aberração, não devem ser exhibidos, uma vez que de alguma fórmula não sejam modificados.

O desamor de Georgina á sua filha de seis annos e moribunda, é um d'esses factos, e com quanto não o consideremos de todo inverossimil, não podemos deixar de dizel-o revoltante.

E' uma mãe que aborrece o fructo de suas entranhas, a carne de sua carne, que quebra uma lei sagrada da natureza, e a quem, nem os preconceitos sociaes, nem o amor e as palavras graves de um marido extremoso, podem impedir o passo para o abysmo de onde tarde se erguerá arrependida. E' verdade que Georgina recebera o dote que se dirige á intelligencia, e não aquelle que aperfeiçoa o coração; era illustrada, e não educada; mas mesmo assim, pelo facto unico de ser mãe, devia naturalmente sentir, como sentem as proprias fêras.

Não queremos dizer com isto que, allucinada pelo amor que lhe inspirára Jorge, se é que aquelle peito podia amar, ella não o seguisse na qualidade de amante; queriamos apenas que houvesse hesitação, e embora aberto o coração ao crime, ella sentisse ainda um pulsar que lhe recordasse a filha. Então o cynismo com que Georgina, em presença do marido, aceita o braço do amante e sahe, seria disfarçado talvez pelas lagrimas da mãe, que em todo o caso era a mulher pervertida.

Duas palavras agora sobre o modo por que se opera a regeneração de Georgina, e depois apontaremos uma ou duas scenas do drama, que especialmente merecem, no nosso fraco entender, a attenção do autor.

Crêmos que o trabalho do Sr. Berlink é o resultado das impressões do drama italiano — *Estatua de Carne*, por isso que, sendo a these a mesma, ha semelhança de scenas, não o sabemos; mas se assim é, sentimos que o novel dramaturgo não tenha preparado a regeneração da sua Georgina, como o fez o autor da *Estatua de Carne* á sua Noemia, para o que lhe poderia ter servido aquelle bom e sympathico Dr. França, a quem ella communicava os seus malevolos projectos, e a quem pedia conselhos.

Georgina vê a filha que não conhecia, e immediatamente troca a vida dissoluta, pela da penitencia, fecha o coração aos crimes e abre-o á mais austera virtude.

Esta transição repentina, com quanto não seja inteiramente impossivel, é todavia singular, mormente quando Georgina durante dez annos não tivera um momento de pensar para a filha, quando não tivera uma palavra que attestasse uma lembrança d'aquella innocente, que tão cruelmente havia abandonado.

Talvez que andemos errados n'esta ligeira apreciação, mas expomos a nossa opinião como ella é, não negando nunca ao Sr. Berlink as merecidas palmas que colheu na sua estrêa.

Quanto ás scenas, diremos que são bem combinadas e de bom effeito dramatico, devendo comtudo serem algumas mais rapidas para melhor impressionar, como sejão: aquella em que Affonso vê Georgina em colloquio amoroso com Jorge e planejando a fuga, e — a em que a mãe pede á filha, não uma esmola de dinheiro, mas uma palavra partida do coração, e unica precisa á sua salvação.

Na primeira, além de demasiada prudencia em Affonso, ha aquelle mutismo que difficilmente póde ser sustentado pela gesticulação, tornando-se por isso susceptivel do ridiculo; na segunda notamos uma certa frieza que não está em relação com o sentimento impetuoso do amor maternal, que de um jacto abrasára o coração de Georgina.

Não lêmos o drama do Sr. Berlink; temos sómente as impressões da primeira representação, e é pois facil que erremos; em todo o caso pedimos ao illustrado escriptor que nos desculpe estas linhas que pouco podem valer; mesmo por que não nos arrogamos os fóros de litteratos, e apenas dizemos o que sentimos, certos ainda de que o drama do Sr. Berlink, embora um ou outro defeito, é um dos melhores que se tem representado no nosso theatro.

Passemos agora ao *Anjo da resignação*, bella e promettedora estrêa

do intelligente actor o Sr. Magalhães, a quem n'este momento saudamos.

Como acontece sempre ás primeiras producções do ingenho humano, o trabalho do Sr. Magalhães tem alguns defeitos que, no entanto, cremos desapparecerão, mediante uma leitura meditada do autor, em quem reconhecemos vigoroso talento.

Somos bastante fracos, como temos dito, para analysar trabalhos, mórmente d'este genero; não o faremos, pois, e só diremos alguma cousa conforme o nosso pensar, e não relativamente á these, aliás de summa moralidade, e sem duvida bem desenvolvida, e em linguagem facil e agradável.

Sentimos ter de dizer que achamos o primeiro acto frio a não haver quasi effeito theatral, o que de certo modo oppõe-se ás regras da arte tão recommendadas por Schlegel, e pouco attendidas pela maior parte dos escriptores dramaticos.

Entendemos que o dramaturgo deve, desde que comece a desenvolver a these que faz o objecto do seu trabalho, ter em vista sempre impressionar, já pela melhor disposição das scenas, já pela energia das fallas, segundo o jogo physionomico. Desde que prehensão-se estas condições do drama em seu principio, facil é pelas diversas e successivas mutações de scenas produzir impressões mais fortes, e despertar mais vivo interesse.

Não reina a mesma frieza nos outros actos; são todos cheios de animação, e mesmo ha muitos lances dramaticos; por isso nada diremos sobre elles, e sim alguma cousa sobre tres scenas com as quaes quasi discordamos.

E' a primeira aquella em que Albuquerque sem consultar o coração de Ricardina, promette-a em casamento a Roberto de Mendonça. Albuquerque estava arruinado, é certo, devia aceitar o offerecimento de Roberto, que se dizia seu amigo; mas o que julgamos é que nunca devia dispôr do coração da filha que tanto amava, que era o seu idolo, para querer sacrificar-a a um homem a quem ella aborrecia. Em tal caso aquella felicidade que desejava á sua filha, e pela qual tremia vendo-se arruinado, foi esquecida, e Albuquerque tornou-se de pai extremo em algoz cruento.

A segunda é a scena da fuga.

Achamos muito natural, que Ricardina vendo-se forçada a uma união, que lhe seria fatal, resolvesse a fuga com Cezar de Athayde a quem amava, principalmente quando este, sob juramento, promettera despozar-a; o que, porém, notamos alguma precipitação da parte de Ricardina, que sequer não pensou no escandalo que dava, aproveitando-se justamente do dia do seu anniversario e do momento em que as salas de seu pai regorgitavam de convidados, para effectuar o que havia resolvido.

Pensamos que, como boa filha, Ricardina devia poupar a Albuquerque não, o golpe, porque era inevitavel, mas um duplo desgosto partindo n'aquella occasião.

E não poderia ella ter tentado mais uma vez contra a resolução de seu pai, servindo-se da carta que lhe dirigira Roberto de Mendonça?

Crêmos que sim, sem comtudo deixar de haver drama.

Passemos á terceira scena, em que ha vislumbre de impossibilidade. E' aquella em que Albuquerque, então ministro de Deus, ouve de confissão a Ricardina.

Admittimos que Albuquerque, passados quinze annos que não via Ricardina, então alquebrada, e moribunda não reconhecesse n'ella a sua filha. E' possivel; os trabalhos e as doenças transformão as creaturas, e ás vezes tanto, que um pai pôde desconhecer a filha; mas o que nos parece inverosimil é que Ricardina, tendo deixado a casa paterna na idade de vinte e dous annos, não desprendesse um grito

do coração, ao vêr aquelle ministro de Deus, cuja voz não podia ter soffrido alteração, e cujo semblante era o de Severino de Albuquerque.

Eis o que pensamos.

Pedimos ao Sr. Magalhães que nos desculpe o que fica dito, e creia que não exaramos a nossa opinião por engrandecer-nos; nos reconhecemos bem pequenos em materia tão difficil.

Basta. Estão escriptas vinte e duas tiras, e sem termos dito talvez cousa alguma; acontece d'isto ás vezes; mas o que podemos assegurar é que, se deu-se o facto, é culpa da nossa intelligencia, pois nem todos calção pela mesma medida e além d'isso não póde produzir boas flores um terreno que é máo.

A. e S.

ACTA

3.^a Sessão ordinaria em 7 de Fevereiro de 1869.

Presidencia interina do Sr. Affonso Luiz Marques.

A's 8 horas da noite, presente 12 Srs. socios, e tendo-se recebido communicação do Sr. presidente effectivo de achar-se enfermo, pelo que não podia comparecer, abriu-se a sessão.

Foi lida e sem debate approvada a acta da antecedente.

Foi lido o expediente a cargo do 1.^o secretario.

Forão aceitos 3 socios effectivos.

O Sr. Sá Brito requereu demissão dos cargos para que fôra eleito, allegando para justificação de sua resolução os seus multiplos affazeres. A casa rejeitou por unanimidade de votos o requerimento.

Não tendo havido leitura de producções dos socios, passou-se á

2.^a parte da ordem do dia.

O Sr. Arthur de Lara Ulrich leu o seu parecer sobre a these philosophica: **"A guerra tem sido ou não util á humanidade?"**

Orarão o autor e os Srs. Appollinario e Achylles; ficando a discussão adiada pela hora e com a palavra o Sr. Affonso Marques.

Quando se discutia o parecer, compareceu o Sr. Pedro Antonio da Silva Horta, que occupou a cadeira da presidencia; e depois de dar para ordem do dia a discussão da referida these, levantou a sessão ás 9 ½ horas da noite.

O 2.^o Secretario,

Aurelio V. de Bittencourt.

ERRATA DO N.º 4

Correspondente ao mez de Junho.

Paginas	onde lê-se:	leia-se:
3	sapucarlina	sapucairana.
"	perbustou	perlustrou.
4	voltigar	voltijar.
5	adornada	adormida.
5	Architas	Archias.
5	lhe quebrar o corpo	lhe quebrar o corpo.
6	antithenaliante	antithese saliente.
6	retulava	revelava.
6	enturmecencias	entumecencias.
6	gesto declaratorio	gesto declamatorio.
7	em se quer	sem se quer.
7	limpava assim	limpava o suor assim.
12	nem mesmo eu sei	nem mesmo o sei.
12	a um grão tão só,	a um só grão.
12	meu ser todo no olvido	meu ser todo no ouvido.
13	contra o Senhor	contra Deus.
13	a mente encerra	a morte encerra.
13	a uma praia gelida	erma praia gelida.
13	caligens	caligens.
14	as encerra	os encerra.
24	nenhum tocava-as	nenhuma tocou-as.
25	chuvas de balas cubrira	chuvas de balas cobrião-nos.
26	encandeava	prendia.
30	e seu corpo	e se seu corpo.